



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

WEBER JOSÉ NEIVA CHAVES

**BRAZLÂNDIA, AGRICULTURA E IDENTIDADE: FRAGARIAS, DA FESTA DO
MORANGO E DA REIFICAÇÃO TRIUNFANTE DA MERCADORIA AO
SIMULACRO E À VENDA SEM CHARME DOS AMBULANTES**

Brasília

2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**BRAZLÂNDIA, AGRICULTURA E IDENTIDADE: FRAGARIAS¹, DA FESTA DO
MORANGO E DA REIFICAÇÃO TRIUNFANTE DA MERCADORIA AO
SIMULACRO E À VENDA SEM CHARME DOS AMBULANTES**

WEBER JOSÉ NEIVA CHAVES

Orientadora: Professora Dra. Marília Luiza Peluso

Dissertação de Mestrado

Brasília-DF: Setembro / 2011

¹ Morangueiro é o nome comum de um conjunto de espécies, com seus híbridos e cultivares, do gênero *Fragaria*, que produz o morango, incluindo um conjunto alargado de espécies e variedades silvestres. Existem mais de 20 espécies do gênero *Fragaria* que recebem a designação comum de morangueiro, com ampla distribuição nas zonas temperadas e sub-tropicais.

**BRAZLÂNDIA, AGRICULTURA E IDENTIDADE: FRAGARIAS, DA FESTA DO
MORANGO E DA REIFICAÇÃO TRIUNFANTE DA MERCADORIA AO
SIMULACRO E À VENDA SEM CHARME DOS AMBULANTES**

WEBER JOSÉ NEIVA CHAVES

Dissertação apresentada à Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Programa de Pós-graduação em Geografia, Mestrado Acadêmico, como requisito para obtenção do Título de Mestre, área de concentração Gestão Ambiental e Territorial.

Aprovado por:

Professora Dra. Marília Luiza Peluso – UnB.
Orientadora

Professora Dra. Lúcia Cony Faria Cidade – UnB.
Examinadora Interna

Professor Dr. Sullivan Charles Barros – UniEURO.
Examinador Externo

Brasília-DF, 30 de setembro de 2011

CHAVES, WEBER JOSÉ NEIVA CHAVES

Brazlândia, agricultura e identidade: fragarias, da festa do morango e da reificação triunfante da mercadoria ao simulacro e a venda sem charme dos ambulantes, 134 p., 297mm, (UnB-IH, Mestre, Gestão Ambiental e Territorial, 2011).

Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília. Instituto de Ciências Humanas. Departamento de Geografia.

1. Brazlândia

2. Cultura

3. Simulação

4. Sociedade Contemporânea

5. Território

I. UnB-IH

II. Título (série)

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta dissertação e emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor.

Weber José Neiva Chaves

Dedico este estudo aos meus filhos Larissa
A. Chaves e Vítor A. Chaves.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido este maravilhoso momento.

Agradeço a minha estimável esposa pela dedicação e apoio.

Agradeço a meus filhos que souberam compreender as horas em que me ausentei de seus convívios.

Agradeço à Professora Dra. Lúcia Cony Faria Cidade que muito contribuiu para minha formação com as disciplinas disponibilizadas no curso.

Agradeço à minha orientadora, Professora Dra. Marília Luiza Peluso pelo apoio, interesse, entusiasmo e disponibilidade nas horas necessárias. Já num primeiro momento percebi o quanto teria a ganhar intelectualmente com a sua convivência. Uma incansável orientadora.

Agradeço aos colegas de aula pelos momentos de estudos e entretenimento.

Agradeço ao amigo Rubens pela confiança e apoio na concretização desse projeto de minha vida.

Agradeço aos meus irmãos, que contribuíram de forma natural, apesar da distância, alimentando-me com o afeto familiar.

Agradeço à minha mãe (in memória), que dedicou sua vida no cuidado dos filhos, mulher de fibra.

Agradeço ao meu pai, que sempre se preocupou com a formação intelectual de seus filhos, homem de caráter.

Os homens concebem seu ambiente como se houvesse um espelho que, refletindo suas imagens, os ajuda a tomar consciência daquilo que eles partilham.

Paul Claval
(CLAVAL, 1999b, p. 11)

RESUMO

As transformações que a sociedade contemporânea tem passado impõem novos desafios a serem enfrentados pela coletividade. A história da formação e evolução das cidades demonstra que há correspondência entre lugar e sociedade, e que a cultura tem sido a grande mediadora para entender o processo de desenvolvimento social e espacial. A Geografia ao propor a abordagem cultural como método de análise geográfica oferece uma nova perspectiva de conhecimento da sociedade, em que a cultura passa a ter importância na gestão do território, pois a cultura não apenas expressa relações entre forças econômicas, sociais e políticas que se desenvolvem na sociedade local, como também se articula crescentemente a processos mais amplos que ocorrem no país e no mundo. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica. As representações são de fundamental importância para a análise regional, pois propiciam uma leitura interiorizada sob a ótica do cotidiano vivido pelos grupos humanos. Contudo, a humanidade vive um momento em que a cultura tem se desligado da história da sociedade e dos mitos que a constituíram, ganhando autonomia. Portanto, faz-se necessário verificar se símbolo e realidade estão conectados num mesmo processo ou, se a ideologia presente no ambiente social e espacial não se encontra dissimulando o real e tentando impor-lhe a sua significação, originando uma simulação que produz alienação social e provoca o desaparecimento das sociedades como sistemas integrados e portadores de um sentido geral. A presente dissertação tem como objetivo analisar como o processo acima ocorre em Brazlândia, IV Região Administrativa (RA) do Distrito Federal (DF).

As hipóteses das quais se parte são:

a hipótese geral considera que o mundo contemporâneo da mercadoria e da simulação simbólica é uma realidade global e os espaços, mesmo os menores, se produzem e reproduzem de acordo com suas normas e condicionamentos.

As hipóteses específicas são a de que:

a identidade local de Brazlândia desenvolve-se a partir do papel agrícola e da tradição rural, com os quais sempre se envolveu, mesmo antes da criação do DF;

no jogo urbano e rural, a produção de morangos cria representações sociais simuladas, que contribuem para fortalecer a identidade rural da IV Região Administrativa do Distrito Federal; o sentimento da Brazlândia de pertencimento ao DF está associado à agricultura que disponibiliza para todo o Distrito Federal e ao seu modo particular de vida dentre as demais regiões administrativas.

Palavras chaves: Brazlândia, cultura, simulação, sociedade contemporânea e território.

ABSTRACT

The transformations that contemporary society has undergone create new challenges to be faced by the community. The history of the formation and evolution of cities shows that there is a relationship between place and society, and that culture has been a mediating force to understand the process of cultural and spatial development. Geography offers a new perspective for understanding society and a new method of analysis, in which culture comes to have importance in the management of territory, since culture not only expresses the relationship between the economic, social, and political forces that develop in local society, but also increasingly mirrors wider processes that occur in the country and in the world. A cultural approach thus integrates the mental representations and subjective reactions in the field of geographic research. These representations are of fundamental importance for regional analysis, given that they allow an interiorized reading from the perspective of everyday life as experienced by groups of humans. However, humanity is living in a moment in which culture has gained autonomy and has been disconnected from societal history and the myths which were constructed. Therefore, it is necessary to verify whether symbol and reality are connected in one process, or if the ideology present in social and spatial environment is not disguising the real and trying to impose its meaning, creating a simulation that produces social alienation and provokes the disappearance of societies as integrated systems.

This dissertation aims to analyze how the above process occurs in Brazlândia, IV Administrative Region (AR) of the Federal District (DF) of Brazil.

The initial hypotheses are:

a general hypothesis that the contemporary world of goods and of symbolism is a global reality and that spaces, however small, produce and reproduce in accordance with their rules and conditions.

Specific hypotheses are that:

Brazlândia's local identity is developed from the role of agriculture and rural tradition, with which it always presents, even before the creation of the Federal District;

In the urban and rural game, strawberry production creates simulated social representations, which help strengthen the rural identity of the IV Administrative Region of the Federal District;

Brazlândia's feelings of belonging to the DF are associated with the agriculture that provides for all of the Federal District and with its particular way of life when compared to the other administrative regions.

Keywords: Brazlândia, culture, simulation, contemporary society and territory.

RESUME

Les transformations dont la société contemporaine a souffert imposent des nouveaux défis à être affrontés par la collectivité. L'histoire de la formation et l'évolution des villes montre qu'il existe une correspondance entre le lieu et la société et que la culture a été le médiateur majeur pour faire comprendre le processus de développement aussi social que de l'espace. Géographie en proposant l'approche culturelle en tant que méthode d'analyse géographique offre une nouvelle perspective de connaissance de la société, où la culture vient de jouer un rôle très important dans la gestion des terres, parce que la culture non seulement exprime les relations entre les forces économiques, politiques et sociales lesquelles se développent au cœur de la société locale, mais articule aussi les processus plus large qui se produisent dans le pays et dans le monde. L'approche culturelle intègre les représentations mentales et les réactions subjectives dans le domaine de la recherche géographique. Les représentations sont d'une importance fondamentale pour l'analyse régionale, car ils permettent une lecture vers l'intérieur de la perspective de la vie quotidienne vécue par les groupes humains. Toutefois, l'humanité vit un moment où la culture a été déconnectée de l'histoire de la société et des mythes desquels elle a pris son origine et gagne son autonomie. Cependant, il va falloir vérifier si le symbole et la réalité sont connectés dans le même processus, ou, si l'idéologie présente dans l'environnement social et dans l'espace ne se trouve pas en déguisant le réel et tente d'imposer sa signification, en donnant une simulation qui produit l'aliénation sociale et cause la disparition des sociétés en tant que systèmes que intègrent et porteuses de sens général. Cette thèse vise à analyser la façon dont le processus ci-dessus se produit dans la ville de Brazlândia, IV Région administrative (RA) du District Fédéral (DF).

Démarrons par les suivantes hypothèses.

Il considère l'hypothèse générale que le monde contemporain de marchandises et de la simulation symbolique c'est une réalité mondiale et les espaces, même minimum, se produisent et se reproduisent, en conformité avec ses règles et sous conditions.

Les hypothèses spécifiques sont les suivants:

L'identité locale de Brazlândia se développe à partir du rôle de l'agriculture et de la tradition rurale, avec lesquelles elle a eu toujours rapport, avant même de la création du District fédéral;

Par rapport à son rôle jouée dans les domaines urbaines et rurales, la production de fraises a créé représentations sociales simulées, qui contribuent à renforcer l'identité rurale de la quatrième région administrative du District fédéral;

Le sentiment de la Brazlândia par rapport son appartenance aux DF est associée à l'agriculture dont les produits elle les fournit aux district fédéral tout entier et de son mode de vie particulier parmi les autres régions administratives.

Mots-clés: Brazlândia, la culture, la simulation, la société contemporaine et le territoire.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE GRÁFICOS, FLUXOGRAMA E TABELAS

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 14 |
| 1 UM “NOVO” OLHAR DA CIÊNCIA NA CONCEPÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO | 23 |
| A CULTURA COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE TERRITORIAL | 26 |
| 2 O HOMEM COMO CENTRO DA ANÁLISE REGIONAL | 31 |
| 2.1 A SUBJETIVIDADE HUMANA E A CONSTRUÇÃO DOS SIGNIFICADOS | 31 |
| 2.2 A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE | 34 |
| 2.3 A IDENTIDADE REGIONAL | 38 |
| 3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO TERRITÓRIO | 42 |
| 3.1 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS | 42 |
| 3.1 SIGNIFICAÇÃO, SIMULAÇÃO E REIFICAÇÃO | 47 |
| 3.2 AS CIDADES E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SEUS TERRITÓRIOS | 57 |
| 4 O PANORAMA DO MERCADO DO MORANGO | 62 |
| 4.1 O PANORAMA NO MERCADO MUNDIAL DO MORANGO | 62 |
| 4.2 O PANORAMA NO MERCADO BRASILEIRO DO MORANGO | 64 |
| 5 A REGIÃO ADMINISTRATIVA IV – BRAZLÂNDIA: ANÁLISE PARA UMA GESTÃO TERRITORIAL | 67 |
| 5.1 (RE) CONHECENDO O DISTRITO FEDERAL | 67 |
| 5.2 BRAZLÂNDIA: ANÁLISE PARA UMA GESTÃO TERRITORIAL | 74 |
| 5.3 A PRODUÇÃO DO MORANGO EM BRAZLÂNDIA | 84 |
| 5.4 A CADEIA DE DISTRIBUIÇÃO DO MORANGO | 92 |
| 5.5 A FESTA DO MORANGO | 100 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 109 |
| REFERÊNCIAS | 112 |
| APÊNDICES | |
| ANEXOS | |

FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 4.1: Mapa da distribuição da aquisição domiciliar per capita anual em Kg de morangos por família | 66 |
| Figura 5.1: Distrito Federal | 67 |
| Figura 5.2: Mapa Político do Distrito Federal | 69 |
| Figura 5.3: Mapa de uso das terras da cidade-satélite Brazlândia (2007) | 73 |
| Figura 5.4: Região Administrativa IV – Brazlândia – DF | 74 |
| Figura 5.5: Área urbana e rural de Brazlândia – DF | 74 |
| Figura 5.6: Foto aérea de Brazlândia – DF | 75 |
| Figura 5.7: Mapa da Estrada Colonial, “Estrada Real”, em 1730 | 76 |
| Figura 5.8: Aniversário de Brazlândia – Ano 2010 | 82 |
| Figura 5.9: Santuário Menino Jesus de Praga | 82 |
| Figura 5.10: Imagem do Menino Jesus de Praga | 83 |
| Figura 5.11: Produção de morango – Brazlândia | 84 |
| Figura 5.12: DF-430, Rodovia do Morango | 87 |
| Figura 5.13: Galpão de comercialização de produtos à varejo no CEASA/DF, denominado “na pedra” | 92 |
| Figura 5.14: Ambulantes comercializando morango na EPIA | 94 |
| Figura 5.15: Ambulantes comercializando morango na BR-040 | 94 |
| Figura 5.16: Supermercados PraVocê – Brazlândia | 95 |
| Figura 5.17: Nada lembra morango em Brazlândia | 96 |
| Figura 5.18: Sistema de produção de morangos com mulching e túnel baixo .. | 98 |
| Figura 5.19: Competição do melhor morango de Brazlândia na ARCAG, caixa com 4 mini-bandejas de 300g – Ano 2010 | 99 |
| Figura 5.20: Mapa pictórico da Sede da ARCAG em Brazlândia | 101 |
| Figura 5.21: Sede da ARCAG em Brazlândia | 101 |
| Figura 5.22: Morangolândia - Festa do Morango de Brasília - ARCAG - 2011 | 102 |
| Figura 5.23: 16ª Festa do Morango na ARCAG, ano 2011 | 103 |
| Figura 5.24: Desfile das candidatas à Rainha, na 14ª Festa do Morango na ARCAG | 104 |

| | |
|---|-----|
| Figura 5.25: Rainha da 15ª Festa do Morango, em 2010, recebe cheque do Administrador Regional de Brazlândia | 104 |
| Figura 5.26: Rainha da 16ª Festa do Morango, em 2011 | 105 |
| Figura 5.27: 16ª Festa do Morango de Brasília | 107 |

GRÁFICOS, FLUXOGRAMA E TABELAS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 4.1: Distribuição por continente da produção mundial de morango em 2006 | 62 |
| Gráfico 5.1: Composição do Produto Interno Bruto do DF em 2007 | 68 |
| Gráfico 5.2: População do Distrito Federal por Regiões Administrativas – 2011 | 71 |
| Gráfico 5.3: Classes de uso das terras da cidade-satélite Brazlândia (%) - 2007 | 73 |
| Gráfico 5.4: População urbana imigrante em décadas | 79 |
| Gráfico 5.5: Brazlândia: população urbana e rural 2010 | 80 |
| Gráfico 5.6: Brazlândia: área urbana e rural – Km ² | 81 |
| Gráfico 5.7: Brazlândia: área agrícola cultivada | 89 |
| Gráfico 5.8: Custo de Produção: Morango | 90 |
| Gráfico 5.9: Produto Interno Bruto – Brazlândia – Ano 2009 | 91 |
| Gráfico 5.10: População Economicamente Ativa Urbana por Setor de Atividade Remunerada Brazlândia Distrito Federal – 2011 | 91 |
| Gráfico 5.11: Ambulantes que comercializam morangos no plano piloto e rodovias do Distrito Federal - Ano 2011 | 94 |
| Gráfico 5.12: Comercialização do morango produzido em Brazlândia em toneladas – 2010 | 100 |
| | |
| Fluxograma 5.1: Cadeia de distribuição dos morangos produzidos em Brazlândia | 95 |
| | |
| Tabela 4.1: Maiores Estados produtores de morango e participação em porcentagem | 65 |
| Tabela 5.1: Regiões Administrativas do Distrito Federal | 70 |
| Tabela 5.2: Brazlândia: população, área e densidade demográfica – 2010 | 80 |

INTRODUÇÃO

A história da formação e evolução das cidades demonstra que há correspondência entre lugar e sociedade, e que a cultura tem sido a grande mediadora para entender o processo de desenvolvimento local. A cultura detém o poder de moldar comportamentos e criar identidades e de perpetuá-las. Dessa forma, admite-se que a cultura está intimamente ligada ao sistema de significados e de valores que criam uma identidade manifestada mediante construções compartilhadas socialmente e expressas espacialmente. Ou seja, admite-se que a cultura, no seu sentido antropológico mais amplo, representa todo o modo de vida de uma sociedade, o que não inclui somente a produção de objetos materiais, mas também imateriais. Nesse contexto, os conceitos de base da Geografia - espaço, território, meio-ambiente, lugar e paisagem - são reelaborados, tendo em vista a complexa rede simbólica que envolve a construção cultural.

A Geografia através do enfoque cultural e das representações sociais pode evidenciar os espaços geográficos, contribuindo para que se obtenha uma real identificação dos lugares, o que proporcionará uma maior eficácia na gestão dos territórios. Analisar a cultura histórica, a representação social da produção de determinadas localidades pode corroborar num maior conhecimento de seus territórios, fazendo compreender a significação que a população impõe ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. Permite também decifrar o conhecimento de senso comum e possibilita melhor conhecer a realidade sócio-espacial do lugar. O lugar é visto, portanto, como resultado da interação de uma natureza objetiva concreta e do ser humano, sujeito dotado de subjetividade, que interage e abre diálogo com as intertextualidades de sua vida. Por conseguinte, num ambiente onde há diálogo entre sujeito e objeto, entre homem e natureza. Ambiente onde sujeito e objeto interagem e provocam mudanças no espaço/lugar.

Contudo, a história que nos é entregue no mundo contemporâneo pode não ter mais relação com um real histórico. Seria, portanto, um ambiente de simulação, ou seja, lugar onde a vida sócio-local se encontra mascarada por um real simulado, ao que Baudrillard conceituou de simulacro e o dividiu em quatro fases. Algumas cidades brasileiras demonstram vivenciar essa condição.

A proposta de trabalho busca analisar a relação existente entre o processo de formação sociocultural, ocorrido em Brazlândia, IV Região Administrativa (RA) do Distrito Federal

(DF) e sua identidade atual. Buscar-se-á conhecer a sua história desde a criação para se fazer uma análise sociocultural entre os anos de 1960 e 2011, período em que a RA foi anexada ao DF, teve uma alta corrente migratória, uma grande modificação fundiária, um grande crescimento urbano e um surpreendente crescimento populacional, o que tem contribuído para as transformações sócio-espaciais do lugar. Brazlândia, com um ritmo de vida interiorana e economia baseada na produção agrícola, possui uma história bem mais antiga do que a das outras regiões administrativas do Distrito Federal (DF), com exceção de Planaltina. A RA pertenceu ao Estado de Goiás, antes da criação do DF, no Centro-Oeste brasileiro. Sua tradição agrícola possui raízes no começo do século XX com a vinda de goianos e mineiros que se estabeleceram na região. Com a criação do Distrito Federal, em 1960, no Centro-Oeste brasileiro, Brazlândia passou a pertencê-lo. É a RA mais distante do Plano Piloto. A partir da inauguração de Brasília, iniciou-se uma grande migração para o DF e a cidade-satélite recebeu grande contingente populacional que foram assentados em sua área urbana e rural: agricultores japoneses, vindos do Estado de São Paulo e brasileiros vindos de todas as regiões brasileiras se instalaram na RA.

Brazlândia se fez conhecer pela sua capacidade de produção agrícola. É a cidade-satélite maior produtora de hortifrutigranjeiros no Distrito Federal e dentre as hortaliças a produção de morangos é o destaque atual, sendo a maior do Centro-Oeste e a sétima do Brasil. A RA parece incorporar na sua identidade o fato de ser grande produtora do morango, o que inclui também à mudanças culturais naquela localidade. No ápice da produção e colheita de morango, que ocorre no final do mês de agosto e início de setembro, a cidade-satélite comemora a produção com uma festa local denominada de “Festa do Morango de Brasília”. A festa conta com a participação de jovens da RA que, anualmente, concorrem aos títulos de Rainha e Princesas do Morango. Em agosto de 2011, Brazlândia comemorou a XVI Festa do Morango. A RA que se via como a mais distante de Brasília - Região Administrativa que abriga o centro do poder federal -, sugere permanecer na sua tradicionalidade agrícola e insinua demonstrar estar integrada a todo o DF, mantendo a dinâmica da sua identidade, evidenciando e ratificando seu modo de vida, exportando cultura e construindo representações sociais de suas atividades e se alicerçando numa identidade rural. Contudo, numa rápida observação, constata-se haver um jogo urbano/rural, que se pretende a uma identidade rural, mas a maioria da população é urbana.

No presente trabalho, deverão ser pesquisadas as relações sócio-espaciais da produção do morango com o modo de vida da população da RA. Um bom caminho para o conhecimento de determinada região geográfica é o desvelamento dos processos de formação

cultural, como se pretende fazer em Brazlândia. Admite-se que território e identidade estão indissociavelmente ligados na dinâmica sócio-espacial dos lugares; que o processo é histórico e cultural, e mais, confere uma identidade coletiva ao lugar e faz com que o meio seja internalizado e ressignificado. A identidade é uma construção social e está em sempre desenvolvimento (ERIKSON, 1972), o que a torna sempre objeto de ressignificações.

A pesquisa, através de observações na RA e análise da circulação da mercadoria “morango” pretende descobrir e apreender a realidade que caracteriza a identidade de Brazlândia. A escolha da cidade-satélite para o estudo de caso se deve, especialmente, ao fato de ser a Região Administrativa mais distante do Plano Piloto, aparentar um modo de vida diferenciado das demais RA do DF, e se apresentar como a mais ausente do imaginário do Distrito Federal. Além de estar se impondo como maior produtora de hortifrutigranjeiros, com destaque para a produção de morangos (CEASA/DF, 2011), o que tem levado a RA a editar uma festa anual da hortaliça. Tais fatos fazem da cidade-satélite de Brazlândia um espaço privilegiado para a pesquisa de campo dentro da proposta de conhecer sua identidade e sua formação cultural.

Os dados levantados sobre a identidade de Brazlândia, com ênfase na produção e comercialização de morangos podem auxiliar no conhecimento da dinâmica regional em seus aspectos culturais, levando a enfatizar seus aspectos sociais e a oferecer informações valiosas para a gestão e o planejamento territorial.

Os objetivos do trabalho são:

Objetivo Geral

- analisar como se produzem e reproduzem no mundo contemporâneo, a mercadoria e sua significação simbólica.

Objetivos Específicos

- analisar a formação identitária de Brazlândia-DF, tendo por base seu processo de formação cultural e, dessa forma, verificar se há correspondência entre sua identidade rural e o papel que Brazlândia tem desempenhado no Distrito Federal nos últimos 50 anos.

- analisar se ocorre afirmação da identidade de Brazlândia por intermédio de representações sócio espaciais do território referentes à produção agrícola e de morangos em especial;

- verificar em que medida a Festa do Morango de Brasília corresponde ao que Baudrillard denomina de simulacro².

Para tanto, algumas hipóteses foram levantadas com o intuito de nortear o trabalho. A hipótese geral considera que o mundo contemporâneo da mercadoria e da simulação simbólica é uma realidade global e os espaços, mesmo os menores, se produzem e reproduzem de acordo com suas normas e condicionamentos;

Hipóteses específicas

- a identidade local de Brazlândia desenvolve-se a partir do papel agrícola e da tradição rural, com os quais sempre se envolveu, mesmo antes da criação do DF;

- no jogo urbano/rural, a produção de morangos cria representações sociais simuladas, que contribuem para fortalecer a identidade rural da IV Região Administrativa do Distrito Federal;

- o sentimento da RA de pertencimento ao DF está associado à agricultura que disponibiliza para todo o Distrito Federal e ao seu modo particular de vida dentre as demais regiões administrativas.

Quanto aos aspectos metodológicos que nortearam a pesquisa, entendemos que se não tivéssemos a capacidade de conhecer e de compreender, viveríamos submetidos às leis da natureza, impossibilitados de transformar o mundo para atender às nossas necessidades. A compreensão do mundo ocorre tanto em situações simples do cotidiano quanto nas complexas, em instituições e laboratórios científicos. A realidade se mostra pelo conhecimento que se revela de forma teórico-prática. A realidade é misteriosa, enigmática e através da compreensão, do entendimento ela se revela ao homem. Assim sendo, o espírito científico requer do pesquisador uma mente objetiva, racional e crítica (ZENTGRAF, 1997). Para Morin (1999, p. 58), “A ciência não é uma operação de verificação das realidades triviais”. Um cientista sem imaginação é como um pássaro sem asas. Os dados estabelecem um problema que, para ser resolvido, exige um pulo mental do observador. Ele deve, pela imaginação, construir mentalmente coisas que nunca viu para explicar aquelas que vêm (ALVES, 1981).

A metodologia adotada na pesquisa depende diretamente do objeto em estudo, de sua natureza, amplitude e dos objetivos do pesquisador. Em geral, segundo Quivy e Campenhoudt

² Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência. Mas é mais complicado, pois simular não é fingir. Aquele que finge uma doença pode simplesmente meter-se na cama e fazer crer que está doente. Aquele que simula uma doença determina em si próprio alguns dos respectivos sintomas (BAUDRILLARD, 1991, p. 9).

(2008), a intenção dos pesquisadores em ciências sociais não é só descrever, mas compreender os fenômenos e, para tanto, torna-se necessário recolher dados que mostrem o fenômeno de forma inteligível. Daí, a necessidade de um método, de um processo de produção do conhecimento.

Por se tratar de uma pesquisa de cunho sócio-espacial-cultural, o período abordado para a análise teve início quando da criação de Brazlândia ainda como Distrito de Santa Luzia-GO (hoje Luziânia) em 1932, e se estendeu aos dias atuais.

Trabalhar com as representações sociais (RS) proporcionou um melhor conhecimento da RA IV - Brazlândia, uma vez, que as RS permitem decifrar o conhecimento de senso comum existente e assim melhor conhecer a realidade da sociedade.

A metodologia de pesquisa abrangeu a utilização de material teórico com levantamentos de referências bibliográficas e seleção de obras pertinentes à pesquisa. A pesquisa bibliográfica teve a finalidade de levantar as contribuições culturais e científicas, dados relevantes e dados atuais, já existentes sobre o tema encontrados em livros e documentos similares. Foram realizados alguns trabalhos em campo. O estudo de caso na Região Administrativa – IV de Brazlândia permitiu a investigação dos aspectos da sua vida cotidiana.

Em um primeiro momento, com o objetivo de desvendar dados sobre Brazlândia, foi realizada uma observação exploratória assistemática³ na RA. Segundo Lakatos (1996. p. 79),

A observação também é considerada uma coleta de dados para conseguir informações sob determinados aspectos da realidade. Ela ajuda o pesquisador a “identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento”.

Além, da observação também obrigar o pesquisador a ter um contato mais direto com a realidade.

Foi realizada, ainda, num segundo momento, durante a pesquisa, uma observação participante total⁴.

³ É caracterizada pelo fato de o conhecimento ser obtido através de uma experiência casual, sem que se tenha determinado de antemão quais os aspectos relevantes a serem observados e que meios utilizar para observá-los.

⁴ Na observação participante, o pesquisador é ativo e pode assumir duas formas distintas: natural (quando pertence à mesma comunidade) ou artificial (quando se integra ao grupo). E pode ser classificado em quatro diferentes tipos de observador: participante total - não revela sua identidade, participante observador - revela apenas parte dela, observador como participante - identidade e objetivos revelados e observador total - não interage com o grupo faz sua observação sem ser visto. Das vantagens da observação participante podemos citar: rápido acesso a dados sobre situações habituais, possibilidade de acesso a dados que são considerados privados e, captação de palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados (BUY, 2010)

Esse tipo de coleta de dados muitas vezes leva o pesquisador a adotar temporariamente um estilo de vida que é próprio do grupo que está sendo pesquisado. Esse método é muito utilizado quando se pretende pesquisar, por exemplo, alguma seita religiosa e seus rituais (BONI e QUARESMA, 2005, p. 71).

Assim sendo, portei-me como morador de Brazlândia: peguei ônibus, comprei frutas, hortaliças e morangos em Brazlândia. Participei, ainda, da festa do morango.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas⁵ na Administração Regional de Brazlândia, Entrevistado 1; na Associação Rural e Cultural Alexandre Gusmão, Entrevistado 2; com o produtor de morango em Brazlândia; Entrevistado 3; na gerência da EMATER/DF em Brazlândia, Entrevistado 4; na gerência da rede de hipermercados Carrefour, Entrevistado 5 e 6; atacadistas de frutas na CEASA/DF, entrevistados 7, 8 e 10; funcionário da Produtora e Distribuidora Dois Amigos, Entrevistado 9; e com vários ambulantes nas rodovias do DF e Plano Piloto.

Quanto aos objetivos da pesquisa, as respostas foram alcançadas apoiadas no referencial teórico, bibliografias, observações e entrevistas em campo e por pesquisa qualitativa – questionário semi-estruturado⁶ – junto à população de Brazlândia. O questionário foi aplicado a 240 pessoas entre os dias 01 de março a 02 de abril de 2010, data propositalmente escolhida por se tratar de um período em que está se iniciando o plantio do morango, portanto entressafra da hortaliça. A coleta de dados foi feita a partir desse questionário semi-estruturado, que é a junção de questões fechadas e abertas. Minayo (2004, p. 108) considera que o questionário semi-estruturado “combina perguntas fechadas (ou estruturadas) e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador”.

As pesquisas bibliográficas foram realizadas nas bibliotecas da Universidade de Brasília, Centro Universitário de Brasília e na rede mundial de computadores (WWW) –

⁵ As entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados (BONI e QUARESMA, 2005, p. 75).

⁶ Segundo Quivy e Campenhoudt (2008) os questionários consistem num método de colocar questões a um grupo representativo da população. Podem ser “de administração indirecta” quando é o próprio inquiridor a preenche-lo, a partir das respostas dadas pelo inquirido, e “de administração directa” quando preenchido pelo próprio inquirido.

internet. Dentre esses instrumentos já citados, inclui-se ainda a coleta de dados por fotografias e mapas.

Uma vez que se trabalhou com as representações sociais, o discurso presente, as narrativas dos atores sociais foram de suma importância como esquemas interpretativos para se conhecer a realidade da RA. Com base no referencial teórico, as observações tiveram a finalidade de captar as ações dos atores em seu próprio contexto. Também através da pesquisa qualitativa buscou-se explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sociais que poderia haver em Brazlândia. A pesquisa qualitativa permite uma liberdade para que os sujeitos se mostrem; pois, se fundamenta em dados coletados nas interações interpessoais analisadas a partir da significação que os informantes dão aos seus atos, da sua leitura de vida em interação com seu espaço vivido. As entrevistas auxiliaram no sentido de se conhecer os autores sociais significativos de Brazlândia. Todos os levantamentos de dados foram subsídios para a execução da dissertação.

A pesquisa está dividida em seis capítulos. No primeiro capítulo apresentamos uma postura epistemológica frente à realidade, em que a subjetividade humana está presente nas formas de ver a realidade e, num ambiente onde há diálogo entre sujeito e objeto, entre homem e natureza. Num espaço que é o resultado da interação de uma natureza objetiva concreta e do ser humano, sujeito que interage e abre diálogo com as intertextualidades de sua vida. Relatamos, ainda, sobre as transformações que a sociedade contemporânea tem passado e sobre a complexificação das estruturas e das relações sócio-espaciais. No segundo capítulo, apresentamos a cultura como uma criação humana, e mediação entre homem e natureza; numa extensão do espaço enquanto dimensão psicológica, e que testifica que para a Geografia, ambiente, processos psicológicos e sujeito são temas conhecidos. No terceiro capítulo procuramos demonstrar que o comportamento humano é uma gigantesca teia de símbolos e que o próprio homem é um grande criador desses símbolos, instituindo significações para sua vida e seu espaço. Discutimos a noção de Representações Sociais, procurando aqueles elementos que nos permitam chegar às narrativas dos sujeitos, produtoras, reprodutoras ou transformadoras da ordem sócio-espacial. Não se trata um inventário dos trabalhos de MOSCOVICI ou de outros que abordaram o tema, mesmo porque, se de um lado, a literatura é extremamente vasta, por outro, o pensamento de MOSCOVICI não se deixa apreender com facilidade. Suas idéias se recortam em vários contextos, com significados nem sempre semelhantes. Procuramos, então, um sentido para as leituras que julgamos o mais adequado ao objeto de nossa pesquisa. Demonstramos ainda no capítulo, que os símbolos podem estar livres de vinculação com sujeitos e objetos e aptos a serem usados em associações múltiplas,

possibilitando a criação de realidades virtuais. No quarto capítulo apresentamos o panorama mundial e nacional do mercado do morango. No quinto capítulo discutimos sobre a implantação da Capital Federal no Planalto Central brasileiro, bem como sobre a criação das cidades-satélites que formam o Distrito Federal. Apresentamos a história, a cultura e a evolução de Brazlândia. Sua produção agrícola, em particular, a produção do morango e a festa que leva seu nome. Rediscutimos o arcabouço teórico apresentado no trabalho conflitando-o com a realidade sócio-espacial da IV Região Administrativa do Distrito Federal. Terminando, no sexto capítulo, delineamos algumas conclusões, demonstrando em que estágio da simulação, segundo Baudrillard, a cidade-satélite de Brazlândia se encontra.

1 UM “NOVO” OLHAR DA CIÊNCIA NA CONCEPÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

“Neste início de século [...] é oportuno e necessário refletir sobre percepção, cognição e representação geográfica. É oportuno porque está em moda pensar nos sujeitos de pesquisas como pessoas” (OLIVEIRA, 2004, p. 189), um sujeito que interage com outros sujeitos e objetos.

Para Michel Foucault, “a imagem do homem na cultura moderna é a de uma estrutura inconsciente. De um sujeito que não é autor dos seus discursos, do saber, do falar, do agir, do trabalho, e da cultura. É um alienado” (SCOFANO, 2006, p. 141). Nesse sentido, Sousa Santos (2001) defende uma postura epistemológica frente à realidade, em que a subjetividade esteja presente nas novas formas de ver a realidade. Referindo-se à ciência geográfica, Peluso (2008), afirma que a ausência do sujeito faz com que a ciência geográfica não dialogue com os atores que produzem o espaço ou compreenda suas razões e emoções.

Para Sousa Santos (2001), o espaço é que confere materialidade às relações sociais, podendo esse espaço ser imaginado e representado em várias formas, pois se trata de um espaço habitado, um ecúmeno. Santos (1979) caminha na mesma direção de Sousa Santos, ao afirmar que o espaço contém toda a problemática social, daí ser um espaço social e que cada momento histórico torna-se dotado de uma significação, pois o espaço reproduz a totalidade social na medida em que as transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Santos (1979) chama a atenção para o fato de que o ponto de vista da sociedade e suas determinações específicas tornam-se realidade pelo espaço e no tempo. Espaço e tempo que possuem cultura pelo simples fato de

ser humano ser uma realidade, mas uma realidade que atua e interfere nos fenômenos e, ao mesmo tempo, produz indagações com vista na interpretação dos fenômenos da natureza e humanos. [...] É ele [o homem] quem dá sentido a existência dos existentes. Dá sentido porque pensa, porque se socializa e porque manipula os elementos da realidade, gerando cultura (CARNEIRO, 2010, p. 3).

Nesse sentido, Schnitman (1996, p. 12), salienta que “o discurso, as práticas sociais, a linguagem, não são instrumentos passivos, mas um meio vital, uma construção ativa”. Também Rufman, citado por Santos (1979, p. 22), salienta que a “la realidad espacial es una dimension que se reajusta permanentemente a influjos de la realidad económico-social y al mismo tiempo impacta sobre esta”. Assim, os espaços são modificados como resultado dos

arranjos e rearranjos das relações sócio-espaciais. Portanto, o discurso presente no espaço torna-se necessário para a compreensão e demonstração da relativização que ocorre na vida humana, numa relação sujeito-objeto que não deve ser desconsiderada. A negação da relação entre sujeito e objeto, Keller (1996, p. 95) a chamou de objetividade estática: “uma visão a partir de nenhuma parte”. Para essa autora, o realismo depende da presença do sujeito e do seu ponto de vista. Nessa realidade, sujeitos e objetos são transformados e transformam a realidade sócio-espacial. Keller (1996) desvenda e produz um olhar científico mais humanizado, ou seja, a partir de uma consciência humana. No mesmo caminho Keller, segue Schnitman (1996) que procura repensar a relação sujeito e objeto e que procura entender os processos da cultura contemporânea como processos generativos imersos na história sociocultural e numa subjetividade transversal por eles configurados. Schnitman (1996) revela a existência de uma discursividade, uma reflexão à polifonia, que possibilita abrir diálogos que contemplem a intertextualidade que abarca e define o mundo contemporâneo. No seu entender, há necessidade de diálogo do sujeito com a natureza, pois o homem não está sozinho no mundo, ele interage com a natureza.

O sujeito, o tempo, a historicidade têm uma participação substantiva na ciência contemporânea. Dessa afirmativa, Keller (1996) propõe uma objetividade dinâmica que seja óbvia na busca da restauração das relações entre os seres humanos e a natureza. Esta objetividade dinâmica, Santos (1979) contextualiza no espaço, pois, para ele quando se trata do espaço humano, a questão não é mais de prática inerte, mas de inércia dinâmica e, referindo-se ao espaço, descreve que nenhum dos objetos sociais tem uma tamanha imposição sobre o homem, nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos.

Para Sousa Santos (2001), a modernidade tem representado os fenômenos segundo formas que se adequam à sua imaginação reguladora, tendo, nesse processo histórico, ocorrido a canibalização da emancipação social por uma regulação social. Ou seja, ocorreu um desequilíbrio em favor do conhecimento-regulação que permitiu a este recodificar o conhecimento-emancipação nos seus próprios termos. Ou seja, a sociedade pode estar vivendo de forma alienada e se reproduzindo numa simulação⁷. Contudo, o autor declara que na contemporaneidade há uma convergência entre ciência, cultura e terapia, graças à restituição do sujeito à ciência e à restituição da ciência aos sujeitos. Esse olhar contemporâneo, no entender de Sousa Santos (2001), considera o senso comum, e o vê como enriquecedor na relação do sujeito com o mundo e é capaz de também produzir conhecimento porque possui

⁷ Baudrillard acredita que a verdade foi substituída por simulações e que a partir daí perdemos a o sentido das coisas (SILVA, 2010).

uma dimensão libertadora que pode ser ampliada através do diálogo com o conhecimento científico. Para Schnitman (1996), esse “novo” olhar dá lugar a reflexões filosóficas sobre a ação social e a subjetividade. O que os autores – Sousa Santos, Santos, Keller, Schnitman e Peluso - propõem é um olhar com estreito vínculo com o homem, um olhar humanizado. Uma ciência onde o sujeito está presente e existe no discurso científico.

As transformações que a sociedade moderna tem passado: a complexificação das estruturas e das relações sociais e espaciais; a difusão de novas tecnologias que invadem o cotidiano de todos os cidadãos, especialmente nos centros urbanos; informática, transportes e telecomunicações, comunicação de massa, tudo isso impõe novos desafios a serem enfrentados pela sociedade. A sociedade se encontra, atualmente, totalmente diversificada, imbricada, num novo contexto sócio-econômico-espacial, denominado de pós-modernidade⁸. A pós-modernidade, mais uma vez, modifica o processo de urbanização, da produção em massa, e transforma os lugares com a aproximação dos espaços e tempos. Gomes (1996, p. 14), salienta que “as discussões sobre pós-modernidade incidem frequentemente sobre temas caros à tradição geográfica: o espaço, o urbano, o planejamento, o regionalismo, a escala local, a natureza etc”. Nesse sentido, para Gomes (1996, p. 14), “uma geografia pós-moderna é obrigatoriamente tributária de seu passado e, em certa medida, reafirma suas tradições, sem a qual as noções de continuidade e de transformação nos escapariam”. Gomes (1996, p. 21), destaca que na proposta pós-moderna de ciência, “as significações devem ser fluidas, mutantes e permanentemente reatualizadas. [...] O pós-modernismo nega o universalismo, a generalização, qualidades e procedimentos básicos do modernismo”. Gomes dotado do mesmo entendimento que Sousa Santos explicita que,

na medida em que [o modernismo] valoriza o caráter único excepcional, é necessário, então, contar com outras vias de legitimidade diferentes daquelas abertas pela racionalidade: a inspiração, o sentimento, a indeterminação, a polimorfologia, a polissemia (GOMES, 1996, p. 21).

Entender, compreender e interagir na sociedade contemporânea é o atual desafio do ser humano. O desafio é também o de entender sua cultura. Este é o cenário que os defensores da abordagem cultural encontraram no final do século XX e início do século XXI. Um mundo globalizado social e economicamente, com encurtamento das distâncias espaciais pela tecnologia, porém multifacetado pela sua rica diversidade sociocultural. Este é o mundo

⁸ O atual momento em que se encontra a sociedade, Jean Baudrillard o conceitua de contemporâneo (BAUDRILLARD,1991). O mesmo momento é conceituado por Fredric Jameson de pós-modernidade (JAMENSON, 1996). Como se tratam de um mesmo momento, adotaremos na pesquisa os dois conceitos, a fim de preservarmos a originalidade dos autores.

contemporâneo rico em conhecimento tecnológico e em sua diversidade cultural, porém, lugar também de lutas de resistências de "culturas outras". Lugar de busca de identidades individuais e sociais e espaciais. Lugar da utilização da força de imagens na construção de novas identidades e no reforço do consumismo no novo estágio do capitalismo (SILVA, 2009).

Nesse contexto contemporâneo, as significações e ressignificações devem ser fluídas, mutáveis e permanentemente reatualizadas dentro de um procedimento de análise inter-multidisciplinar e transdisciplinar. Para Peluso e Elali (2008),

a interdisciplinaridade fundamenta-se na procura de uma visão integradora da realidade, tendo como base uma concepção sistêmica de mundo e o entendimento do estado de inter-relação e interdependência dos fenômenos: físicos, biológicos, sociais e culturais.

Luck (1994) argumenta que a interdisciplinaridade deixa de ver barreiras entre as áreas do conhecimento proporcionando um saber consciente e globalizador da realidade. Portanto, estabelece uma ótica globalizadora que vê a realidade em seu movimento. O conhecimento se fará pela elaboração de idéias através da observação, experiência e inter-relação dos fatos. A interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade, como alguns gostam de chamar, permite a interação com todas as formas de conhecimento, sejam eles científicos ou do senso comum. A interdisciplinaridade permite a dialogicidade, também permite evidenciar que os saberes não são eternos e que os diálogos necessitam ser permanentes (CHAVES, 2007, p. 42). A interdisciplinaridade ao desfragmentar o conhecimento, recoloca o indivíduo como sujeito, pois, permite inter-relacionar o econômico, o social, o cultural, o ético, assim por diante. Nesta forma de obtenção de conhecimento, a polissemia é uma realidade concreta e o sujeito o grande artífice de um conhecimento produzido numa grande escala, mas que se encontra presente também na pequena escala através da sua história e cultura. Hissa (2003 *apud* PELUSO e ELALI 2008) salienta que “para compreender as transformações políticas, econômicas e culturais ocorridas na modernidade é essencial a superação dos limites e das fronteiras entre as ciências”. Peluso e Elali (2008) vêem na interdisciplinaridade uma possibilidade real de alcançar novos patamares de conhecimento. Peluso (2008) adverte que o olhar sobre o sujeito na ciência geográfica, implica em trabalhar com a grande e pequena escala. E nesse contexto, salienta que a Geografia deve procurar “responder às interrogações da sociedade dentro da divisão social do trabalho [e] dentro de um viés construído historicamente” (PELUSO, 2008, p. 2). Peluso (2008) entende que a psicanálise demonstrou que o sujeito é depositário de tempos passados, racionaliza e exprime suas idéias logicamente;

fatos que conduziram a preocupação para a grande escala; Visão que, conseqüentemente, norteou a Geografia Humanista⁹ à buscar o resgate da subjetividade humana e a Geografia Cultural o resgate do homem concreto e histórico que herda conhecimentos, práticas, atitudes e valores. Referindo-se a esse enfoque cultural na geografia, Claval (2004, p. 35), descreve que o “enfoque cultural se interessa pela maneira como as realidades são percebidas e sentidas pelos homens”. E complementa: “nas epistemologias pós-modernas, o homem como entidade abstrata não existe mais” (CLAVAL, 1999a, p. 7). Esse pensamento é compartilhado por Moreira (2004, p. 48), ao destacar que “o espaço é um produto da história. Um ato de sujeitos. Sua matéria-prima é a relação homem-meio”.

A CULTURA COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE TERRITORIAL

O século XX chegou a seu final com uma crescente transformação social, econômica e cultural. Além dos fatores econômicos que engendram a sociedade capitalista, há a diversidade cultural por onde perpassam também fatores lingüísticos, artísticos, identitários, formações sociais e culturais diferenciadas. Conhecer o ser humano e sua cultura torna-se imperativo para se conhecer a sociedade e o lugar onde esse homem desempenha as suas funções sociais. É na relação social com o outro que o ser humano se constrói, interage, internaliza e ressignifica o meio social, econômico e cultural. Sujeito e objeto interagem provocando mudanças no espaço social, mudanças que têm ocorrido com maior freqüência e magnitude com o encurtamento das distâncias através do uso de tecnologias que facilitam os movimentos econômicos e culturais na sociedade contemporânea, ocasionando transformações que se disseminam em uma malha planetária e adquirem formas concretas na escala local.

A dinâmica sócio-espacial dos lugares está cada vez mais sujeita a condicionantes externos. Como bem observa Claval (2002a), uma abordagem cultural, como a pretendida no presente trabalho, tem por objetivo entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação imposta ao meio ambiente e o sentido dados às suas vidas. O sentido se realiza, segundo Claval (2002a), com o econômico, o político e o social, pois

⁹ A Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar. (TUAN, 1983)

estas esferas não existem como categorias imutáveis e independentes do espaço, mas dependem da cultura no seio da qual funcionam. A abordagem cultural oferece nova perspectiva de construção da sociedade. Dessa forma, a cultura passa a ter importância na gestão do território, pois ela não apenas expressa relações entre forças econômicas, sociais e políticas que se desenvolvem em uma sociedade, como também se articula crescentemente a processos mais amplos que ocorrem no país e no mundo. Nesse sentido, uma geografia que leve em conta a cultura assume um papel muito importante. Claval (2002a) salienta que a abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica

Segundo Claval (1999a), os homens não se encontram numa relação direta com a natureza; eles vivem num meio artificial que eles mesmos criaram, um meio cultural. A cultura é uma criação humana, é mediação entre homem e natureza. A cultura é constituída de realidades e signos que foram inventados para descrevê-la, dominá-la e verbalizá-la. Carrega-se, assim, de uma dimensão simbólica. Para Claval (1999a), a cultura é em grande medida feita de palavras, articula-se no discurso e realiza-se na representação. A lógica, portanto, que os homens atribuem ao ambiente “socionatureza” provém, em parte, das regras que regem a composição de seus discursos. Dessa forma, pode concluir que a cultura não é vivenciada passivamente e é uma realidade mutável, o que a torna um fator essencial de diferenciação social. Uma abordagem cultural evidencia a correlação sujeito-objeto na temática homem-natureza. Nesse sentido, afirma Claval (2002a, p. 34),

Materia, naturaleza, cultura y vida social son realidades aprehendidas al mismo tiempo por cada uno. En la experiencia individual no hay ninguna categoría que preceda a otra y se inscriba en un nivel ontológico superior. El mundo es un dato de la percepción; está estructurado por discursos. Los investigadores no tienen un acceso privilegiado a la verdad. Ésta sólo aparece paso a paso, a través del análisis minucioso de los testimonios y experiencias de unos y otros.

A abordagem cultural se une à concepção de território explicitada por Milton Santos em que

o território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o *território usado*, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence (SANTOS, 1999, p. 8).

Santos (1999, p. 8), ainda, assinala que o território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. Logo, também lugar da dimensão psíquica do homem.

Para Wagner e Mikesell (2007), a história da cultura deve participar vigorosamente da abordagem geográfica cultural. Na abordagem cultural, o observador não aceita que a natureza, a sociedade e a cultura sejam realidades dadas por si mesmas. Segundo Claval (2002a), a análise geográfica há de se fazer com um esforço prévio de abstração: não é o lugar com suas particularidades que se encontra no centro da análise e sim a forma em que se estabelecem a relação entre as peças do quebra-cabeças social. E nesse quebra-cabeças, o homem, principalmente nos últimos séculos, tem sido o grande responsável nas suas transformações. Henri Lefebvre (*apud* CLAVAL, 2002a) já assinalava que o espaço por onde se movem os homens está modelado por suas atividades e expressa suas aspirações, sonhos, projetos e planos. O espaço, assim concebido, não é somente a resultante da evolução e o produto da história, é também a consequência da capacidade dos seres humanos para projetar seu futuro. Nesse sentido, Claval (2002a), cita Torstein Hägerstrand, que tomou da idéia do demógrafo Lotka para salientar a importância do indivíduo diante da realidade social em que vive. Lotka assinalava “que para analizar los hechos sociales hay que abordarlos tal y como los viven los seres humanos, siguiéndolos en sus trayectorias individuales” (CLAVAL, 2002a, p. 33). Para Claval (2002a), pessoas que vivem nos mesmos lugares e participam dos mesmos círculos de intersubjetividade estão próximos e terminam por formar “lo que Anthony Giddens llama un *local*, un grupo más o menos localizado y que forma la unidad de base de la vida social y de la realidad cultural” (CLAVAL, 2002a, p. 33). Este cenário é apreendido pelo geógrafo e combina matéria, seres vivos e relações sociais. Segundo Claval (2002a), a natureza, o espaço e o tempo apreendido pelos geógrafos não são categorias objetivas, pois elas pertencem ao registro das experiências vividas. Dessa forma, o autor situa o indivíduo no centro da investigação científica, introduzindo-os no universo dos valores e crenças humanas e no sentido que o homem dá à vida. A abordagem cultural desvela na exterioridade real do espaço/lugar a interioridade presente na subjetividade humana e “abre caminho para uma compreensão dos processos que criaram e estão criando novos ambientes para o homem” (WAGNER e MIKESELL, 2007, p. 52).

Nesse sentido, a abordagem cultural assume um papel muito importante, pois, pode-se compreender quando Claval (1999b) afirma que território e identidade estão indissociavelmente ligados. A cultura confere uma identidade coletiva a um determinado grupo social, espacialmente definido e historicamente determinado. O processo histórico-

cultural permeia tanto a abordagem cultural como também o conceito de representações sociais desenvolvido pelo sociólogo romeno naturalizado francês Serge Moscovici. É com base no processo histórico, e que se desenvolve de forma particular em cada localidade/região, que o psicólogo cubano Gonzalez Rey (2005) afirma que a identidade é um processo dinâmico e se cristaliza no contexto sociocultural. Os estudos de Gonzalez Rey são uma ratificação da afirmativa do bielorrusso Lev Vygotsky¹⁰, para quem o sujeito se constrói na relação com o outro, sendo que nessa interação o meio é internalizado e ressignificado. Com isso, Vygotsky evidenciou a interdependência entre os fenômenos naturais e sociais e a íntima correspondência com a identidade. Dessa forma, há nos estudos geográficos regionais, baseados na abordagem cultural, uma profunda conexão com a teoria vygotskyana do processo sócio-histórico de formação do sujeito e os estudos de psicologia social de Moscovici e Gonzalez Rey.

Nesse sentido, para Santos (1999, p. 7), “o território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência”. Santos descortina vida no território e percebe que o território não se encontra estático, que há movimento, desencadeamento de uma história social que lhe confere identidade. Dessa forma, o território passa a exprimir o que o homem é. Peluso (1998), no intuito de articular processos espaciais e processos mentais, que se fazem presente no contexto das representações sociais e da abordagem cultural, parte dos estudos de Santos sobre o espaço geográfico. Santos considera o espaço geográfico como

um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro, a vida que os preenche e anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (a sociedade) não é independente da forma (os conteúdos geográficos) e cada forma encerra uma fração de conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isso: um conjunto de formas, contendo cada qual frações da sociedade em movimento. (SANTOS, 1994, p. 26).

Peluso (2005, p. 30) salienta que “o espaço assim definido por Santos, é produto das relações sociais que os homens estabelecem entre si em suas atividades econômicas, sociais e psíquicas”. Milton Santos (1997), um dos geógrafos mais conhecidos do país, em seu livro

¹⁰ Vygotsky foi quem criou a Teoria Sociointeracionista, também denominada de Teoria Sócio-histórica. Vygotsky, professor e pesquisador viveu na Rússia, em plena efervescência da Revolução Comunista. Tendo sido contemporâneo de Piaget, Vygotsky elaborou uma teoria que tem por base o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico. Para Vygotsky, as origens da vida consciente e do pensamento abstrato deveriam ser procuradas na interação do organismo com as condições de vida social e nas formas histórico-sociais de vida da espécie humana.

intitulado “A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção”, elabora o conceito de espaço com teorizações de psicólogos ambientais, como Abraham Moles e Elizabeth Rohmer. Santos apresenta dois conceitos muito interessantes e importantes para trabalhar com processos psicológicos/sociais/espaciais, o par tecnosfera/psicosfera. Tecnosfera é “o meio técnico-científico-informacional, que requalifica os espaços para atender aos interesses hegemônicos” (SANTOS, 1997, p. 191) e a psicosfera, “o reino das idéias, crenças, paixões e lugar da produção de sentido” (SANTOS, 1997, p. 204), que sustenta a tecnosfera. Têm-se aqui, a idéia de pares dialéticos: a tecnosfera produz os insumos materiais para que a psicosfera os transforme em conteúdos da mente e a sustente. Dessa maneira, verifica-se que, para a Geografia, ambiente, processos psicológicos e sujeito são temas conhecidos (PELUSO, 2003, p. 323).

Para conhecer o território faz-se necessário conhecer o sujeito que o habita. “Indivíduo e sociedade são inseparáveis, segundo a dialética, pois o particular tem em si o universal; desse modo, se desejamos conhecer cientificamente o ser humano, é necessário considerá-lo dentro do contexto histórico, inserido em um processo de subjetivação/objetivação” (LANE, 2002, p. 12). É na imbricação do mundo subjetivo humano e sua realidade concreta que o território toma vida (LANE, 2002). É “na medida em que a lembrança das ações coletivas funde-se aos caprichos da topografia, às arquiteturas admiráveis ou aos monumentos criados para sustentar a memória de todos [que] o espaço torna-se território” (CLAVAL, 1999a, p. 14).

O espacio no es una extensión neutra, sino una escena donde los actores se dejan ver; [...] La escena que aprenden los geógrafos combina la materia, lo vivo y lo social. Para ellos son realidades dadas simultáneamente. Tienen un sentido para los seres humanos que las habitan. El espacio está compuesto por lugares y territorios con sentimientos (CLAVAL, 2002a, p. 34).

Desprezar a inseparabilidade entre indivíduo, sociedade e o espaço acarretará no desconhecimento do território, do espaço geográfico vivido, impossibilitando uma gestão sócio-espacial assertiva.

2 O HOMEM COMO CENTRO DA ANÁLISE REGIONAL

2.1 A SUBJETIVIDADE HUMANA E A CONSTRUÇÃO DOS SIGNIFICADOS

Segundo Morin (2000), não há sociedade desprovida de cultura. A cultura é uma criação do homem, componente de sua própria subjetividade que o constitui sujeito e o faz constituidor de grupos sociais (DUPRET, 2006). O filósofo grego Aristóteles afirmou que o homem é por natureza um ser social. Nesse sentido, Freire (1992b), afirma que o homem é um ser de relações e reflete em si as relações sociais existentes. Foi no intuito de conhecer melhor o homem que Vygotsky em seus trabalhos, se preocupou com a constituição do psiquismo humano. Este autor fundamentou o processo de constituição psicológica do sujeito numa abordagem sócio-histórica. Zanella considera que Vygotsky entendeu o sujeito como “um agregado de relações sociais encarnadas num indivíduo” (ZANELLA, 2004, p. 127). De acordo com Zanella (2004, p. 129), Vygotsky trabalhou “com a idéia de que todas as conquistas que garantem às pessoas sua condição de humanização resultam das complexas relações sociais em que se inserem e das quais ativamente participam”. Conforme destaca Jucá, Carvalho e Aguiar Júnior (2006), o homem é o único ser vivo de natureza racional, o único a constituir cultura; são suas faculdades de pensar e ter consciência de si que o diferenciam, conferindo superioridade - sobre animais e objetos do mundo. Contudo, conforme atesta Werneck (1984, p. 46),

embora se possa considerar o comportamento racional como um dos fatores constitutivos da natureza humana, sabe-se que ele não é o único e que o papel do inconsciente é sobremaneira importante. Fatores inconscientes vão influenciar a posição e o ponto de vista segundo os quais cada um há de encarar as diversas questões.

Vygotsky, em seus trabalhos, demonstrou que a consciência possui uma origem social, ou seja, os fenômenos da subjetividade humana se constituem dentro de uma dimensão espaço-tempo (MOLON, 2006). Sendo assim, os fenômenos da subjetividade não existem por si só, eles se forjam num contexto social. Vygotsky ao apresentar a sua concepção do “eu”, demonstrou que este se constrói numa relação com o outro. A consciência filtra a realidade possibilitando a reflexão, sendo o sujeito constituído pelas experiências/atividades sociais. É

pela intersubjetividade que se dá o desdobramento de consciência do eu e outro, no sujeito consciente, podendo o outro ser um sujeito ou objeto. Vygotsky (2003) em seus estudos na Psicologia demonstrou a necessidade de se estudar o indivíduo em sua totalidade, articulando dialeticamente os aspectos internos e externos que o envolvem, ou seja, considerando a relação do sujeito com a sociedade à qual pertence. Partindo-se do pressuposto de que a interação é o ponto mais significativo para serem investigados os fenômenos psicológicos. Dupret (2006) considera que, em seu processo de desenvolvimento, o sujeito interage com sujeitos e objetos:

Interage com o meio social, com a cultura, com a família, com a escola e com o professor. Essa *rede interativa* corresponde à relação entre o desenvolvimento e o aprendizado, suas interferências mútuas, suas referências recíprocas. Aponta a maneira pessoal que cada sujeito tem de transmitir e captar informações. Em uma frase: “comunicar suas representações” (DUPRET, 2006, p. 33).

A autora, ainda, salienta que

Se pudéssemos utilizar três grandes campos como forma de facilitar a compreensão sobre a *rede* que se estabelece como constituinte do sujeito, esses seriam: o psicológico, o antropológico e o orgânico. Sem priorizar qualquer campo, é possível vislumbrar a interação entre os existenciais humanos: consciente, inconsciente, cultural, social, histórico, político, econômico, biológico, neurológico e fisiológico. Ou seja, o *sujeito complexo* é aquele que não pode ser visto como uma soma de partes, sendo impossível estudar separadamente cada facção, ou mesmo imprimir como determinante alguma delas; o composto é único e múltiplo a um só tempo (DUPRET, 2006, p. 34).

A Psicologia Histórico-cultural compreende o desenvolvimento da consciência não como uma característica inerente à natureza humana - perspectiva idealista -, mas como resultado de um longo processo que tem sua gênese relacionada à inserção da pessoa em uma cultura que integra signos, instrumentos e aprendizados socialmente compartilhados e historicamente acumulados (LEONTIEV, 1980). Gonzalez Rey em sua obra, “Sujeito e Subjetividade” (2005), estuda a subjetividade como um sistema complexo afetado pela sociedade em sua dinâmica e as complexas relações que a movimenta. O conceito de subjetividade, para ele significa “a organização complexa do sistema de sentidos e significações que caracteriza a psique humana individual e os cenários sociais nos quais o sujeito atua” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. XI). González Rey (2001, p. 9), salienta que

a subjetividade coloca a definição da psique num nível histórico-cultural, no qual as funções psíquicas são entendidas como processos permanentes de significação e sentidos. Esta questão da subjetividade nos conduz a colocar o indivíduo e a sociedade numa relação indivisível. [...]. Nenhuma atividade humana resulta numa atividade isolada do conjunto de sentidos que caracterizam o mundo histórico e social da pessoa.

Para Sales (2003), o comportamento humano é uma gigantesca teia de símbolos e o próprio homem é um grande criador desses símbolos e que os símbolos são representatividades humanas. Para Vygotsky, o significado de uma palavra representa um amálgama íntimo do pensamento e da linguagem e que o pensamento e a linguagem são como algo que se une para dar consistência ao próprio desenvolvimento do indivíduo (MOSQUERA, 1977). É, portanto, em interação com a natureza e outros sujeitos que o ser humano se desenvolve, criando significações para sua vida. Segundo Molon (2006), o significado não se restringe ao objeto, nem ao signo, nem à palavra e nem ao pensamento, mas o significado pertence à consciência; não é ele que determina a configuração da consciência e nem o sentido, mas a presença do significado e do sentido impulsiona novas conexões e novas atividades da consciência, em uma dimensão semiótica. O significado é o aspecto que torna possível a relação social, e são significados produzidos nas relações sociais, em determinadas condições históricas. Vygotsky (1996), afirmou que a análise semiótica é o único método adequado para estudar a estrutura e o conteúdo da consciência. Segundo Dupret (2006), Vygotsky, preocupado com a “unidade complexa” constituinte do sujeito, sugere que se esteja atento à presença interferente da cultura e do contexto no processo de significação. Para ele, os significantes, isto é, as palavras e expressões utilizadas por uma determinada cultura, têm seus significados, ou seja, suas definições e conceituações, compartilhadas socialmente.

Semelhantemente, Molon (2006) compreende que o entendimento da consciência passa pela constituição cultural, qual seja, a cultura como um campo compartilhado de significações. O sujeito é constituído pelas significações culturais, porém a significação é a própria ação, ela não existe em si, mas a partir do momento em que os sujeitos entram em relação. Dois sujeitos só entram em relação por um terceiro elemento, que é o elemento semiótico. E mais, a relação social não é composta apenas de dois elementos, a relação social é uma relação dialética entre eu e o outro, ou seja, toda relação implica o terceiro - tríade. O elemento semiótico que é constituinte e constituído da relação é, portanto, mediação.

Para Molon (2006), a formação da consciência, ocorre, então, a partir da atividade do sujeito, com a ajuda de instrumentos socioculturais, que são os conteúdos externos, da

realidade objetiva. A relação sujeito-objeto, nessa perspectiva, não é de interação, é dialética, é contraditória e é mediada semioticamente. A mediação semiótica, por sua vez, é uma mediação social, pois os meios técnicos e semióticos são sociais. No processo de conhecer, os objetos são apreendidos por sinais – imagens sensoriais – que se encontram colados à singularidade do objeto. Para o processo de descolamento do singular do objeto e sua generalização e abstração, a imagem tem de ser representada pelo signo. Werneck (1984, p. 93), afirma que a “função dos signos é sempre fazer com que os conceitos abstratos fiquem ao alcance do homem”. Mas, diferentemente dos animais, os sinais que os homens captam do mundo carregam-se de significação social e cultural. Molon (2006), afirma que desde a infância, a criança já capta o objeto semiótico, ou seja, a imagem com sua significação. Bruner (1976, p. 17), ao abordar a natureza do desenvolvimento intelectual humano, descreve que “o desenvolvimento intelectual é caracterizado por crescente capacidade de lidar com alternativas, simultaneamente, atender a várias seqüências ao mesmo tempo, e atenção de maneira apropriada, a todas essas demandas múltiplas”. Com relação à importância dos significados, Cavalcanti (2005, p. 187), descreve que:

A idéia a se ressaltar aqui é a de que as funções mentais superiores do homem (percepção, memória, pensamento) desenvolvem-se na sua relação com o meio sociocultural, relação essa que é mediada por signos. Assim, o pensamento, o desenvolvimento mental, a capacidade de conhecer o mundo e de nele atuar é uma construção social que depende das relações que o homem estabelece com o meio. Nessa construção, nesse processo de desenvolvimento das funções mentais superiores, tem prioridade, então, o plano intersíquico, o interpessoal, o social.

Segundo Barbosa e Nespoli (2006, p. 9), esses processos, pelos quais o ser humano passa em sua vida, “se articulam uns com os outros criando a rede de subjetividade que cada de nós é, e que definem os caminhos do que somos e do que nos tornamos, nos processos de formação das identidades”.

2.2 A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

Borges (1997, p. 22) elabora um conceito bastante interessante sobre identidade:

Do latim *identitas, identitate*, identidade se traduz inicialmente pela percepção do mesmo, do igual, daquilo que imprime caráter do que é idêntico. Por outro lado, traduz a busca do que é mais peculiar ao indivíduo, do que lhe confere o caráter de específico, que o distingue de outros indivíduos e lhe assegura que ele é ele mesmo.

A identidade do sujeito se dá por um processo de construção social. Não sendo inata, ela é construída num contexto histórico e cultural, em que sofre interferências do grupo social em que o sujeito está inserido. A identidade está, portanto, relacionada aos referenciais coletivos de inserção a um grupo, aos usos sociais das formas de reconhecimento e aos processos culturais de construção de representações simbólicas (SILVA, 2009). Para Souza (2003), o processo de formação da identidade acontece nos aspectos individual, pessoal e cultural. Segundo a autora, a identidade é um processo localizado no âmago do indivíduo, bem como no núcleo central da sua cultura. Woodward (2000), afirma que a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico da subjetividade existente em cada ser humano. A identidade coloca-se sob dois campos: social e pessoal. No campo social

[...] a identidade só pode ser usada no plano do discurso e aparece como um recurso para a criação de um nós coletivo - nós índios, nós mulheres, nós negros, nós homossexuais, nós professores. De acordo com a autora, esse nós se refere a uma identidade (igualdade) que, na realidade, não pode ser verificada de maneira efetiva, mas torna-se um recurso indispensável ao nosso sistema de representações. Indispensável porque é a partir da descoberta, reafirmação ou criação cultural de suas semelhanças que um grupo social qualquer terá condições de reivindicar para si um espaço social e político de atuação em uma situação de confronto (NOVAES apud GOMES, 1995, p, 39).

No campo pessoal, a identidade é

[...] aquilo que diferencia cada um e nós e só nos iguala a nós mesmos, mesmo que seja entendida num processo de transformação, é da ordem da representação e está localizada na consciência. Ela diz respeito à imagem como a pessoa se vê no plano subjetivo, como percebe o que lhe é próprio enquanto individualidade diferenciada (SELAIBE E PENNA, apud GOMES, 1995, p. 42-43).

Nesse sentido, a identidade é um processo dinâmico que possibilita a construção gradativa da personalidade (CAVALEIRO, 2000); a identidade constrói-se num processo de relações sociais, é forjada nas interações entre pessoas e grupos e cristalizada no contexto sociocultural em que o sujeito se localiza, construindo, assim, o seu “eu” na identificação com os elementos significativos de seu grupo social (BERGER E LUCHMAN, 1985). A identidade implica a percepção subjetiva que o indivíduo tem de sua própria situação, obtidas como resultado das várias experiências sociais. Nathan W. Ackerman (apud MOSQUERA,

1977, p. 46), afirmou que “o indivíduo é sempre, e em qualquer momento, o depositário de uma experiência [...]”. Assim sendo, Souza (2003, p. 31), destaca que a identidade é dialética:

A identidade é conquistada à custa de várias experiências. [...] Desempenhando papéis individuais sociais, o sujeito vai estabelecendo uma ligação entre diferentes prismas. Assim, a identidade apresenta um caráter dialético. [...] Mesmo quando a identidade já se consolidou ela passa sempre por mudanças. O desenvolvimento da identidade se dá através de identificações. As identificações têm papel fundamental na criação das estruturas do eu.

A identificação é um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações (LAPLAMCHE E PONTALIS, 1992).

Hall (2000, p. 112) apresenta o que chamou de “uma redefinição do conceito de identidade”:

Utilizo o termo identidade para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos interpelar, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar.

Para Vasconcellos (2002, p. 48), a pessoa se descobre, identifica a si próprio, se constitui sujeito na relação dialética com o outro:

Nas interações e diferentes formas de parcerias estabelecidas com o outro, cada sujeito humano desempenha papel ativo e constitutivo. O ato de conhecer é resultado da internalização de experiências significativas, nas quais o meio físico e o social exercem papel determinante.

Contudo, a estrutura fisiológica do indivíduo não é o suficiente para o desenvolvimento de suas características individuais humanas, - agir, pensar, sentir -, pois elas dependem da interação com o meio físico e social, numa ação recíproca entre organismo e meio. Portanto, o percurso do desenvolvimento humano se dá “de fora para dentro”, com o sujeito inserido nos grupos socioculturais (SILVA, 2009). Nesse sentido, Silva (2009), afirma que, tanto as relações entre as características orgânicas e as adquiridas socialmente, quanto nas relações entre a pessoa e seu grupo social, estão sempre em interação. A autora aponta que o processo de internalização da cultura e das práticas sociais do meio está inserido, “refletido e refratado”, no movimento das concepções ideológicas e sociais, ou seja, está inserido nos

valores e idéias que compõem a organização da sociedade. Estes valores e idéias, marcados por diferentes épocas da história, refletem, de forma sutil, sensível e profunda, as características da vida social e o conjunto de significados que a humanidade historicamente foi produzindo (SILVA, 2009). De encontro a esse mesmo pensamento, podem-se citar os estudos de Wallon¹¹ e de Lacan¹². O primeiro demonstra que o processo de desenvolvimento do ser humano somente pode ser compreendido em sua totalidade dentro de uma perspectiva dialética. O segundo afirma que o sujeito se constitui através do discurso do outro (SOUZA, 2003, p. 32). Goffman¹³, por sua vez, concebeu a identidade do sujeito intimamente ligado à vida pública. Segundo Ruthford, (1990, p. 19-20, apud WOODWARD, 2000, p. 19), “a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora...”. Contudo, conforme salienta Erikson

o ser humano só chega a constituir uma identidade quando parte para o processo reflexivo sobre o ambiente que o rodeia e o seu ambiente interpessoal. [...] Nenhuma identidade pode formar-se sozinha, nem se desenvolve apenas no tempo. Desenvolve-se no tempo, no espaço e em uma determinada cultura. [...] o indivíduo se volta para si e vai posicionar a relevância de sua vida. Não é apenas um retorno a si mesmo, mas também àquilo que levará o indivíduo a ser, porque irá formar a sua estrutura individual a partir daquilo que vê na sua cultura (ERIKSON, 1971, *apud* MOSQUERA, 1977, P. 54).

Portanto, é necessário compreender que a identidade é mutável, pode perdurar, se consolidar, mas não se cristaliza. As dinâmicas sócio-econômico-culturais influenciam e sofrem influências nas transformações identitárias da sociedade e do próprio indivíduo. Conforme, sintetiza Ciampa (1994), “no seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo que são constituídas cada uma por elas”. Silva (2000) salienta que a identidade não é uma essência, tão pouco é homogênea, acabada ou transcendental. A identidade é uma construção, uma relação, é instável, fragmentada e inacabada.

¹¹ Henri Wallon nasceu na França em 1879. Antes de chegar à psicologia passou pela filosofia e medicina e ao longo de sua carreira foi cada vez mais explícita a aproximação com a educação. A gênese da inteligência para Wallon é genética e organicamente social, ou seja, o ser humano é organicamente social e sua estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura para se atualizar (WALLON, 1989).

¹² Jacques Lacan (1901-1981), psicanalista francês, fundador da Sociedade Francesa de Psicanálise.

¹³ Para Goffman (1922-1982), o desempenho dos papéis sociais tem a ver com o modo como cada indivíduo concebe a sua imagem e a pretende manter.

2.3 A IDENTIDADE REGIONAL

Para o geógrafo, a compreensão do conceito de identidade torna-se muito fácil, uma vez que já possui, bem estruturado, o conceito de região. Região e identidade comportam extensões semelhantes de definição. Chaves (2007) destaca que La Blache, quando desenvolvia os estudos regionais, definiu que um indivíduo geográfico não resulta somente das condições geológicas e climáticas; não é completamente livre das mãos da natureza, mas é um homem que revela a sua individualidade moldando um território para o seu próprio uso. Portanto, a região não existe sem a sua história. Segundo Santos (1985, p. 2), “cada localização [...] é um momento do intenso movimento do mundo, apreendido em um ponto geográfico, um lugar”. Para Allen, Massey e Cochrane (1998), a região se apresenta como imagem instantânea do mundo real, e, em um determinado momento este espaço condensa uma narrativa. Para esses autores, espaços e lugares são construídos materialmente e discursivamente. Assim sendo, os fatores naturais e os fatores históricos não devem ser negligenciados.

Espaço e lugar devem ser estudados relacionalmente, constituídos por relações sociais espacializadas. A região deve ser estudada como um processo de interação e representação social. Neste sentido, o conceito de região se fundamenta nas idéias de escalas de Sousa Santos (2001), pois, a caracterização de uma determinada região não pode ser vista numa escala única, sob pena de se desconhecer todo o processo que engendra aquele espaço e que o particulariza. A região deve ser vista sob a ótica da grande e da pequena escala. Daí poderá haver possibilidade de se fazer uma síntese do lugar.

Para Allen, Massey e Cochrane (1998), a região é formada por cadeias de relações que particularizam determinado espaço, porém estes não se fecham em si mesmo. As relações com outros lugares, próximos e distantes, desenham sua identidade. As regiões são produtos de relações no tempo e no espaço. Existe uma construção histórica no interior de cada espaço vivido que se impõe e particulariza determinada localidade. Assim, espaço e lugar dão a conformação da região e corroboram na identificação única do lugar. As identidades são estes construtos erguidos através desta relação homem-meio recheada de significados que perpassam também pela relação com outras regiões. As regiões desenham sua identidade no tempo e no espaço de relação vivida. Segundo Allen, Massey e Cochrane (1998), a região é um espaço de representação, uma narrativa e um processo social e político. Claval (2004, p. 15) afirma que

a ação humana transforma a superfície da Terra. [...] Trata-se de regiões geográficas quando as atividades humanas se inscrevem nos quadros desenhados pelas regiões naturais [...]. A diferenciação regional da Terra aparece, de certa maneira, como um produto da evolução: resulta da ação conjugada das forças naturais e da ação humana.

As identidades regionais por serem relações recheadas de significados que traçam as diferenças e contrastes entre as regiões são também abertas às reinterpretações a cada novo tempo; regiões são ambientes vivos. Segundo Bailly (1995, apud KOZEL, 2004, p. 215), “deve-se ser capaz de falar de região como um teatro da aventura humana, captando a experiência vivida por cada indivíduo em sua relação com o território”. A subjetividade humana e as porosidades das fronteiras regionais realimentam este ambiente de vida que há na região e ministram a possibilidade de se refazer a cada novo momento a sua identidade. Kozel (2004, p. 216-217), chama a atenção para o fato de que

Em geral, os estudos regionais apresentam os recortes físicos e humanos sem discutir as manipulações espaciais existentes nas várias escalas geográficas, o que comumente acontece ao se estabelecer diferentes recortes espaciais quando os critérios e as condições são escolhidos de acordo com interesses e ideologias vigentes. As regionalizações [...] devem evidenciar muito mais que os recortes apresentados, pois ao descobrir os homens e o sentido que atribuem ao lugar, descobrirão as comunidades e as territorialidades, desvendando as ideologias espaciais, muitas vezes [...] remetendo ao cerne de numerosos conflitos existentes no mundo contemporâneo.

Os conceitos “identidade” e “região” se definem pelas particularidades que apresentam: para a região, no espaço diferenciado que a torna única e insubstituível; no homem, se apresenta em si mesmo, o que o faz o sujeito único que ele é, e que o torna diferente dos demais indivíduos. Região e identidade têm suas existências pelas diferenças que comportam às outras localidades e aos outros sujeitos, respectivamente. Portanto, é a diferença que dá suporte à existência da região e da identidade. Assim como, a região é um conceito relacional, a identidade também é relacional, sendo que a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades.

O conceito de território segue este processo de afirmação pela identidade e diferença, pois, conforme afirmam Haesbaert, et al (2007, p. 31), “aqui o interesse de afirmar a identidade e a diferença passa pelo interesse de apropriar e recortar o espaço geográfico. [Nesse sentido,] a afirmação identitária é a própria afirmação da apropriação do espaço geográfico em sua materialidade”. Esta compreensão é facilitada quando se recorre ao pensamento de Peluso (2005, p. 27): “interiorizados os significados das formas espaciais, os sujeitos dotam-nas de sentido e estabelecem identidades”. Woodward (2000, p. 50), destaca

que essa concepção de diferença é fundamental para se compreender esse processo de construção cultural das identidades. Também, Silva (2000, p. 89), destaca que “identidade e diferença estão estreitamente ligadas a sistemas de significação. A identidade é um significado – cultural e socialmente atribuído”. Identidade e diferença estão estritamente associadas a sistemas de representação.

Segundo Silva (2000, p. 90), “a idéia de representação está ligada à busca de formas apropriadas de tornar o ‘real’ presente – de apreendê-lo o mais fielmente possível por meio de sistemas de significação”. A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação, elas não são pré-existentes e são criadas e recriadas na cultura. Silva (2000) explica que a identidade é dependente da representação porque é por meio da representação que a identidade adquire sentido. A representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Silva (2000, p. 91) salienta que é a representação que dá existência à identidade: “representar significa dizer, essa é a identidade”. Hall (2000, p. 112) vai no mesmo sentido ao afirmar que “as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora ‘sabendo’, sempre, que elas são representações”.

A região é o exemplo clássico da representação geográfica; sendo o conceito por meio do qual a diferença geográfica transforma-se em identidade. A região descreve e espelha-se numa imagem, a imagem regional, a imagem que é o referente da identidade, dada pelo elemento escolhido como a referência homogeneizante. Contudo desde o final do século XX, a região vem sendo substituída pela rede, esse todo onde a diferença (re)aparece, na forma do espaço-lugar (SANTOS, 2008), recolocando os termos da representação geográfica. Daí a impressão de alçamento do espaço a uma principalidade de importância no presente, quando se trata da liberação da sua presença na tela visual da representação. Ou seja, a identificação do lugar, vem sofrendo interferências e transformações na própria diferenciação do todo que o qualifica e o identifica na aldeia global que se encontra interligado.

Pertencer a um território/lugar permite ao indivíduo estabelecer uma identidade e um posicionamento no espaço “afirmar claramente quem ele é, de construir seu eu, definir sua personalidade, marcar os limites do que lhe pertence e o que pertence aos outros” (CLAVAL, 1999a, p. 16). Nesse processo, Peluso (2005) salienta que o sujeito constrói uma dimensão simbólica do território, produto que segundo a autora já fora definido por Haesbaert (2001, p. 118) de “apropriação/valorização simbólica” do grupo sobre seu espaço.

O território, portanto, é construído no jogo entre material e imaterial, funcional e simbólico. Podemos mesmo afirmar que as concepções de território capazes de responder melhor pela realidade contemporânea devem superar os dualismos fundamentais: tempo-espaço, fixação-mobilidade, funcional e simbólico. (HAESBAERT, 2007, p. 37)

Segundo, Haesbaert, (2007, p. 38), “não há território sem algum tipo de identificação e valorização simbólica do espaço pelos seus habitantes”.

3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO TERRITÓRIO

3.1 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Segundo Claval (1999a, p. 50), “o mundo no qual vivemos é aquele dos consumos culturais de massa. Assim sendo, o contexto obriga os geógrafos a não negligenciar as dimensões culturais dos fatos que observam”. Claval (1999a, p. 50), buscou, na Psicologia Social, o conceito de representações para salientar que os geógrafos devem orientar suas pesquisas numa nova direção: “as técnicas tornaram-se demasiadamente uniformes para deter a atenção; são as representações, negligenciadas até então, que merecem ser estudadas”. Corroborando esse pensamento Peluso (2008), quando afirma que é no olhar sobre o sujeito que a Geografia deve procurar responder às interrogações da sociedade, assim procedendo dentro de um viés construído historicamente. Nessa construção histórica, Furtado (2002), destaca que há uma dinâmica que coloca o plano subjetivo e objetivo em constante interação, o que o leva a afirmar que a realidade é um fenômeno multideterminado que inclui uma dinâmica objetiva como também subjetiva. Essas dinâmicas - objetividade/subjetividade – têm o indivíduo como o sujeito singular que recebe a base material, mas que é, também, agente ativo da transformação social, acontece de forma dialética, independentemente que o homem tenha conhecimento ou não¹⁴ (FURTADO, 2002), e é mediada por uma estrutura denominada Subjetividade Social (LANE, 2002), que se expressa por intermédio de um discurso coletivo, denominado de Representações Sociais (RS)¹⁵. Segundo Woodward (2000, p. 17), as representações incluem as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos. Os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar, ou seja, os lugares em que os indivíduos passam a se posicionar, justamente, por serem portadores de uma identidade.

¹⁴ “Enquanto a percepção está voltada para o que eu capto, a representação está voltada para o que simboliza para mim aquilo que captei. Muitas vezes não é possível separá-los, mas é importante saber que não são a mesma coisa. Assim, não estamos mais livres de nossas representações porque elas se fazem presentes, mesmo quando não percebemos” (DUPRET, 2006, p. 119).

¹⁵ O objetivo da Teoria das Representações Sociais é explicar os fenômenos do homem a partir de uma perspectiva coletiva, sem perder de vista a individualidade. O termo representação social foi postulado por Serge Moscovici, por ocasião de seus estudos sobre a psicanálise apresentados na obra *La Psychanalyse – Son image et son public*, no ano de 1961 (DOTTA, 2006)

A representação social é um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou no conteúdo do pensamento. Não se trata de uma percepção da pura razão, pois como a percepção acontece no nível da consciência, a representação se encontra principalmente transversalizada na subjetividade dos sujeitos, extrapolando-os para a vida exterior. Como material de estudo, a representação social, define-se como categorias de pensamento que expressam determinada realidade, atravessando assim, a história da humanidade e suas diferentes correntes de pensamento sobre o social, sendo, portanto, uma noção histórica (BARBOSA, 1997). O psicólogo social, romeno, Serge Moscovici¹⁶, criador da Teoria da Representação Social¹⁷, assim a definiu:

A representação social é um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas e liberam os poderes de sua imaginação (MOSCOVICI, 1978, p. 28).

É interessante frisar que Moscovici utiliza-se da Teoria das Representações Sociais para tornar inteligível o mundo que se mostra objetivado na natureza, ou seja, a realidade que supostamente já estaria dada a se conhecer. Com sua teoria, Moscovici chama a atenção para a relação intrínseca entre as representações sociais e a subjetividade, para a inseparabilidade entre objetivo e subjetivo, mental e material e, para a relação entre passado, presente e futuro. A Teoria das Representações Sociais oferece uma abertura para o entendimento de como se dá a compreensão/construção do mundo pelos sujeitos (ARRUDA, 2002).

Moscovici aponta que na formação das representações sociais ocorrem simultaneamente dois processos, que fazem parte da natureza do desenvolvimento intelectual humano, a objetivação e a ancoragem (CABECINHAS, 2004). A relação intersubjetiva entre sujeito e objeto, que acontece nesses dois processos, Cabecinhas (2004, p. 128), o esclarece de forma bem estruturada:

¹⁶ “Serge Moscovici, pesquisador na área da Sociologia do Conhecimento e da Psicologia Social. Em seu estudo de 1961, conseguiu substituir o conceito abstrato de representação social pela análise de algo objetivo, presente e diferenciado, a partir do qual uma determinada sociedade ou grupo social pensa sua experiência e seu comportamento individual e coletivo, a um só tempo” (DUPRET, 2006, p. 119).

¹⁷ É em Émile Durkheim, que Moscovici foi buscar a relação indivíduo/sociedade: as representações individuais, instáveis e efêmeras, e as representações coletivas, homogêneas, estáveis, universais e impessoais, pensadas pela totalidade da sociedade. As primeiras são o substrato da consciência de cada um, enquanto as segundas são partilhadas por todos os membros do grupo, com a função de preservar os laços entre seus componentes, preparando-os para pensar e agir de maneira uniforme (PELUSO, 1998).

A objetivação diz respeito à forma como se organizam os elementos constituintes da representação e ao percurso através do qual tais elementos adquirem materialidade, isto é, se tornam expressões de uma realidade vista como natural. O processo de objetivação envolve três etapas. Na primeira, as informações e as crenças acerca do objeto da representação sofrem um processo de seleção e descontextualização, permitindo a formação de um todo relativamente coerente, em que apenas uma parte da informação disponível é retida. Este processo de seleção e reorganização dos elementos da representação não é neutro ou aleatório, dependendo das normas e dos valores grupais. A segunda etapa da objetivação corresponde à organização dos elementos. Moscovici recorre aos conceitos de *esquema* e *nó figurativo* para evocar o fato dos elementos da representação estabelecerem entre si um padrão de relações estruturadas. A última etapa da objetivação é a naturalização. Os conceitos retidos no nó figurativo e as respectivas relações constituem-se como categorias *naturais*, adquirindo materialidade. Isto é, os conceitos tornam-se equivalentes à realidade e o abstrato torna-se concreto através da sua expressão em imagens e metáforas.

Franco (2004) destaca que a objetivação definida como a transformação de uma idéia, de um conceito, ou de uma opinião em algo concreto, cristaliza-se a partir de um processo figurativo e social e passa a constituir o núcleo central de uma determinada representação, seguidamente evocada, concretizada e disseminada como se fosse o real daqueles que a expressam.

O processo de ancoragem, por sua vez, precede a objetivação e, por outro, situa-se na sua seqüência. Enquanto processo que precede a objetivação, a ancoragem refere-se ao fato de qualquer tratamento da informação exigir pontos de referência: é a partir das experiências e dos esquemas já estabelecidos que o objeto da representação é pensado. Enquanto processo que segue a objetivação, a ancoragem refere-se à função social das representações, nomeadamente permite compreender a forma como os elementos representados contribuem para exprimir e constituir as relações sociais. A ancoragem serve à instrumentalização do saber conferindo-lhe um valor funcional para a interpretação e a gestão do ambiente. De uma forma explicativa, mais sucinta, Franco (2004, p. 175), “entende que a ancoragem consiste no processo de integração cognitiva do objeto representado para um sistema de pensamento social preexistente e para as transformações, histórica e culturalmente situadas, implícitas em tal processo”.

No entender de Vala (1993, p. 363), “a ancoragem leva à produção de transformações nas representações já constituídas, isto é, o processo de ancoragem é, a um tempo, um processo de redução do novo ao velho e reelaboração do velho tornando-o novo”. Ainda sobre os dois processos, Dotta (2006, p. 23), argumenta que “se a objetivação mostra como os elementos representados [...] se integram a uma realidade social, a ancoragem permite compreender o modo como eles contribuem para modelar as relações sociais e como as exprimem”.

Segundo Cabecinhas (2004, p. 126), “as representações sociais servem como guias da acção, uma vez que modelam e constituem os elementos do contexto no qual esta ocorre e desempenham, ainda, certas funções na manutenção da identidade social e do equilíbrio sociocognitivo”. Para Dotta (2006, p. 17), “as representações sociais são vistas por Moscovici como ‘entidades quase tangíveis’, já que circulam, cruzam-se e se cristalizam continuamente por meio de falas, gestos, encontros, no universo cotidiano”. Dotta (2006, p. 18), salienta que “abordar as representações sociais significa considerar que não existe uma ruptura entre o universo exterior e o universo do indivíduo ou do grupo, que o sujeito e o objeto não são absolutamente heterogêneos em seu campo comum”: “o objeto está inserido em um contexto ativo, dinâmico, considerado parcialmente pela pessoa ou coletividade, como prolongamento de seu comportamento (DOTTA, 2006, p. 18). A autora afirma que

o estudo das representações sociais contribui para uma abordagem da vida mental individual e coletiva, uma vez que estas envolvem a pertença social dos indivíduos com as implicações afetivas e normativas, com as interiorizações de experiências, práticas, modelos de condutas e pensamentos, que são socialmente transmitidos pela comunicação social, que a elas estão ligadas (DOTTA, 2006, p. 25).

Segundo Jodelet (1984, p. 361), a representação social, “[...] designa uma forma de pensamento social”. Atravessada pela cultura e memória social, a representação social se apóia num projeto e num passado que não são somente individuais, mas coletivos. Esta idéia é completada por Spink (1994, p. 118), ao afirmar que “as representações sociais, [...] precisam ser entendidas, [...] a partir do contexto que as engendram e a partir de sua funcionalidade nas interações sociais do cotidiano”. Uma visão histórico-geográfica com base nas representações sociais permite o abandono da camisa de força da ciência moderna cartesiana, indo aos resquícios do inconsciente coletivo (ARRUDA, 2002). Para Kosel (2004, p. 217) a Geografia, “ao incorporar componentes mentais abstratos das representações, permite passar da simples descrição regional à compreensão das relações existentes entre os atores sociais e sua organização espacial”. Conhecer o sujeito, os atores sociais, torna-se condição ímpar para se conhecer/compreender o lugar, a região. Dessa forma, as representações sociais não são apenas tributárias do passado, elas são também passagem para o futuro. Afirma Arruda (2002, p. 70): “a acumulação de informação, experiências e conhecimentos que vão se compor em representações constitui o capital com o qual se trabalhará o futuro”.

Para Peluso (2008), a ausência do sujeito na ciência fez com que a ciência geográfica não dialogasse com os atores que produzem o espaço ou compreendesse suas razões e emoções. As representações sociais reincorporam os sujeitos à ciência, pois, a ciência deixa

de retratar a realidade independente da consciência humana. O estudo das representações sociais é um instrumento de grande utilidade para compreender o território em que o ser humano desempenha suas funções sociais. Kozel (2004, p. 223), chama a atenção para o fato de que as

representações imbricam-se entre a concepção realista que embasa o real, o científico; a concepção idealista que dá suporte teórico ao imaginário e a concepção sociocultural que perpassa os dois conceitos, proporcionando a análise da teia de relações estabelecidas entre a sociedade e o espaço geográfico.

A autora descreve que enquanto a concepção realista demonstra que o objeto existe independente do pensamento¹⁸ e busca entender a correspondência existente entre o objeto e sua representação, ou seja com a objetividade; a concepção idealista¹⁹ dá suporte teórico ao imaginário, ressaltando o real como produto do pensamento ou da consciência (KOZEL, 2004). Kozel (2004, p. 222), ainda, destaca que a “geografia das representações tem se estruturado tanto na vertente relacionada à dimensão cognitiva, na qual as representações são conceituadas como processos de conhecimento do mundo, como na dimensão operatória, como um modo de agir sobre o mundo”. As representações espaciais advêm, portanto, de um vivido que se internaliza nos indivíduos e o permite apropriar do mundo exterior, conhecê-lo e descrevê-lo. Segundo Kozel (2004), as representações permitem compreender os sentidos da consciência espacial e, numa progressão aspiral, a crescente complexidade das lógicas espaciais: “ao resgatar o vivido e as subjetividades, atribui-se à análise espacial maior amplitude para desvendar aspirações e valores pertinentes aos grupos humanos, refletindo-se na organização espacial” (KOZEL, 2004, p. 216). Kozel (2004), ao salientar a importância das representações para a análise regional, entende que as regionalizações devem evidenciar muito mais que os recortes apresentados, “pois, ao descobrir os homens e o sentido que atribuem ao lugar descobrirão as comunidades, as territorialidades, desvendando as ideologias espaciais, [e] a compreensão das relações existentes entre os atores sociais e sua organização espacial” (KOZEL, 2004, p. 216-217).

O estudo das representações sociais de uma determinada região, de um determinado lugar, remete ao projeto de ciência de Sousa Santos, Claval, Keller, Schnitman e Peluso, pautado numa contemporaneidade onde o sujeito se vê parte de uma espacialidade-histórico-geográfica nexorável, ou seja, onde o sujeito está presente num universo objetivo, mas que também é subjetivo, uma vez que faz parte dele. Nesse sentido, o pensamento de Dotta (2006,

¹⁸ Concepção aristotélica.

¹⁹ Concepção platônica, remete à perfeição do mundo das idéias.

p. 25), corrobora substancialmente, pois a autora salienta, que “as representações sociais são abordadas ao mesmo tempo como produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e de elaboração psicológica e social dessa realidade”. Em concordância com esse pensamento, Peluso (2008) em seu trabalho, “Escalas e linguagem na prática geográfica” enfatiza que “[...] a realidade não é objetiva. Ela é objetivada continuamente no que [David] Harvey chamou de ‘textos’”. Textos que exigem uma releitura a cada novo momento, uma vez que, cada sujeito registra sua marca no espaço/ambiente que circula, contribuindo, assim, na dinâmica da nova definição da identidade do território. Esta identidade não é estática e expõe a natureza dialética das representações sociais que a fizeram se constituir. Nesse sentido, Swyngedouw (apud CIDADE, 2005, p. 6), afirma que o mundo é um processo histórico-geográfico de metabolismo perpétuo, no qual processos sociais e naturais se combinam em um processo de produção sócio-natureza. Seu produto, a natureza histórica, envolve processos, físicos, sociais, econômicos, políticos e culturais, de formas contraditórias, porém inseparáveis. Nesse contexto, portanto, estão também inseridas as relações de poder e dominação que perpassam nas relações sócio-espaciais da semiosfera²⁰ humana.

3.2 SIGNIFICAÇÃO, SIMULAÇÃO E REIFICAÇÃO

Os homens não se encontram numa relação direta com a natureza; eles vivem num meio artificial que eles mesmos criaram, um meio cultural. A cultura é uma criação humana, é mediação entre homem e natureza. A cultura é constituída de realidades e signos que foram inventados para descrevê-la, dominá-la e verbalizá-la. Carrega-se, assim, de uma dimensão simbólica (CLAVAL, 1999a). Contudo, Debord (1997) salienta que a humanidade vive um momento em que a cultura tem se desligado da história da sociedade, dos mitos que a

²⁰ O russo Yuri Lótman (1922-1993), foi membro da Academia de Ciências da Estônia, escreveu que a totalidade da cultura está “imersa em um espaço semiótico” e que temas dentro de uma cultura determinada “só podem funcionar por meio da interação com esse espaço”. Essa combinação de cultura e espaço semiótico é chamada por ele de “semiosfera”. A semiosfera, conceitua Lótman, “é o resultado e a condição para o desenvolvimento da cultura; nós justificamos nosso termo por analogia com a biosfera, conforme a definição de Vernádski, a saber, a totalidade e o todo orgânico da matéria viva e também a condição para a continuação da vida” (Lotman 1990:124-25, apud MERREL, 2010). A cultura como semiosfera é entendida como um ecossistema de relações. Os estudos sobre a semiosfera são impulsionados pela necessidade de compreensão das culturas e de seus signos. Visualizando esse ecossistema de relações dentro de um paradigma sistêmico, Lótman caracteriza esse ambiente como o lugar da inseparabilidade texto/contexto.

constituíram, o que tem feito conseqüentemente, desaparecer o poder da unificação da vida humana. Para Debord (1997), a cultura, ao ganhar sua independência, inaugura um movimento imperialista de enriquecimento, que é, ao mesmo tempo, o declínio da sua independência. Melo (1988, p. 9) destaca que “contemplar o real [tornou-se] um esforço sem fim de surpreender o ser escondido atrás do ente enquanto tarefa hermenêutica”. Portanto, tornou-se preciso constatar/verificar se símbolo e realidade estão conectados no mesmo processo ou, se a ideologia presente no ambiente sócio-espacial não se encontra “dissimulando o real e tentando impor-lhe a sua significação” (SANTOS, 1982, p. 24).

Milton Santos chama a atenção para o fato de que “o símbolo [pode estar] presente, mas a realidade à qual ele remete pode ser presente ou ausente, passado ou futuro, existente ou tão-somente possível (SANTOS, 1982, p. 24). Os fatos, portanto, podem conduzir a uma realidade produzida, fictícia, que não corresponde a uma verdadeira realidade, ou seja, é um real simulado. Segundo Cabecinhas (2004) “vários estudos têm demonstrado que uma população pode ter práticas em desacordo com a representação”. Trata-se de uma realidade em que, como observa Godelier (*apud* SANTOS, 1982, p. 24) “não é o sujeito que se engana, é a realidade que o engana. É o pseudoreal que K. Kosik chama de pseudoconcreto”.

A simulação do real, este pseudoreal, Jean Baudrillard o denominou de simulacro (BAUDRILLARD, 1991). O simulacro ao criar uma fictícia realidade no objeto/mundo produz no sujeito uma verdadeira alienação. Decorre que, tomado o mundo por essa fictícia realidade, torna-se objeto de uma completa alienação social. Touraine (2007, p. 11), destaca que

o desaparecimento das sociedades como sistemas integrados e portadores de um sentido geral, definido ao mesmo tempo em termos de produção, de significação e de interpretação, coloca-nos na verdade diante de um mundo objetivo, do qual Jean Baudrillard afirma com razão que o mundo virtual é uma expressão extrema.

Baudrillard retomou o conceito de simulacro dos gregos, levando-o a uma imagem que inventa/produz uma realidade. No seu entender a verdade foi substituída por simulacros que fizeram com que os seres humanos perdessem os sentidos das coisas. O autor entende que o mundo foi tomado pela simulação, pelo fingimento e mascaramento das coisas, é o enterro do social, pois, o real não corresponde à verdade é uma imagem produzida; existe, é real, mas é falsa. Para Baudrillard, a humanidade vive hoje num tempo em que já não se exige que os signos tenham algum contato verificável com o mundo que supostamente representam. Baudrillard (1991, p. 8), em sua obra ‘Simulacros e Simulação’, assim descreve o mundo do simulacro:

Já não existe o espelho do ser e das aparências, do real e do seu conceito. [...] Já não se tem de ser racional, pois já não se compara com nenhuma instância, ideal ou negativa. É apenas operacional. Na verdade, já não é o real, pois já não está envolto em nenhum imaginário. [...] Nesta passagem a um espaço cuja curvatura já não é a do real, nem a da verdade, a era da simulação inicia-se, pois, com uma liquidação de todos os referenciais – pior: com a sua ressurreição artificial nos sistemas de signos, material mais dúctil que o sentido, na medida em que se oferece a todos os sistemas de equivalência, a todas as oposições binárias, a toda a álgebra combinatória. Já não se trata de imitação, nem de dobragem, nem mesmo de paródia. Trata-se de uma substituição no real dos signos do real, isto é, de uma operação máquina sinalética metaestável, programática, impecável, que oferece todos os signos do real e lhes curta-circuita todas as peripécias. O real nunca mais terá oportunidade de se produzir – tal é a função vital do modelo num sistema de morte, ou antes de ressurreição antecipada que não deixa já qualquer hipótese ao próprio acontecimento da morte. Hiper-real, doravante ao abrigo do imaginário, não deixando lugar senão à recorrência orbital dos modelos e à geração simulada das diferenças.

Para Bahia (2010) a simulação toma a forma, não de irrealidade, mas de objetos e experiências manufaturadas que tentam ser muito mais reais do que a própria realidade, nos termos de Baudrillard (1991), ‘hiper-reais’. Ou seja, o hiper-real é a apresentação de uma realidade mais real que ela própria. O autor salienta que para Baudrillard, o simulacro é a própria composição de uma imagem que inventa uma realidade. Segundo Baudrillard (1991), a simulação parte da negação do signo como valor, parte do signo como reversão e eliminação de toda referência. Santos (1982, p. 24), teorizando sobre o símbolo, destaca P. Fraisse, para quem a “característica da elaboração simbólica está em que ela exerce sobre símbolos que ocupam o lugar de outra coisa, que representam um referente, ou seja, uma outra realidade”.

A representação tenta absorver a simulação interpretando-a como falsa representação, mas o fato é que a simulação envolve toda a construção da representação para tomá-la como simulação. Da existência de uma imagem verdadeira, estampada na realidade e produzida por ela mesma, até a constatação da existência de uma imagem que não corresponde a uma realidade vivida. Bahia (2010) concorda com esse pensamento, pois destaca que na sociedade do simulacro ocorre o predomínio do fingimento, do mascaramento e da simulação, estando o verdadeiro social enterrado na criação de um universo paralelo. Na essência dos simulacros não existe nada, apenas ausência.

Para Gallicchio (2009), o simulacro é mais que uma falsa cópia, pois ele escapa dos padrões preestabelecidos, transborda a realidade e desorienta o modo de existência e comportamento instituído, e principalmente cria novos modos ao invés de representar. Trata-se de uma criação que rompe com a representação e com o modelo-referência, com a realidade compreendida em essência e aparência. Segundo Deleuze (1998, p. 263-264, *apud*

GALLICCHIO, 2009), “o simulacro consiste numa ‘imagem sem semelhança’, no incomparável ‘construído sobre uma realidade, uma diferença, uma dissimilitude’”.

Conforme afirma Baudrillard (1991, p. 9), “dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência”. Ou seja, existe um real que se encontra apagado e sobre ele cria-se um novo real desconexo da história. Para Baudrillard (1991, p. 39), “a simulação corresponde a um curto-circuito da realidade e à sua reduplicação pelos signos”. O autor destaca que a perda dos referenciais históricos conduz “à agonia do real e do racional que abre as suas portas para uma era da simulação” (BAUDRILLARD, 1991, p. 60). Nesse sentido, Debord (1997, p. 13) colabora ao destacar que “onde o mundo real se converte em simples imagens, estas simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes típicas de um comportamento hipnótico”.

Sobre este momento de irrealidade refletido na sociedade, Bahia (2010), apoiando-se em Jameson, relaciona-o a um produto do pós-modernismo visto como a terceira fase do capitalismo, que se expressa através das imagens fragmentadas, desconexas e simuladas, que dominam o atual estágio capitalista globalizado. Trata-se, segundo Jameson (2001), de uma sociedade marcada pela falta de profundidade, pelo excesso de superficialidade. Decorre daí que o indivíduo perde sua real identidade e torna-se impessoal com a consequente amarração da cultura aos aspectos mercadológicos. Ou seja, a cultura torna-se mercadoria e, dessa forma, segundo Jameson (1996), o simulacro termina por esmaecer a percepção de uma historicidade. Cria-se, portanto, “o pastiche da história, ou seja, a própria falta da capacidade de representar a história” (MACHADO, 2004, p. 209), pois, o simulacro na sua lógica de transformar novas realidades replica a lógica capitalista, reforça-a e intensifica-a criando “identidades-para-o-mercado” (MACHADO, 2004, p. 209).

Segundo Debord (1997, p. 10) a linguagem da sociedade do simulacro é constituída por signos da produção reinante, que são ao mesmo tempo o princípio e a finalidade última da produção. Nesse sentido, Machado (2004), afirma que a identificação do sujeito com os modos de vida coletivos passa a ser mediado pelo mercado.

Essas identidades são formadas e construídas [...] em processos do simulacro da percepção da historicidade, por meio da qual pedaços desconectados e imagens recortadas de um passado nostálgico são montados como material espiritual para essas mesmas identidades (pedaços que são, da mesma forma, imagens vazias do passado, desprovidas de profundidade histórica) (MACHADO, 2004, p. 209).

Ainda, segundo Machado (2004), no sentido da solidificação de imagens da identidade, a identidade-para-o-mercado e a crise da historicidade fazem parte do mesmo processo, descrito por Jameson de “dominante da lógica cultural do capitalismo tardio”. Jameson (1996) chega a afirmar que ‘nós pensamos enquanto mercadoria’, tendo as transformações econômicas imposto grandes transformações sociais.

Debord (1997), sem utilizar-se do termo simulacro, chamou a sociedade do simulacro de sociedade do espetáculo. Debord (1997) explica que o espetáculo é uma forma de sociedade em que a vida real é pobre e fragmentária, e os indivíduos são obrigados a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real. A realidade torna-se uma imagem, e as imagens tornam-se realidade; a unidade que falta à vida recupera-se no plano da imagem. Este pensamento encontra ressonância em Baudrillard, quando o autor afirma que na espetacularização da realidade, os signos evoluíram, tomaram conta do mundo e hoje o dominam. Para Baudrillard (1991), os sistemas de signos operam no lugar dos objetos e progredem exponencialmente em representações cada vez mais complexas. Sendo o próprio objeto o ente provocador do discurso que promove intercâmbios para além do objeto.

Jappe (2010) salienta que para Debord, no espetáculo, a economia, de meio que era, transforma-se em fim, a que os homens submetem-se totalmente, e a alienação social alcança o seu ápice. Por sua vez, Santos (1987) reforça o alienante poder do consumo ao afirmar que o poder de consumo é contagiante e sua capacidade de alienação é tão forte que as pessoas adentram na condição de alienados. Barbosa (2004) considera que na concepção de Baudrillard, a atividade de consumo implica na ativa manipulação de signos, fundamental na sociedade capitalista, na qual mercadoria e signo se juntaram para formar o *commodity sign*. A autonomia do significado através da manipulação da mídia, da propaganda e do marketing indica que os signos estão livres de vinculação com objetos particulares e aptos a serem usados em associações múltiplas. Entende-se, portanto que, na sociedade de consumo o signo é mercadoria.

Esta sociedade de consumo, Debord (1997), ao chamá-la de “sociedade do espetáculo”, salienta que o espetáculo que inverte o real é produzido de forma que a realidade vivida acaba materialmente invadida pela contemplação do espetáculo, fazendo com que a realidade surja no/do espetáculo, com a alienação transformada na essência e no sustento dessa sociedade. Segundo Milton Santos, a alienação é uma fábrica de enganos “que se robustece e se alastra num mundo em que os homens pouco se comunicam pela emotividade e se deixam mover como instrumentos” (SANTOS, 1987, p. 51). Para Ferreira (2009), a lógica

do simulacro invade todas as esferas da vida humana, vive-se como se estivesse diante de um espetáculo; homens e mulheres tornam-se espectadores passivos da vida. Vida em que a “percepção do espaço é parcial, truncada e, ao mesmo tempo, em que o espaço se mundializa, ele [...] aparece como um espaço fragmentado, [...] um espaço humanamente desvalorizado, reduzido a uma função [,] se vive na alienação” (SANTOS, 1987, p. 59).

Santos (1987, p. 61) destaca que “quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é sede de uma vigorosa alienação”. Dessa maneira, como afirma Carlos (2005), o homem tem produzido um mundo com o qual parece não se identificar. “O espaço que ele produz, no processo de reprodução de sua vida, aparece como algo externo a ele. O espaço é produzido cada vez mais enquanto condição geral de produção” (CARLOS, 2005, p. 83).

Segundo Debord, (1997, p. 28),

o mundo presente e ausente²¹, que o espetáculo faz ver é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido. E o mundo da mercadoria é assim mostrado como ele é, pois seu movimento é idêntico ao afastamento dos homens entre si e em relação a tudo que produzem.

Santos (1982, p. 19) declara que “o espaço tornou-se mercadoria por excelência, visto que a espacialidade sofre os efeitos do processo de mercadorização, uma vez que torna-se estranha à região, a própria região fica alienada, já que não produz mais para servir às necessidades reais daqueles que a habitam”. Sobre a alienação proveniente do simulacro, Baudrillard chega a afirmar que “o mundo é que nos pensa, é o objeto que nos pensa” (SILVA, 2010, p. 4).

Para Baudrillard, o “simulacro é o segundo batismo das coisas” (MELO 1988, p. 14)²². Debord (1997, p. 13), salienta que “as imagens que se destacam [...] da vida fundem-se num fluxo comum, no qual a unidade dessa vida já não pode ser restabelecida”, visto que a cultura está dominada, fetichizada pela simulação da realidade vivida. Jameson (2001, p. 138), destaca que

a produção de bens de consumo é agora um fenômeno cultural: compra-se o produto tanto por sua imagem quanto por sua identidade imediata. Passou a existir uma indústria voltada especificamente para criar imagens para bens de consumo e estratégias para a sua venda: a propaganda tornou-se uma mediadora essencial entre a cultura e a economia [...].

²¹ Simular para Baudrillard é fingir uma presença ausente (MELO, 1988, p. 31). Presente, porque se encontra no espaço e no tempo, mas ausente, porque não se relaciona à consciência humana, ao imaginário humano, que habita esse espaço.

²² O primeiro é a representação (BAUDRILLARD *apud* MELO, 1988, p. 14).

No que tange a cultura, para Soares (2010) o simulacro coloca-a como uma esfera de completa autonomia e nela são jogados os sujeitos descentrados, os quais devido ao acúmulo de imagens e simulações possuem apenas uma experiência a compartilhar, que é a alucinação desestabilizada e estetizada da realidade. Segundo Slater (2002), a compreensão do conceito de cultura de consumo está dissolvida através das áreas psicológica, sociológica e econômica; todavia, estas, separadamente, são incipientes para revelar a descentralidade e a mutabilidade que marcam o consumidor atual e sua subjetividade pulsional e coletiva. A Geografia através do enfoque cultural e das representações sociais poderá evidenciar os espaços geográficos descentralizados. Para Tavares (2010, p. 124),

A cultura do consumo envolve, por exemplo, o consumidor esquizofrênico criador de pastiches de Jameson, a morte do social de Baudrillard; o destronamento dos valores culturais elitistas ou absolutos pelas preferências relativas, mas agora com poder socioeconômico de sujeitos “descentralizados”.

Esta descentralização dos sujeitos é visível na história que nos é entregue no mundo pós-moderno onde a relação com um real histórico obscurece. Ocorre o desaparecimento dos objetos na sua própria representação hiper-real. Os objetos assemelham a nada senão à figura vazia da semelhança, à forma vazia da representação. A história era um mito forte, talvez o último grande mito, a par do inconsciente. A história, que era um mito que subtendia ao mesmo tempo a possibilidade de um encadeamento objetivo dos acontecimentos e das causas, e a possibilidade de um encadeamento narrativo do discurso, vai obscurecendo-se (BAUDRILLARD, 1991). As cidades contemporâneas caminham para o simulacro. No processo do simulacro, Baudrillard (1991, p. 13) afirma que a simulação envolve todo o edifício da representação, sendo que as imagens passam por quatro fases sucessivas, quais sejam: “ela é o reflexo de uma realidade profunda; ela mascara e deforma uma realidade profunda; ela mascara a ausência de uma realidade profunda; e, por fim, ela não tem relação com qualquer realidade: ela é seu próprio simulacro puro”. No primeiro caso, a imagem é uma boa aparência; no segundo, é uma má aparência; no terceiro, finge ser uma aparência; e no quarto, já não é de todo do domínio da aparência, mas da simulação. Neste estágio último, os símbolos têm mais força e peso que a própria realidade.

Silva (2010) chama a atenção para o fato de que, tanto em Baudrillard, quanto em Jameson, o social está sendo determinado pela cultura, pois é da primeira fase de representação da imagem que se chega à sua quarta fase que é o simulacro puro. Contudo, tal afirmação se faz mais evidente em Jameson, uma vez que o autor concorda com a transformação da cultura em uma segunda natureza: dominada essa natureza, domina-se o

homem e o espaço onde está contido e que seria objeto representativo de sua verdadeira cultura. O indivíduo, já descentrado e compondo esta segunda natureza já está muito afastado de seu estado original, que se encontrava na primeira natureza. SILVA (2010) destaca que para compreender a sociedade do simulacro é fundamental compreender a força da imagem. Segundo (FERREIRA, 2009), a sociedade do simulacro é a sociedade do efêmero, que desobriga as novas gerações de pensar e ao mesmo tempo priva-as da construção de uma identidade própria. Portanto, segue a lógica da indústria cultural descrita por Adorno, onde a subjetividade se volatiliza e o sujeito do conhecimento se encontra suprimido (FLORIDO, 1999). A sociedade do simulacro impede a formação de indivíduos capazes de julgar e de decidir conscientemente; ela aprofundou e foi aprofundada, cada vez mais, pela indústria cultural. Para Adorno a indústria cultural é uma aliada da ideologia capitalista e sua cúmplice, e contribui eficazmente para falsificar as relações entre os homens, bem como dos homens com a natureza (FLORIDO, 1999). Exerce, portanto, o papel de portadora da ideologia da sociedade do simulacro que é o de outorgar sentido a todo o seu sistema de “representação”, fazendo-a administradora do mundo social contemporâneo. O contemporâneo tem se preocupado mais em reificar e fetichizar as mercadorias do mundo capitalista. Nesse sentido, a representação torna-se simplesmente uma aparência de um espetáculo social criado pelas perdas das referências.

Debord (1997) afirma que na sociedade do espetáculo, a imagem é reificada na forma de mercadoria. O estudo da reificação assenta-se na análise do fenômeno da alienação e do fetichismo da mercadoria. Segundo Crocco (2009, p. 50), “a reificação como conceito é o desenvolvimento lógico e histórico destes [alienação e fetiche]. Trata-se da elaboração da temática da alienação que, passando pelo fetichismo, culmina na incubação da reificação como uma nova configuração histórica da análise social, [...]”. Baudrillard (1991) salienta que o fetiche serve para ocultar ou escapar do vazio criado pela perda das referências de um real histórico. O conceito de reificação tem sua origem nos anos 20, elaborado pioneiramente por George Luckács na obra “História e consciência de classe”, e objetivava denominar a idéia núcleo de “esquecimento do reconhecimento” (SILVEIRA, PIENIZ E FRAGA, 2010). Conforme Jameson (1995, p. 10), a teoria da reificação, ancorada na Escola de Frankfurt²³ e sob o enfoque da racionalização, apresenta uma proposta de apreensão crítica dos processos e produtos dentro da indústria cultural. Isso porque se propõe a explicar a transformação das

²³ A Escola de Frankfurt é o nome dado a um grupo de filósofos e cientistas sociais de tendências marxistas que se encontram no final da década de 1920. A Escola de Frankfurt se associa diretamente à chamada Teoria Crítica da sociedade. Deve-se à Escola de Frankfurt a criação de conceitos como indústria cultural e cultura de massa.

narrativas em mercadorias, ou seja, compreender a maneira pelas quais as formas “mais antigas da atividade humana são instrumentalmente reorganizadas ou ‘taylorizadas’, analiticamente fragmentadas e reconstruídas segundo vários modelos racionais de eficiência, e essencialmente reestruturados com base em uma diferenciação entre meios e fins”. Segundo Costa (2010), a reificação configura-se como o processo pela qual, nas sociedades industriais, o valor (do que quer que seja: pessoas, relações inter-humanas, objetos, instituições) vem apresentar-se à consciência dos homens como valor sobretudo econômico, valor de troca: tudo passa a contar, primariamente, como mercadoria. O trabalho reificado não aparece por suas qualidades, trabalho concreto, mas como trabalho abstrato, trabalho para ser vendido. A sociedade que vive à custa desse mecanismo produz e reproduz, perpetua e apresenta relações sociais como relações entre coisas.

Segundo o filósofo Ghiraldelli Júnior (2010), Adorno e Horkheimer viam, assim como Marx, que o mundo moderno vivia sob o registro do fetichismo e da reificação. O contemporâneo, por sua vez, aprofundou o registro do fetichismo e da reificação. Ghiraldelli Júnior (2010) salienta que o fetichismo é o fenômeno pelo qual o que é morto aparece como o que é vivo, e a reificação é a sua contrapartida, onde o que é vivo se comporta como morto. Este é o contraponto que aparece na sociedade de consumo: os objetos se portam como sujeitos, enquanto que todos os que eram os antigos sujeitos já estão objetivificados; reina a alienação sobre o espaço/lugar objetivado. Costa (2010) destaca que o homem fica apagado, é mantido à sombra. Todo o tempo fica prejudicada a consciência de que a relação entre mercadorias (relação entre coisas) é, antes de tudo, uma relação que prevalece sobre a relação entre pessoas. Lukács (1989, p.114, *apud* CROCCO, 2009) afirma que este contexto somente se faz possível porque foi o sistema capitalista quem permitiu que, pela primeira vez na história humana, se produzisse, uma estrutura econômica unificada para toda a sociedade, uma estrutura de consciência – formalmente – unitária para o conjunto da sociedade. Crocco (2009, p. 50) destaca que,

segundo Marx, o fetichismo da mercadoria é um fenômeno característico da sociedade capitalista, uma forma que penetra em todas as esferas da vida e influencia diretamente as relações entre os homens. O que é específico deste processo é o predomínio da coisa, do objeto sobre o sujeito, o homem; é a inversão entre a verdade do processo pelo que ele aparenta ser em sua forma imediata. E nisto se aproximam os conceitos de alienação, fetichismo e reificação.

Para Lukács, (*apud* TREVISAN e ROSSATTO, 2010, p. 278),

o fenômeno da reificação ocorre em três dimensões. a) *na troca de mercadorias*, os sujeitos se vêem reciprocamente forçados a perceber os objetos como coisas potencialmente lucrativas; b) *nas interações sociais*, os sujeitos vêem o parceiro de interação social como objeto de uma transação rentável, e; c) *ao nível individual*, os sujeitos consideram as faculdades e qualidades pessoais apenas como recursos objetivos para a obtenção de lucro.

Trevisan e Rossato (2010), por sua vez, se utilizam do pensamento de Axel Honneth, para apontar que a reificação se caracteriza pelo comportamento que entende as circunstâncias de forma atrofiada ou distorcida em vista do esquecimento de uma práxis original na qual o homem adotaria uma relação de implicação com respeito a si mesmo, aos outros e aos objetos em geral. Assim, verifica-se que o homem, já apagado, é um observador passivo que contempla com indiferença não somente o contexto social e físico em que está inserido, como também a si mesmo. Nesse descentramento humano, para Rossato (2010), a própria vida humana se torna uma entidade coisificada. É esta a segunda natureza humana, o ser coisificado, visto que se encontra objetivado, ausente de sua historicidade. Para Castro (2010), “a libertação do estado de ‘segunda natureza’²⁴ depende, [...], da insubordinação contra as forças pelas quais a reificação se sustenta”, ou seja, o descentramento e o descolamento da realidade. O descentramento e o descolamento da realidade são resultantes da força de regulação que atualmente possui o capitalismo ao transformar a ciência moderna em sua força produtiva. A libertação do estado de segunda natureza seria acompanhada da “emancipação social” e da liberdade do “conhecimento-emancipação” descritos por Sousa Santos (2001), como sementes de um novo senso-comum que não despreza os conhecimentos científicos/tecnológicos adquiridos pela humanidade, mas permite o caminhar conjunto do eu-pensante e do eu-físico; e que é capaz de acabar com o olhar de sobrevôo da ciência e recolocar o homem verdadeiramente no centro do conhecimento, ou seja, no centro da vida, e restabelecê-lo no centro da sociedade. Dessa forma, rompe-se com o simulacro e restabelece-se a realidade com suas verdadeiras representações. Nesse contexto, a cultura se mostrará refletida e refletindo as objetividades e subjetividades existentes no espaço/território/lugar. Passando a demonstrar as concretas representações sociais do lugar e não uma simulação de uma realidade não vivida.

Contudo, o mundo contemporâneo encontra-se tomado pela simulação da realidade. São os signos que estão imprimindo as imagens dos territórios e concebendo suas identidades

²⁴ A segunda natureza, Castro (2010), define como o mundo de coisas surgido da atividade humana e que se descolou do seu criador e, já na forma de criatura, passou a lhe dominar, criando “leis” independentemente dele e assumindo um papel de regulador.

simuladas. A historicidade dos lugares se esvaneceu, atravessada pelos fluxos e, esvaziadas das suas referências. Assim, estão se consolidando as cidades contemporâneas.

3.3 AS CIDADES E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SEUS TERRITÓRIOS

No exemplo das cidades abaixo se pode verificar em qual estágio do simulacro baudrillardiano elas se encontram.

A cidade de Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais, foi reconhecida, no início do século XX, como a “Manchester²⁵ Mineira” e “Princesa de Minas”, por não ser a capital de Minas Gerais e em virtude do grande crescimento industrial têxtil que passara nesse período²⁶. A cidade recebeu a construção da primeira usina hidrelétrica da América do Sul em 1889.

É interessante que passadas décadas, no imaginário popular, ou seja, na representação social do município, permanece a idéia de segunda cidade do Estado de Minas e de cidade vocacionada para a indústria, mesmo depois de ter tido seu complexo industrial têxtil desfeito a partir da década de 1950 e também de ter sido ultrapassada industrialmente por outras cidades mineiras. Juiz de Fora que, desde a década de 1970, vinha com uma evidente tentativa de recuperação industrial com as instalações da Companhia Paraibuna de Metais e da Siderúrgica Mendes Júnior em seu território, em 1996 fez outra tentativa com a instalação da montadora de automóveis alemã Mercedes-Benz.

Contudo, Juiz de Fora não recuperou o lugar que desempenhou no estado mineiro, entre 1870 até a primeira metade do século XX: não houve multiplicação do número de empregos oferecidos, não houve crescimento expressivo dos salários e não se criou uma cadeia de crescimento econômico capaz de envolver todo o município. Contudo, o sentimento industrial visto no início do século passado e idealizado no refrão do hino do município continua presente na sua representação social, no inconsciente coletivo deste município: “Viva a princesa de Minas, viva a bela Juiz de Fora, que caminha na vanguarda do progresso a estrada afora. Das cidades brasileiras sendo a mais industrial, na cultura e no trabalho não detém outra rival”. (HINO DE JUIZ DE FORA, 2010), O município de Juiz de Fora se encontra na terceira fase das imagens do edifício da simulação do pensamento

²⁵ Comparação feita com Manchester, a famosa cidade industrial da Inglaterra.

²⁶ As indústrias se multiplicam, principalmente os setores têxtil e de produção de alimentos. Em 1911, havia 58 indústrias em Juiz de Fora. Em 1921, já eram 107 estabelecimentos (JUIZ DE FORA, 2011).

baudrillardiano: “mascara a ausência de uma realidade profunda”. Ou seja, Juiz de Fora finge possuir a aparência de uma cidade industrial. No entanto, encontra-se no domínio do sortilégio, da maquinação.

Um segundo exemplo, vem, mais uma vez, de Minas Gerais. A cidade de Patos de Minas é conhecida pela Festa Nacional do Milho. Patos de Minas surgiu na segunda década do século XIX em torno da Lagoa dos Patos onde, segundo as descrições históricas, existia uma enorme quantidade de patos silvestres. A agropecuária é a principal atividade econômica da cidade, sua agricultura é bastante diversificada com produção de grãos e hortifrutigranjeiros. A grande produção de milho levou o município a editar a Festa Nacional do Milho, Fenamilho ou, como é popularmente conhecida, Festa do Milho. É a principal festa de Patos de Minas. Iniciou-se como uma festa estudantil, em 1955, e oficializou-se em 1958, quando foi eleita a primeira "Rainha do Milho". Em meados da década de 1960 começaram os shows com artistas populares e, então, a festa ganhou o status de Festa Nacional. A Fenamilho é uma das maiores festas populares do interior do País e conta com várias apresentações musicais, rodeios, leilões, desfiles, palestras. Envolve muito dinheiro do setor agrícola e é organizada pelo Sindicato dos Produtores Rurais de Patos de Minas. Gera emprego e renda para a cidade, lotando hotéis, bares, restaurantes e repúblicas. A Rainha Nacional do Milho de 2000 foi eleita Miss Brasil em 2003 (PATOS DE MINAS, 2011). Patos de Minas demonstra estar na 2ª fase da simulação baudrillardiana, onde acontece a deformação e o mascaramento da realidade profunda. A cidade apesar de se manter como grande produtora de milho, se encontra com a produção estabilizada. No geral, a agropecuária contribui com apenas 14% do PIB local. Atualmente o setor de serviços com 66% é quem responde pela maior contribuição ao PIB da cidade (IBGE, 2011).

Bento Gonçalves, no Estado do Rio Grande do Sul, é outro exemplo. Conhecida como a capital brasileira da uva e do vinho (BENTO GONÇALVES CAPITAL BRASILEIRA DA UVA E DO VINHO, 2009), a cidade trás na sua formação econômica e cultural toda uma tradição vinda dos imigrantes italianos. A vocação vinícola do município se explica pela interação havida na sua formação cultural com uma geografia físico-climática favorável ao cultivo da uva.

A representação social de Bento Gonçalves perpassa pela cultura italiana com preservação da arquitetura e costumes trazidos pelos pioneiros, incluindo sua rica gastronomia e seus antigos e novos vinhedos. Os vinhedos alavancaram a economia local e o município cresceu em tecnologia, hoje exporta sua cultura com o turismo nessa região. Desde 1967, acontece, anualmente, a Festa Nacional do Vinho, atualmente denominada FENAVINHO

BRASIL. A cidade de Bento Gonçalves encontra-se na 1ª fase da simulação baudrillardiana, qual seja, ela é o reflexo de uma realidade profunda. Contudo, está caminhando para a 2ª fase visto que a urbanização e o capitalismo aceleram o processo do simulacro. Bento Gonçalves tem no vinho seu principal atrativo turístico. Hoje existem 79 vinícolas instaladas no município. O setor vinícola representa 12,39% de participação no mercado brasileiro. Anualmente são produzidas mais de 127 mil toneladas de uva e o equivalente a 91 milhões de litros de vinho. Contudo, é o setor moveleiro quem possui a maior representatividade na economia local. A produção de móveis em Bento Gonçalves representa 40% da produção estadual e 8% da produção nacional. Hoje existem no município 335 indústrias moveleiras registradas, que geram mais de 10 mil empregos diretos e indiretos (BENTO GONÇALVES, 2011b).

Mais recente, o município de Sinop, no Estado do Mato Grosso, nascido da efetiva implantação e expansão da fronteira agrícola no Centro-Oeste brasileiro com a presença de migrantes da Região Sul do país, tornou-se em mais outro exemplo que deixa perceber as dinâmicas que coexistem para formar, caracterizar e demonstrar a representação social do lugar. Sinop é resultado da política de ocupação da Amazônia Legal desenvolvida pelo Governo Federal na década de 1970 (SINOP, 2011b). Fundado em 1974, o município teve seu desenvolvimento avalancado a partir do cultivo da soja e hoje tem seu reconhecimento e infra-estrutura e influência identitária advinda dessa atividade agrícola. O modelo agrícola sulista aliado ao incentivo político e tecnológico do governo federal fez dessa cidade uma grande exportadora de soja. A soja está presente nessa sociedade como riqueza econômica e cultural. A cidade vive a primeira fase baudrillardiana do simulacro: ela é o reflexo de uma realidade profunda.

Moreira e Osório (1984) ao estudarem o processo de migração brasileira, afirmam que o crescimento demográfico do Centro-Oeste foi o maior entre as várias macrorregiões do Brasil durante o período entre 1950 e 1970. A ocupação do Centro-Oeste brasileiro se deu com intensa atuação do Estado com o objetivo de expansão agrícola e povoamento da região, tendo como um grande ícone a transferência do Distrito Federal para o Planalto Central. A transferência ocorreu com um grande fluxo de correntes migratórias de várias regiões do país que para cá se afluíram com a construção da Nova Capital Federal. A migração intra-regional também foi enorme tendo em vista a criação do Distrito Federal. Para Cidade (2003, p. 164), “a imagem da cidade²⁷ [de Brasília] divulgada na época era a de uma capital modelar que

²⁷ Cidade referindo-se a todo Distrito Federal, adota o nome da Região Administrativa I, Brasília, e o termo cidade em seu texto, por compreender que é a denominação pela qual o Distrito Federal é mais conhecido.

representaria o ingresso do país em nova era de desenvolvimento”. A criação se deu entre o dualismo da cidade projetada – Plano Piloto – e das cidades-satélites instituídas para abrigar o contingente populacional de trabalhadores que para aqui migraram. O Distrito Federal, logo de início, já viu a imagem de cidade ideal se entenebreecer diante da necessidade de se alocar assentamentos urbanos periféricos para se manter a estética de cidade projetada. Segundo Cidade (2003, p. 160), “enquanto a imagem constituída procurava enfatizar a cidade ideal, para os trabalhadores migrantes havia a expectativa de conseguir emprego”. Já no seu 4º aniversário, em 1964, Milton Santos assim se pronunciava a respeito da Nova Capital: “Caberia, ainda, indagar em que medida o desenvolvimento do país se refletirá sobre a Nova Capital. Obteremos, assim, eliminar o dualismo que hoje marca a fisionomia e a vida da cidade? ou será, ele também, um fato irreversível?” (SANTOS, 2011, p. 79).

O dualismo tem perpetuado. Contudo, Cidade (2003, p. 168), afirma que “em contraste com a gestão do território dualista, pode-se depreender que a imagem construída continuou promovendo Brasília como uma cidade ideal”. No caso de Brasília, primeiro se criou a imagem da cidade ideal, porém, depois, a concretização do idealismo não aconteceu. Nesse sentido, Paviani e Gouvêa (2003, p. 18), relatam:

Brasília tem sido considerada o símbolo da cidade modernista, cujo charme urbanístico e arquitetônico integra o imaginário nacional como um exemplo de qualidade de vida e qualidade ambiental invejável. É certo que o apelo de um bem sucedido *marketing* original, cultivado e reiterado ao longo de anos não pode ser subestimado. No entanto, a pretensão de uma capital imune às profundas contradições da sociedade brasileira revelou-se, na melhor das hipóteses, um discurso profundamente ingênuo ou, o mais provável, uma bem sucedida manobra demagógica.

O mito da igualdade territorial que perpassou a história do espaço de Brasília foi sendo dissolvido enquanto se edificava a cidade na forma de um centro, o Plano Piloto, cercado por uma periferia, as cidades-satélites. A divisão social do espaço urbano que decorreria das funções burocráticas e políticas do aparelho de Estado, submergiu logo nos primeiros anos da construção, com a chegada dos migrantes pobres e sem vínculos com o governo, que vieram em busca de trabalho (PELUSO, 2005, p. 23)

Segundo Peluso (1998, p. 43), “o discurso oficial construiu imagens de Brasília como ponto culminante de um processo de interiorização da civilização e da cultura”. As imagens fundadoras da nova Capital do país contêm pelo menos duas contradições, uma lacuna grave e um desejo a ser satisfeito, dos quais resultou uma recusa ao trabalho braçal e àqueles nos quais se encarnava. Primeiramente, impulsionaria a industrialização do país, mas negando ela

própria a indústria em seu território. Segundo, apoiava-se no passado que, entretanto, devia ser negado, pois não proporcionara o desenvolvimento necessário (PELUSO, 1998).

Segundo, o Entrevistado 1, da Administração Regional da cidade-satélite de Brazlândia, um outro tipo de dualismo se deu com os assentamentos rurais e urbanos - com grande número de migrantes pobres assentados em locais sem infra-estrutura - ocorridos na área do Distrito Federal. Em Brazlândia, os assentamentos promoveram um jogo rural/urbano inexistente até aquele momento. A localidade que pertencia ao Estado de Goiás foi anexada ao Distrito Federal, quando de sua criação, em 1960, passando a ser a sua IV Região Administrativa. A cidade-satélite cresceu em números populacionais - urbanos e rurais - e em produção agrícola, e atualmente, devido uma grande produção, evidencia o morango como símbolo de sua agricultura. Brazlândia parece incorporar na sua identidade o fato de ser grande produtora de morango, o que tem instigado às mudanças culturais naquela localidade, com edição de uma festa anual, referente à produção dessa hortaliça: a Festa do Morango de Brasília. A festa alude ser um festejo popular, nascido do cultivo do morango na região, combinado com a cultura agro-rural e urbana local. Sugere, ainda, criar representações sociais referentes à produção e comercialização do morango. Partindo dessas premissas, será visto primeiramente os panoramas mundial, nacional e por fim regional da produção e mercado do morango, com o intuito de se analisar se essa representação social de Brazlândia encontra verdadeira ressonância sócio-espacial local.

4 OS PANORAMAS DO MERCADO DO MORANGO

4.1 O PANORAMA NO MERCADO MUNDIAL DO MORANGO

Segundo SPECHT e BLUME (2009), a cadeia produtiva do morango, dentro do conjunto dos cultivos de pequenas hortaliças, é de importância destacada em termos econômicos e sociais, por mobilizar produtores com escalas produtivas bem variadas, que abrangem mercados tanto globais quanto locais. No Brasil a produção comercial do morango é realizada em diferentes estados, devido à adaptabilidade dos diferentes cultivares. O Distrito Federal figura como o sétimo maior produtor nacional e maior produtor da Região Centro-Oeste. Ainda, segundo SPECHT e BLUME (2009), está havendo um aprimoramento dos estudos sobre as questões do período pós-colheita, como o armazenamento e a distribuição, entre outros. Esta realidade também é reflexo da pressão da sociedade sobre as cadeias alimentares, no que tange a um maior compromisso dos produtores para com as questões ambientais e sociais. Segundo Specht e Blume (2009), a produção mundial de morangos vem crescendo em números absolutos nos últimos anos. No período de 1997 a 2006, a produção cresceu 29%, enquanto a área plantada apresentou um crescimento de 18%. Em 2006 a produção mundial foi estimada em 3.908.975 toneladas, para uma área total plantada de 262.165 hectares (FAO, 2009).

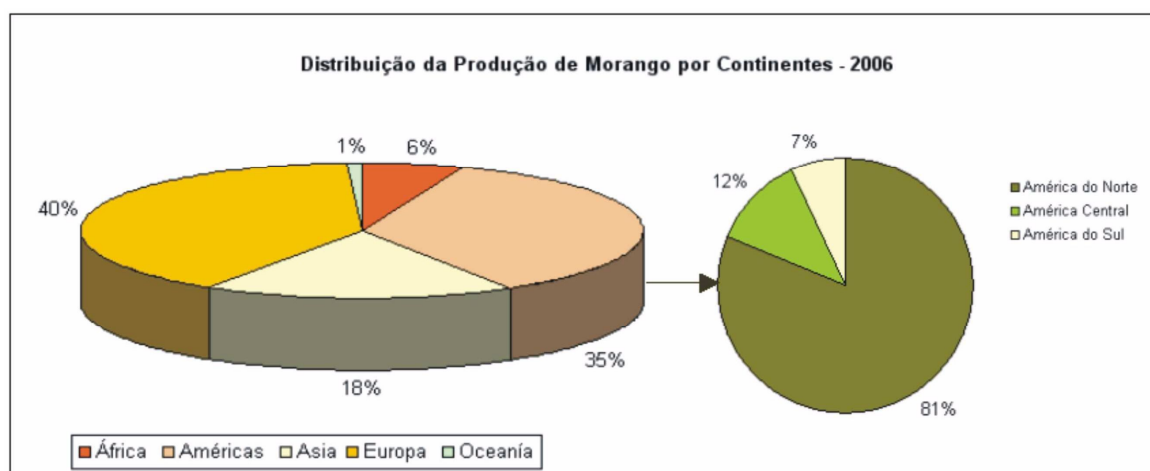


Gráfico 4.1 - Distribuição por continente da produção mundial de morango em 2006
 Fonte: Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO, 2009).

A produção mundial de morangos está centrada na Europa e nas Américas, com 75% da produção mundial, sendo o restante distribuído entre a Ásia 18%, a África 4%, e a Oceania 1%. Cabe destacar que entre as Américas, a do Norte é responsável por quase 81% da produção do continente. Quanto aos países, segundo os dados da FAO (2009), são listados 74 países. Em termos de concentração se observa pelos indicadores de produtividade que esta é praticamente centrada nos dez primeiros países produtores, que respondem por quase 75% da produção mundial de morangos, nessa ordem, respectivamente, Estados Unidos, Espanha, Rússia, Turquia, Coreia do Sul, Polônia, Japão, Alemanha, México e Itália. Os Estados Unidos figuram como primeiro colocado liderando com uma expressiva produção, de aproximadamente 28% do total mundial, sendo esta quase três vezes maior que a do segundo colocado que é a Espanha. Os Estados Unidos também se destacam pela produtividade (toneladas/hectare). Contudo, esta produtividade é apenas 10% maior do que a da Espanha. Ainda em relação à produtividade por hectare, cabe destacar para o grupo dos dez primeiros, a baixa produtividade da Polônia, sexto maior produtor mundial, que detém a maior área em hectares cultivada entre os países, sendo esta 2,5 vezes maior que a dos Estados Unidos. Para o caso, seria interessante observar se são questões geográficas, tecnológicas ou sociais os maiores impeditivos para um melhor rendimento por hectare (SPECHT e BLUME, 2009).

Ampliando os dados da produção de morango para os 20 primeiros países, este percentual chega a quase 90% do total produzido para o ano de 2006. Na América do Sul o melhor colocado no ranking da FAO de 2008, é o Chile, na 22ª posição. O Brasil ocupa apenas a 54ª colocação, estando somente na frente da Bolívia, 60ª colocada, e do Uruguai que nem figura no ranking (SPECHT e BLUME, 2009).

Segundo Specht e Blume (2009), em termos gerais, as perspectivas de mercado para o morango fresco e congelado são de crescimento, pois de 1996 a 2006 o mercado cresceu cerca de 17%. Os autores ainda apontam que os mercados tradicionais como o europeu continuam atrativos para a exportação de frutas frescas, principalmente para os países da América Latina. Estes, porém, necessitam desenvolver sistemas de certificação que sejam confiáveis, bem como investimentos em campanhas de *marketing*, sendo importante para isto a união dos produtores, e a formalização de alianças e sociedades visando à cooperação competitiva.

4.2 O PANORAMA NO MERCADO BRASILEIRO DO MORANGO

O agronegócio é responsável por 25% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional e um terço dos empregos. Em 2009, representou 42% das exportações, com US\$ 64,7 bilhões dos US\$ 152,2 bilhões exportados pelo Brasil (SEAPA - Secretaria de Estado de Agricultura do Distrito Federal, 2010).

Existem diferentes indicativos nas literaturas quanto à introdução do cultivo do morango no Brasil. Porém, tende-se a apontar que a introdução do cultivo do morangueiro ocorreu por volta da década de 1950, no sul do estado de Minas Gerais no município de Estiva. Já no Rio Grande do Sul, o cultivo do morango foi introduzido em 1956/57, no município de Feliz. No Distrito Federal o início do cultivo se deu por volta dos anos de 1980 com a chegada dos imigrantes japoneses na Região Administrativa de Brazlândia (SPECHT e BLUME, 2009).

O morango, dentro do grupo do cultivo das pequenas hortaliças, é uma cultura de uso intensivo de mão-de-obra, em torno de cinco pessoas ocupadas por hectare produtivo (SPECHT e BLUME, 2009). Segundo Oliveira, Nino e Scivittaro (2005), as propriedades que se dedicam ao cultivo do morangueiro no país tem como área média cultivada 0,5 a 1 hectare - a maioria em pequenas propriedades rurais familiares. Sendo que, por apresentar estas características, o cultivo do morango se destaca pela sua relevância tanto econômica como social. Porém, também podem ser verificadas áreas maiores de cultivo. Além dos produtores primários, a cadeia envolve à montante diferentes produtores de insumos, como os laboratórios de produção de matrizes, viveiristas, comerciantes de lonas, arames e túneis plásticos, fertilizantes e defensivos, e produtores de embalagens; e a jusante agroindústrias de transformação, atacadistas, varejistas e exportadores.

Segundo Specht e Blume (2009), a produção está destacada em oito estados brasileiros, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Espírito Santo, Santa Catarina, Distrito Federal e Rio de Janeiro.

Com a diversificação de variedades e de sistemas de produção tem-se conseguido produzir morangos praticamente nos 12 meses do ano. No período de junho a novembro concentra-se o pico da produção. Neste período o preço pago ao produtor tende ao seu menor

valor. Cabe destacar que esta especificidade sazonal tem incentivado o desenvolvimento de pesquisas ligadas aos cultivos protegidos e a hidroponia²⁸ (EMATER/DF, 2011a).

Segundo os dados oficiais do censo agropecuário brasileiro de 1996, os maiores produtores nacionais eram Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná, Distrito Federal e Santa Catarina, como se pode verificar na tabela abaixo.

| <i>Estado</i> | <i>Produção (Toneladas)</i> | <i>Participação %</i> |
|--------------------|-----------------------------|-----------------------|
| Minas Gerais | 15.581 | 41,44 |
| Rio Grande do Sul | 9.644 | 25,65 |
| São Paulo | 5.801 | 15,42 |
| Paraná | 1.754 | 4,66 |
| Distrito Federal | 1.507 | 4,00 |
| Santa Catarina | 998 | 2,65 |
| Espírito Santo | 885 | 2,35 |
| Rio de Janeiro | 706 | 1,87 |
| Bahia | 320 | 0,85 |
| Goiás | 215 | 0,57 |
| Pernambuco | 142 | 0,37 |
| Mato Grosso do Sul | 29 | 0,07 |
| Tocantins | 10 | 0,02 |
| <i>Brasil</i> | <i>37.598</i> | <i>100</i> |

Tabela 4.1 - Maiores estados produtores de morango e participação em porcentagem

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do Censo Agropecuário de 1996 (SPECHT e BLUME, 2009).

A produção nacional de morangos cresceu muito e para o ano 2006/2007 foi 2,7 vezes maior que a verificada no Censo de 1996, perfazendo em torno de 100.000 toneladas. Atualmente, a produção total do morango, no país, alcançou a marca de 133 mil toneladas e 3.718 hectares de área plantada (PORTAL DO AGRONEGÓCIO, 2011). Segundo Specht e Blume (2009), de modo geral, observa-se que houve nos últimos anos um avanço na produção brasileira, pois esta cresceu em números absolutos. Contudo, este crescimento no mercado interno não se refletiu da mesma forma para o mercado externo, pois as exportações brasileiras ainda são “tímidas” frente ao possível potencial exportador. Em termos

²⁸ A hidroponia é um sistema de cultivo, dentro ou fora de estufas, onde as plantas não crescem fixadas ao solo. Os nutrientes que a planta precisa para seu desenvolvimento e produção são fornecidos somente pela água. As plantas são colocadas em canais ou recipientes por onde circula uma solução nutritiva, composta de água pura e de nutrientes dissolvidos em quantidades individuais que atendam a necessidade de cada espécie vegetal cultivada.

competitivos, o desafio da ampliação da escala com a melhora da qualidade se coloca como o principal gargalo para a cadeia do morango brasileiro (SPECHT e BLUME, 2009).

O Distrito Federal que em 1996 possuía uma produção de 1507 toneladas, figura atualmente como o sétimo maior produtor nacional, com aproximadamente, 4500 toneladas; elevando sua produção em 298,6 %, em uma área plantada de 100 hectares. Apesar do aumento de produção, caiu de quinto para sétimo produtor nacional.

O cultivo do morango requer disponibilidade de maiores recursos financeiros, o que dificulta a instalação de mais lavouras por parte dos proprietários rurais do Distrito Federal. De acordo com a EMATER/DF (2008), o custo de produção de morango em um hectare, para uma produtividade de 24 ton/ha, era R\$ 51.502,53, estimado com preços de abril de 2008. Esta produtividade equivalia a 20.000 caixas de 1,2 kg, com os custos de produção correspondendo a R\$ 31.132,53 de insumos e R\$ 20.470,00 de serviços. A distribuição percentual aproximada destes custos, agrupada por itens de dispêndio, é a seguinte: serviços/mão-de-obra (40%), mudas (20%), embalagens (18%), adubos/corretivos (14%), plásticos para “mulching” (5%), agrotóxicos (3%).

Verificando no mapa abaixo, pode-se observar que o Distrito Federal faz parte de uma região com altos índices de consumo de morangos por família. Santa Catarina é o estado de maior consumo nacional.

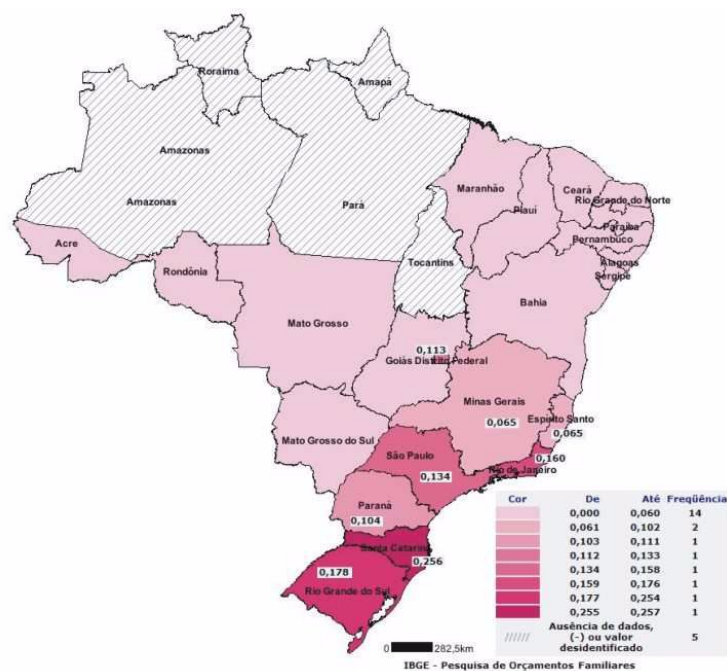


Figura 4.1 – Mapa da distribuição da aquisição domiciliar per capita anual em Kg de morangos por família.

Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (2003).

5 A REGIÃO ADMINISTRATIVA IV – BRAZLÂNDIA: ANÁLISE PARA UMA GESTÃO TERRITORIAL

5.1 (RE) CONHECENDO O DISTRITO FEDERAL



Figura 5.1 - Distrito Federal

Fonte: DISTRITO FEDERAL (BRASIL) (DISTRITO FEDERAL, 2011a).

A implantação da Capital Federal na região central do País representou um marco estratégico no processo de integração do território e interiorização do desenvolvimento nacional. A localização em uma região de grande vazio demográfico, com traços de economia de subsistência, ensejava que seria a Capital, um fator de propulsão do desenvolvimento, não apenas das áreas mais próximas, como também sinalizaria o avanço em direção a novas fronteiras de recursos do País.

Assim, as primeiras atividades que se desenvolveram estavam ligadas à construção dos edifícios e demais obras necessárias à instalação do Governo Federal. Constituída inicialmente por um grande canteiro de obras, serviu de atração a um contingente imenso de trabalhadores provenientes de outras regiões, em busca de oportunidades de trabalho na

construção civil, a força motora da economia nos anos que antecederam a transferência da Capital.

O Distrito Federal por ser limitado territorialmente para desenvolver de forma extensiva as atividades do setor primário, não dispõe de muitas opções para industrializar-se, sem comprometer o meio ambiente. O fato de Brasília ser a capital do país e desempenhar preponderantemente funções institucionais e administrativas, a atividade econômica da população concentra-se na prestação de serviços, 49,2%; administração pública federal e local, 16,6%; comércio, 16%; e na indústria, 9% (DISTRITO FEDERAL, 2008). Em 2007, o PIB do Distrito Federal foi consolidado com a participação de 93,16% do setor de serviços; 6,55% do setor industrial e apenas 0,29% do setor agropecuário (DISTRITO FEDERAL, 2010).

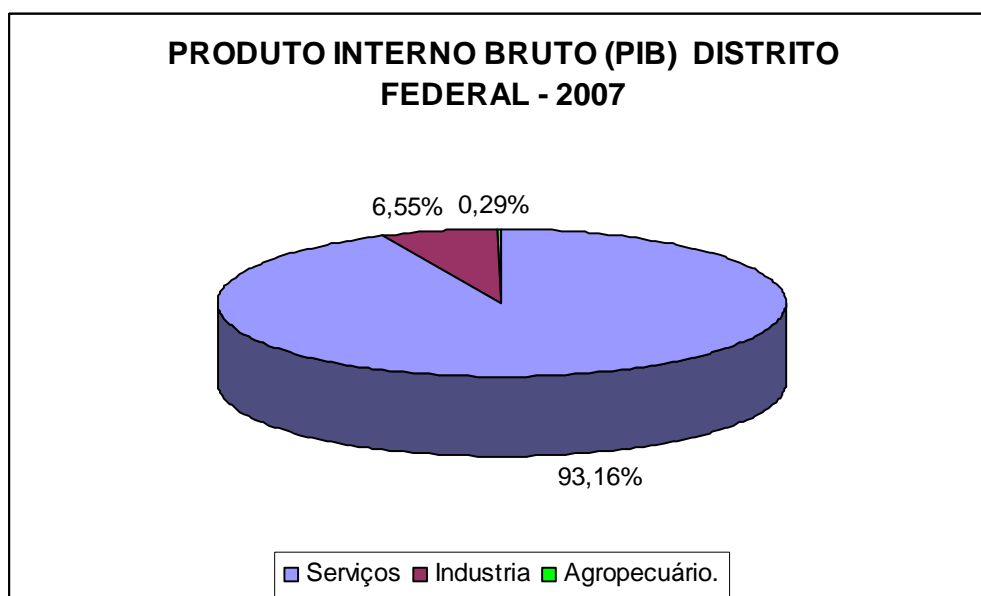


Gráfico 5.1 - Composição do Produto Interno Bruto do DF em 2007
 Fonte: DISTRITO FEDERAL (DISTRITO FEDERAL, 2010)

Apenas 189 empresas de produção agropecuária, envolvendo agricultura, pecuária, produção florestal e pesca, atuavam em 2007 em todo o DF, absorvendo 2321 pessoas, no emprego formal.

O Setor Agropecuário no DF responde, aproximadamente, por 0,19% da População Economicamente Ativa (PEA-DF) e 0,09% da população absoluta do DF (DISTRITO FEDERAL, 2010). A política agrícola no Distrito Federal é operacionalizada pela Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento – SEAPA. A Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN – ao divulgar as áreas e produções de

grandes culturas, hortaliças e frutíferas, segundo as Regiões Administrativas - Distrito Federal - 2005-2009, não faz qualquer menção ao cultivo de morangos em Brazlândia, cidade-satélite responsável por 99% da produção dessa hortaliça (DISTRITO FEDERAL, 2010).

A formação do quadro socioeconômico do DF vem se refletir na sua configuração espacial desde os primeiros anos da Capital. Em razão da necessidade de se preservar o Plano Piloto na sua característica de cidade administrativa, o assentamento em massa da população migrante, particularmente a de mais baixa renda, foi sendo realizada, sucessivamente, em sua quase totalidade, para áreas mais periféricas, que se transformaram em cidades-satélites. No Plano Piloto e nas cidades-satélites mais consolidadas, ou seja, mais bem servidas por infraestrutura e serviços urbanos, concentra-se o maior número de postos de trabalho do mercado formal, assim como a população ocupada na administração pública e nos serviços de natureza técnica mais especializada, com média salarial bem acima das demais atividades. Nas cidades-satélites menos consolidadas concentram-se os ocupados nos setores que exigem pouca ou nenhuma especialização, com rendimentos significativamente mais baixos (DISTRITO FEDERAL, 2011b).



Figura 5.2 – Mapa Político do Distrito Federal²⁹
 Fonte: DISTRITO FEDERAL (DISTRITO FEDERAL, 2011c)

²⁹ Tem ocorrido uma nova divisão com a criação de outras regiões administrativas, ainda não mapeadas; o mapa mostra somente as RA's mais antigas do Distrito Federal.

As Regiões Administrativas do Distrito Federal brasileiro estão listadas na tabela³⁰ abaixo.

| | | <i>Área (km2)</i> | <i>População (2010)</i> | <i>Dens. Demogr.</i> |
|--------------|--------------------|-----------------------|-------------------------|----------------------|
| RA-I | Brasília | 473 | 209.855 | 443,6 |
| RA-II | Gama | 276 | 135.723 | 491,7 |
| RA-III | Taguatinga | 121 | 361.063 | 2.983,9 |
| RA-IV | Brazlândia | 474,8 | 57.542 | 121,1 |
| RA-V | Sobradinho | 569 | 210.119 | 369,2 |
| RA-VI | Planaltina | 1.537 | 171.303 | 111,4 |
| RA-VII | Paranoá | 852 | 53.618 | 62,9 |
| RA-VIII | Núcleo Bandeirante | 82 | 43.765 | 533,7 |
| RA-IX | Ceilândia | 232 | 402.729 | 1.735,9 |
| RA-X | Guará | 46 | 142.833 | 3.105,0 |
| RA-XI | Cruzeiro | 9 | 81.075 | 9.008,3 |
| RA-XII | Samambaia | 106 | 200.874 | 1.895,0 |
| RA-XIII | Santa Maria | 211 | 118.782 | 562,9 |
| RA-XIV | São Sebastião | 383 | 100.659 | 262,8 |
| RA-XV | Recanto das Emas | 101 | 121.278 | 1.200,7 |
| RA-XVI | Lago Sul | 190 | 29.537 | 155,4 |
| RA-XVII | Riacho Fundo | 55 | 71.854 | 1.306,4 |
| RA-XVIII | Lago Norte | 54 | 41.627 | 770,8 |
| RA-XIX | Candangolândia | 7 | 15.924 | 2.274,8 |
| RA-XX | Águas Claras | 31,50 ^(*) | - | - |
| RA-XI | Riacho Fundo II | 30,60 ^(*) | - | - |
| RA-XXII | Sudoeste/Octogonal | 6,20 ^(*) | - | - |
| RA-XXIII | Varjão | 1,50 ^(*) | - | - |
| RA-XXIV | Park Way | 64,20 ^(*) | - | - |
| RA-XXV | SCIA | 29,00 ^(*) | - | - |
| RA-XXVI | Sobradinho II | 285,00 ^(*) | - | - |
| RA-XXVII | Jardim Botânico | - | - | - |
| RA-XXVIII | Itapoã | - | - | - |
| RA-XXIX | SIA | - | - | - |
| RA-XXX | Vicente Pires | - | - | - |
| TOTAL | | 5.783 | 2.570.160 | 444,4 |

Tabela 5.1 - Regiões Administrativas do Distrito Federal

Fonte: Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central (CODEPLAN, 2007) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011a).

* Informações sujeitas a modificações: a poligonal que delimita o território ainda não foi definida em lei.

³⁰ A tabela mostra os valores referentes somente as RA's mais antigas. O IBGE não divulga dados das demais RA's devido ao fato de que a poligonal que delimita o território ainda não foi definida em lei.

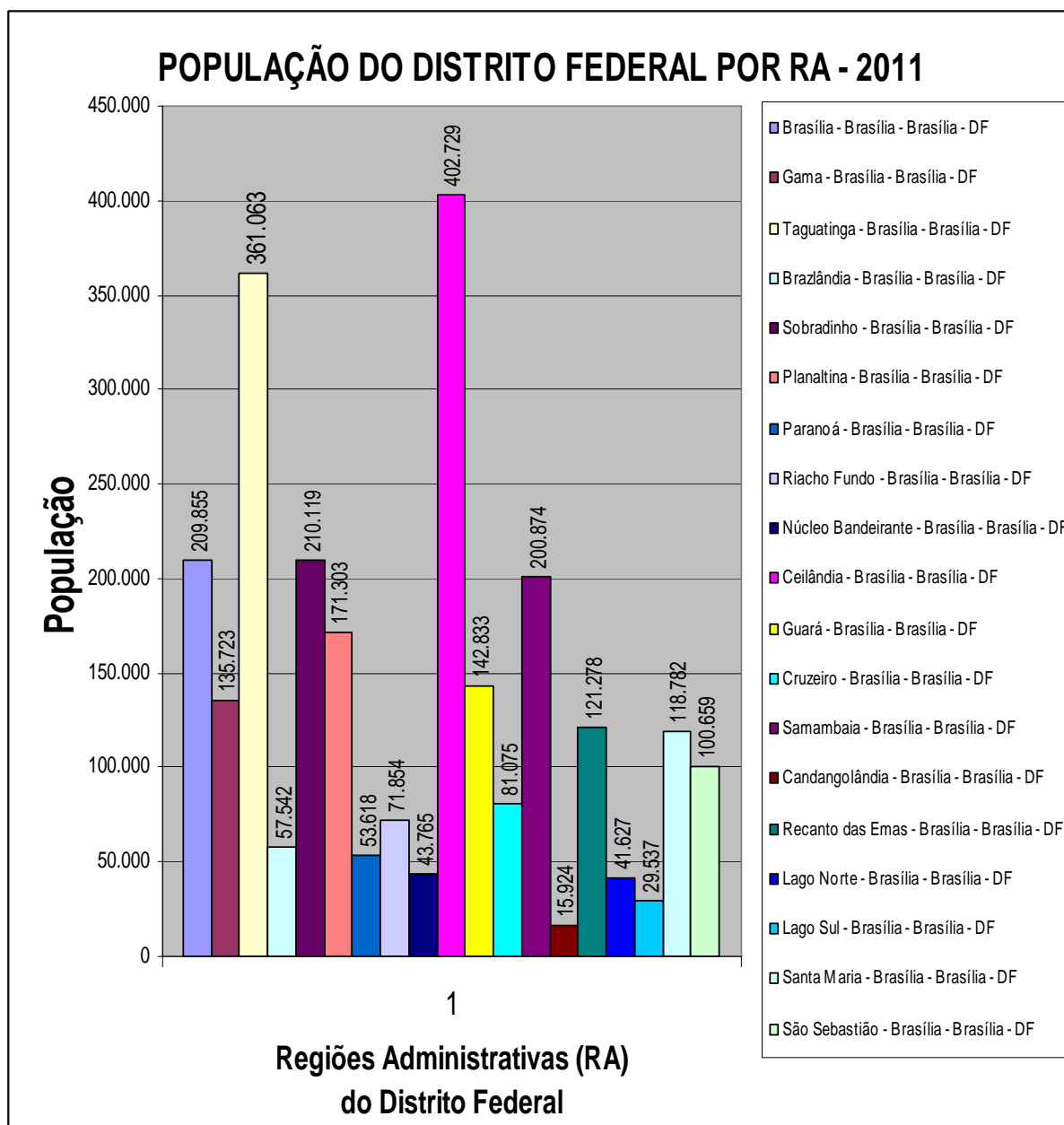


Gráfico 5.2 - População do Distrito Federal por Regiões Administrativas - 2011

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011a).

* Somente as 19 RA's que possuem a poligonal do território definida em lei.

No Distrito Federal pode-se classificar, de acordo com as características socioeconômicas, as Regiões Administrativas-RA's em três grandes grupos:

- Grupo 01 (de renda mais alta) - RA's do Plano Piloto, Lago Norte e Lago Sul, com participação de 16% da PEA.
- Grupo 02 (renda intermediária) - RA's do Gama, Taguatinga, Guará, Sobradinho, Planaltina, Cruzeiro, Candangolândia, representando 44% da PEA.
- Grupo 03 (renda mais baixa) - RA's de Ceilândia, Brazlândia, Samambaia, Paranoá, Santa Maria, São Sebastião, Riacho Fundo e Recanto das Emas, com participação em 40% da PEA.

Nos grupos de RA's de menor renda, concentra-se a maior parcela da população do DF, com as mais elevadas taxas de crescimento e os maiores índices de desemprego.

Enquanto o Grupo 01, caracterizado por alta renda familiar, apresenta, segundo dados de Março de 2011 (Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED/DF), uma taxa de desemprego de 7,2%, as regiões administrativas do Grupo 03, caracterizadas por uma baixa renda familiar dos seus residentes, apresentam uma taxa de desemprego de 17,2%, o que equivale dizer que, de cada seis trabalhadores residentes nas localidades deste grupo, um encontra-se desempregado (CODEPLAN, 2011).

A situação da agricultura no DF está diretamente relacionada com a sua estrutura fundiária. Portanto, é lícito afirmar que o baixo aproveitamento do potencial das terras agricultáveis tem respaldo na forte concentração fundiária que caracteriza o modelo existente, uma vez que a maior capacidade de geração de emprego está justamente centrada no âmbito dos pequenos e médios produtores, os quais são apontados, por um estudo elaborado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA, como os grandes absorvedores de mão-de-obra e grandes abastecedores do mercado interno. Esse estudo aponta, ainda, que os grandes produtores são responsáveis pela produção de quatro importantes produtos: carne bovina, açúcar, soja e arroz. Por outro lado, os pequenos produtores garantem a produção de feijão, milho, mandioca, banana, hortaliças, aves e ovos, que representam a base alimentar dos brasileiros (DISTRITO FEDERAL, 2011b). Contudo, a despeito da sua reduzida dimensão territorial, o Distrito Federal cultiva³¹ 125.313 ha, destacando-se a soja com 52.606 ha, milho com 41.357 ha, feijão 18.541 ha, sorgo 6.665 ha e trigo 2.762 ha. Em termos de culturas irrigadas, planta mais de 10,0 mil ha em 152 equipamentos de pivô central instalados (IBGE, 2011b).

A Região Administrativa de Brazlândia é o agroecossistema olerícola mais importante do DF e vem apresentando grande crescimento agrícola, por vezes sem planejamentos adequados de uso e ocupação das terras podendo proporcionar problemas ambientais. Verifica-se que esta área caracteriza-se por usos e coberturas predominantemente agrícolas, devido à forte presença de culturas anuais, solos expostos, pastagens e silvicultura que totalizam uma área de 321,2 Km². Em Brazlândia predomina o cultivo de hortaliças em pequenas propriedades rurais, caracterizadas por adoção de manejos de médio nível tecnológico (CARVALHO E LACERDA, 2007).

³¹ Dados do IBGE referentes à produção agrícola municipal do ano de 2007.

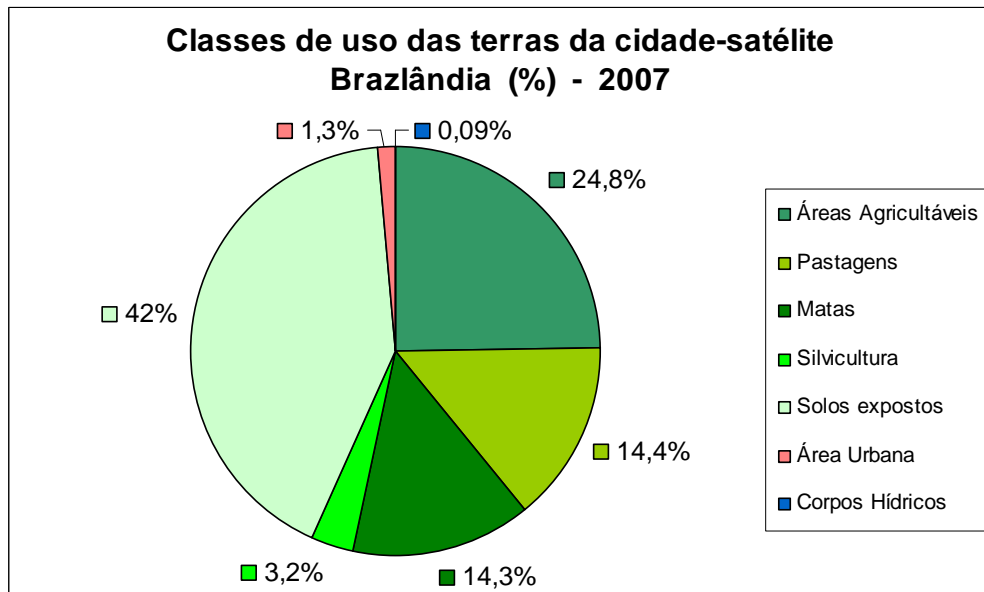


Gráfico 5.3 - Classes de uso das terras da cidade-satélite Brazlândia (%) - 2007
Fonte: Carvalho e Lacerda, 2007.

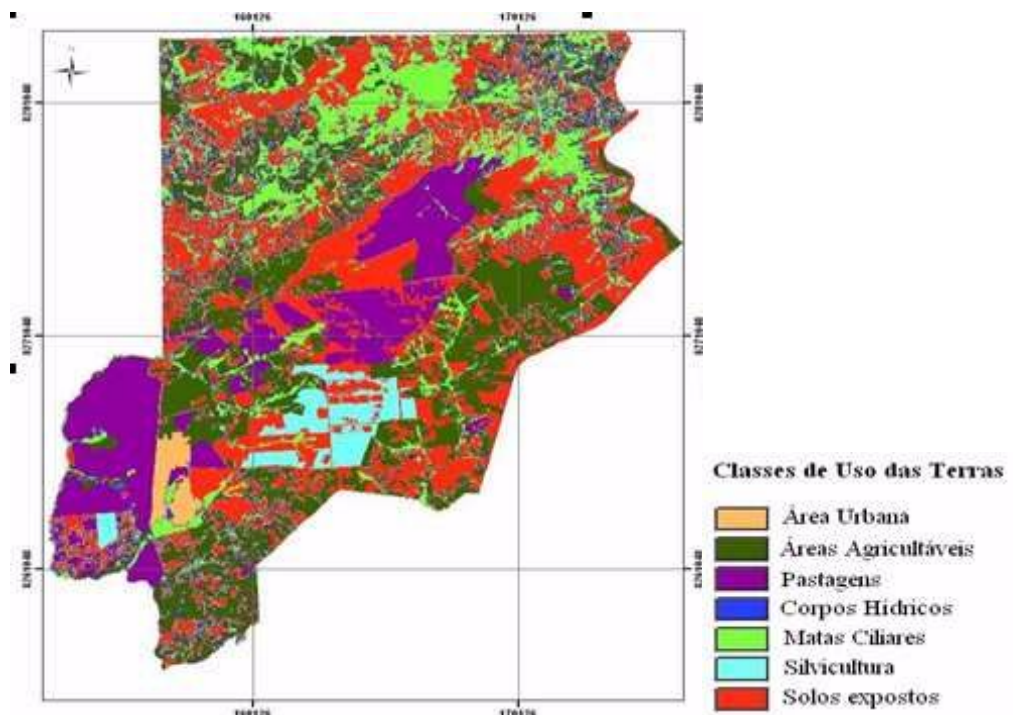


Figura 5.3 - Mapa de uso das terras da cidade-satélite Brazlândia (2007)
Fonte: Anais XIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto (Carvalho e Lacerda, 2007).

A atividade agropecuária deve ser reconhecida como uma importante alternativa para a dinamização da economia. O PDOT - Plano Diretor de Ordenamento Territorial – do Distrito Federal, na sua esfera de competência, deverá apontar diretrizes para a racionalização do uso

do solo rural, considerando as suas potencialidades e as interrelações existentes com o meio urbano (DISTRITO FEDERAL 2011b).

5.2 BRAZLÂNDIA: ANÁLISE PARA UMA GESTÃO TERRITORIAL

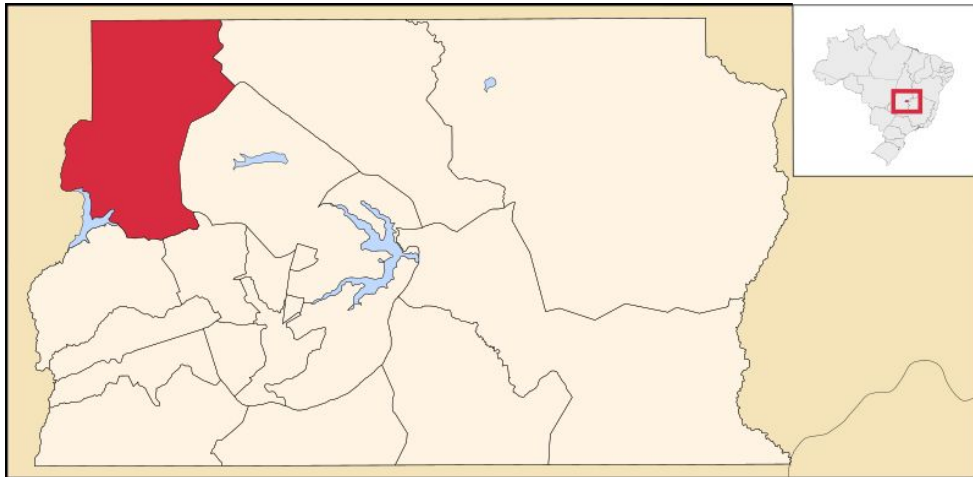


Figura 5.4 - Região Administrativa IV – Brazlândia – DF
Fonte: BRAZLANDIA (BRAZLANDIA, 2011a)



Figura 5.5 - Área urbana e rural de Brazlândia –DF
Fonte: Google Maps (BRAZLANDIA, 2011b)



Figura 5.6 - Foto aérea de Brazlândia - DF
Fonte: BRAZLÂNDIA (BRAZLÂNDIA SUSTENTÁVEL, 2011)

Segundo Franco (2004), p. 177-178), para se conhecer o mundo social, não basta juntar uma quantidade de dados bem documentados. É preciso avançar; evidentemente, começar pelos dados, pelo aparecer social, pelo empírico, e, uma vez claramente estabelecidos os conceitos – por meio do pensamento –, deve-se regressar ao empírico para enriquecê-lo com toda a complexidade de suas determinações. Assim como nas demais localidades, é com o olhar na grande e pequena escala que se pode procurar conhecer e entender a vida em Brazlândia, IV Região Administrativa (RA) do Distrito Federal.

Brazlândia, com ritmo de vida interiorana e economia baseada na produção agrícola e comércio, tem história bem mais antiga do que a das outras regiões administrativas do DF, com exceção de Planaltina. Localizada na região noroeste do Distrito Federal, faz parte da história do Brasil Colônia, por aqui passou a “Estrada Real”:

Em 1736, por ordem do rei de Portugal, foi oficializada a mais extensa estrada da história do Brasil Colônia, com mais de 3000 km, que veio a ligar Salvador ao extremo oeste do Mato Grosso, divisa com a Bolívia. Era a Estrada Real, ou Estrada Geral do Sertão, também chamada de Estrada dos Currais, Estrada do Sal, Picada da Bahia – de acordo com a época e função que adquiriu ao longo do tempo. Cruzava a região norte do Distrito Federal e os municípios do entorno, constituindo-se numa importante estrada mercantil do país (ESTRADA COLONIAL NO PLANALTO CENTRAL, 2009).



Figura 5.7 - Mapa da Estrada Colonial, “Estrada Real”, em 1730

Fonte: ESTRADA COLONIAL (ESTRADA COLONIAL NO PLANALTO CENTRAL, 2009)

Brazlândia pertenceu ao Estado de Goiás (GO) antes da criação do Distrito Federal no Centro Oeste brasileiro. Sua tradição agrícola tem raízes no começo do século XX com a vinda de goianos e mineiros que se estabeleceram na região³². O desenvolvimento foi trazido, principalmente, pelos Braz, de Carmo do Paranaíba, em Minas, e pelos Cardoso de Oliveira, de Posse, em Goiás, que já tinham tradição como agricultores e pecuaristas. Os dois clãs estabeleceram relação familiar e de negócios, realizando atividades agropecuárias e pastoris nas três décadas seguintes. No início dos anos 30, as famílias conseguiram, por influência política, que o povoado fosse elevado à categoria de Distrito de Santa Luzia, hoje Luziânia-GO. O lugar recebeu o nome de Brazlândia, em homenagem à família mais numerosa da região, a família Braz. O decreto criando o distrito é de 15 de abril de 1932, no entanto, o aniversário da cidade é comemorado em 5 de junho de 1933, data em que foi criada a subprefeitura de Brazlândia (CODEPLAN, 2007).

A decisão do presidente Juscelino Kubitschek de levar a Capital Federal para o Plano Piloto Central mudou o rumo da pequena Brazlândia. Já em 1958, foram desapropriados, mais de mil alqueires da cidade-satélite. Apenas a área que circundava a sede urbana de Brazlândia não foi transferida para o Governo Federal (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE

³² Foram as famílias Abreu de Lima, Rodrigues do Prado, Cardoso de Oliveira e a família Braz de Lima, que povoaram, no início do século XX, a terra que futuramente seria Brazlândia (CODEPLAN, 2007).

BRAZLANDIA, 2011). Brazlândia se encontra a 59 Km de Brasília e é a RA mais distante do Plano Piloto. A transferência do Distrito Federal para a Região Centro Oeste ocasionou mudanças na sua situação fundiária, populacional e econômica. Com o represamento do Rio Descoberto e a formação do lago que leva seu nome, destinado ao abastecimento de Brasília, muitas fazendas desapareceram. Hoje as propriedades são bem menores, a maioria com até 5 hectares. Brazlândia que em 1960 contava com aproximadamente 1000 (mil) moradores, foi alvo de assentamentos em sua área urbana e rural (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BRAZLANDIA, 2009). Segundo o Entrevistado 1, Brazlândia, manteve as características de povoado até 1960, quando as terras da região foram incorporadas à Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil - NOVACAP. Desde então sua população aumentou muito, devido aos novos loteamentos que abrigaram os moradores transferidos de invasões diversas no DF e à chegada constante de novos migrantes para a área urbana e rural da RA. No final dos anos 60 a população de Brazlândia se aproximava a 11 mil habitantes. Centenas de agricultores japoneses, oriundos do Estado de São Paulo e outros migrantes procedentes de demais regiões do país foram assentados no Núcleo Rural Alexandre Gusmão. Outros tantos migrantes do Estado de Goiás, Minas Gerais, Bahia, se instalaram na zona urbana. Neste período, final dos anos 60, foi criado um loteamento de duas mil casas para assentar os moradores de invasões no Núcleo Bandeirante, Guará e da favela Vietcong, que havia se formado nas proximidades de Taguatinga. A convivência entre os moradores antigos, em sua maioria descendente das primeiras famílias da região, e os novos, transferidos das invasões, foi inicialmente difícil. Segundo o Entrevistado 1, a cidade tradicional não se identificava com os novos assentados; houve preconceito, resistência extraordinária à vinda dessa população. O preconceito abateu sobre a cidade-satélite. Por sua vez, a colônia japonesa, assentada na década de 70, era incipiente e permanecia como um grupo fechado na área rural e pouco se comunicava com os demais habitantes da RA. Segundo o Entrevistado 1, instalou-se uma crise de identidade na RA; cada qual queria ficar no espaço, com o qual se identificava. O setor tradicional da RA não se comunicava com o novo setor urbano. A partir de 1975, a RA começou a ganhar infraestrutura pública: escolas, lago artificial Balneário Veredinha, rede hospitalar, etc. No setor tradicional foi instalado a Administração Regional e o Fórum; no setor novo, bancos, supermercados, escolas, rede hospitalar e comércio em geral. A implantação da nova infraestrutura acabou por diminuir a força do setor tradicional e impeliu a uma miscigenação cultural - atualmente a RA, está dividida em cinco setores: Tradicional; Norte (onde se encontra o comércio); Sul, Veredas (setores habitacionais) e Vila São José (o mais recente setor habitacional e também mais carente). Essa divisão espacial permanece também, nos dias

atuais (2011), no imaginário coletivo da RA, que valoriza o setor Tradicional em detrimento dos outros.

Ao se pesquisar no site oficial da Administração Regional de Brazlândia, verificou-se que a história é relatada neutramente como se não houvesse tido conflitos identitários locais; denota-se, portanto, por parte do poder público, a criação de uma imagem da RA que não condiz com a historicidade da realidade local.

Na década de 1980, Brazlândia já contava com uma população de 25.000 habitantes e permanecia com seu jeito rural, ou seja, não mudou o modo de vida calmo dos moradores, ainda presente nas antigas e novas ruas” (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BRAZLANDIA - IV, 2009).

Para o Governo do Distrito Federal (GDF), a continuidade de uma identidade rural se faz necessária uma vez que a RA fora anexada e planejada para ser um dos cinturões verdes do DF e responsável pelo abastecimento de água para o Plano Piloto.

Em 1982, quando se criou a Vila São José, o contingente populacional da RA já contava com, aproximadamente, 25 mil habitantes. Segundo, o Entrevistado 1, a Vila São José foi um assentamento urbano para o qual foram transferidos para Brazlândia a população do Distrito Federal que se encontravam em diversas favelas e também uma reivindicação habitacional urbana da própria RA, quanto a necessidade de mais moradias. Na zona rural da RA, criou-se um setor rural de terra irrigada, objetivando atuar como barreira para a expansão da área urbana. Uma reforma agrária foi implementada e comunidades rurais novas foram criadas com o mesmo objetivo de conter a expansão urbana: Comunidade Bela Vista, Comunidade Maranata, Comunidade Chapadinha e Comunidade Pulador.

Ainda, segundo o Entrevistado 1, a nova população urbana de Brazlândia não assumiu a identidade de ser cinturão verde do DF e as famílias tradicionais continuaram a trabalhar somente com gado e milho. O hortifrutu foi implantado pela Colônia Japonesa e pelo antigo IBRA – Instituto Brasileiro de Reforma Agrária -, atualmente, INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária -, na década de 1970.

A partir da década de 90, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA, juntamente com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal – EMATER/DF têm trabalhado para melhorar geneticamente a adaptabilidade dos cultivos ao cerrado brasileiro, o que proporcionou um aumento de produtividade nas culturas desenvolvidas em Brazlândia, e um pequeno aumento do número de produtores familiares no cultivo de hortifrutos. Contudo, conforme relatou o Entrevistado 1, a Brazlândia urbana

continua a não se comunicar com a Brazlândia rural. A cidade-satélite no seu entendimento apresenta duas vertentes que oferecem demandas intensas: a grande massa populacional urbana e a zona rural com uma malha viária de 400 Km e 14 comunidades produtivas. Uma das reivindicações da atual Administração Regional de Brazlândia é que a Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), ao realizar a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio (PDAD), a faça sem negligenciar a área rural da RA.

A partir do período em que a RA foi incorporada ao Distrito Federal, em 1960, até a presente data (2011), Brazlândia teve uma alta corrente migratória, uma grande modificação fundiária, um grande crescimento urbano e um aumento populacional superior a 5.700 %. Na variável, local de origem dos habitantes de Brazlândia, observa-se maior participação da Região Nordeste (42,0%), Centro-Oeste (29,3%) e Sudeste (24,0%). Alguns estados têm se destacado no quantitativo populacional: Goiás (28,6%), Minas Gerais (19,9%) e Bahia (9,8%) (CODEPLAN, 2010).

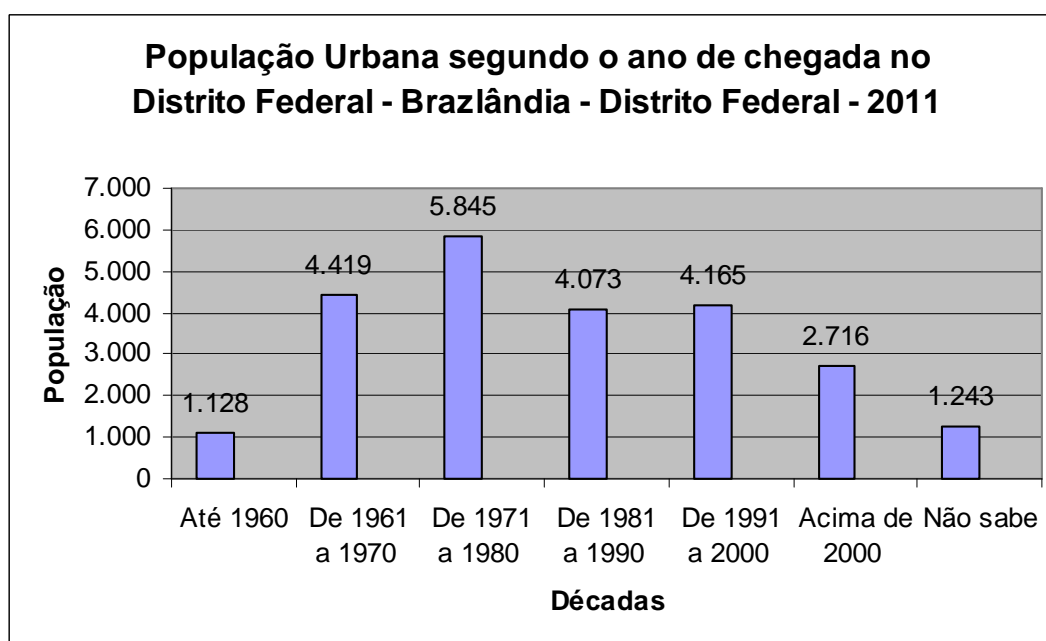


Gráfico 5,4 - População urbana imigrante em décadas

Fonte: Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central (CODEPLAN, 2010)

De sua área total, 474,80 Km², de acordo com o Censo Demográfico de 2010, 73,6% dos habitantes vivem concentrados em apenas 1,104% da área total da RA, ou seja, 5,24 Km², numa alta densidade demográfica de 8.082,63 habitantes/Km². Os restantes 26,4% residem na zona rural que responde por 98,896% da área total, 469,59 Km², numa densidade bastante

rarefeita de 32,34 habitantes/Km². Estes números correspondem a 42.353³³ habitantes na área urbana e 15.189 habitantes na zona rural. A densidade demográfica da área urbana de Brazlândia é maior que a de Brasília, 443,6 hab/km², e superior a do município de São Paulo, cidade mais populosa da América do Sul, que é de 6.915 hab/ Km².

| | População | Área (Km ²) | Densidade Demográfica (hab/Km ²) |
|---------------|-----------|-------------------------|--|
| Urbano | 42.353 | 5,24 | 8.082, 63 |
| Rural | 15.189 | 469,58 | 32,34 |
| Total | 57.542 | 474,8 | 121,19 |

Tabela 5.2 - Brazlândia: população, área e densidade demográfica – 2010

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011a)

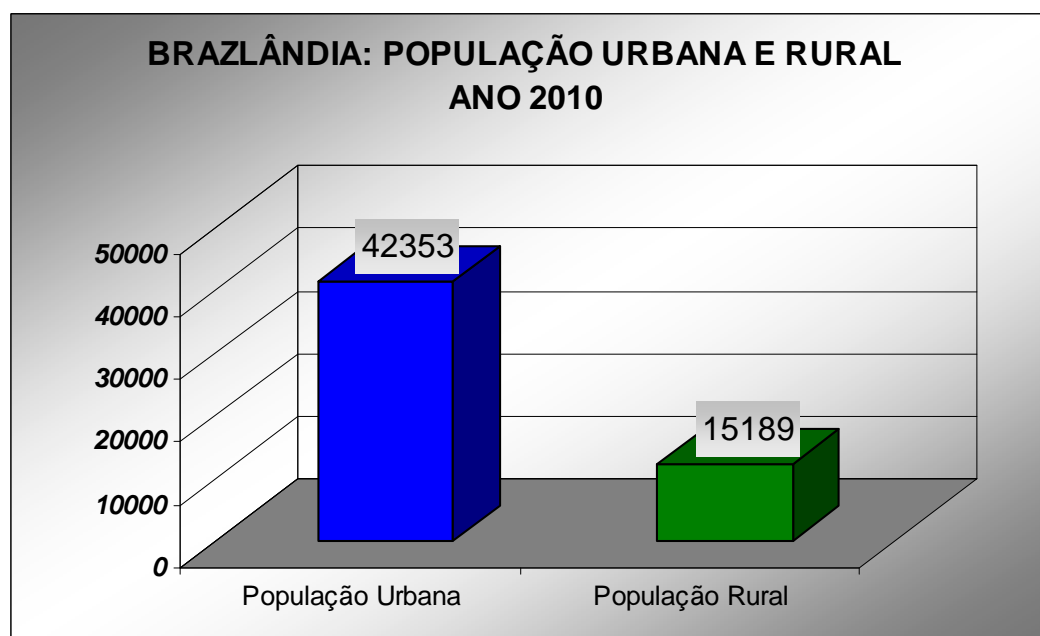


Gráfico 5.5 - Brazlândia: população urbana e rural 2010

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011a)

³³ Da população urbana, 30.285 são nascidos no DF e 23.589 são imigrantes de outras unidades federativas, 56,2% e 43,8% respectivamente (CODEPLAN, 2010).

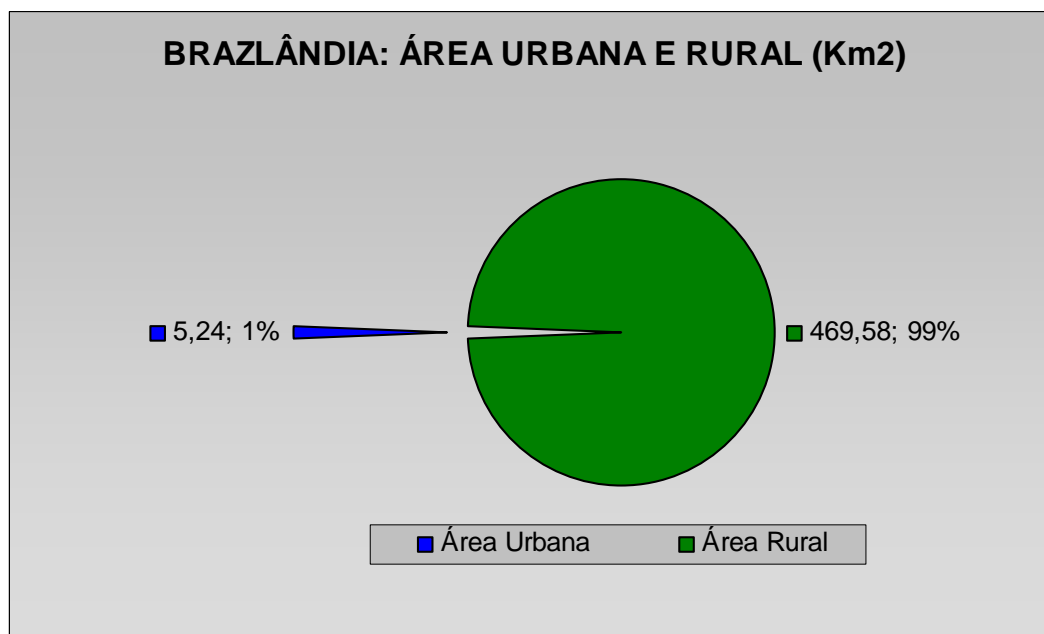


Gráfico 5.6 - Brazlândia: área urbana e rural – Km²

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011a)

Todos estes fatos têm contribuído para as transformações sócio-espaciais do lugar. Segundo o Entrevistado 1, devido estas grandes mudanças sócio-espaciais que ocorreram e ainda vem ocorrendo em Brazlândia, a identidade da RA ainda não se consolidou. Brazlândia incorpora identidades urbanas e rurais.

Atualmente, Brazlândia conta com uma população total de 57.542 habitantes (IBGE, 2011a). A sua escolha para o estudo de caso se deve especialmente ao fato de ser a região administrativa mais distante do Plano Piloto; sugerir um modo de vida “diferenciado” das demais RA’s do DF, aparentar ser a mais ausente do imaginário do Distrito Federal; de estar se impondo como maior produtora de hortifrutos e responsável por 99% da produção de morangos do Distrito Federal; além de pretender perpetuar uma historia e uma formação cultural própria.

Brazlândia objetiva a se propagar como detentora de grande potencial turístico. Conta com suas festas agrícolas - Festa do Morango de Brasília e a Festa do Leite -, religiosas - ‘Festa do Divino’ e ‘Festa do Encontro da Mãe com o Filho’-, e com o turismo rural para seduzir os que a procuram. A atual administração de Brazlândia tem procurado através da sua Secretaria de Turismo congregar o que a cidade-satélite pode oferecer para que seja efetivamente um pólo turístico do Distrito Federal. Contudo, a infra-estrutura da RA, ainda é muito pequena.



Figura 5.8 - Aniversário de Brazlândia – Ano 2010
 Fonte: Foto de Weber J. N. Chaves (2010)



Figura 5.9 - Santuário Menino Jesus de Praga³⁴, ano 2010
 Fonte: Foto de Weber J. N. Chaves (2010)

³⁴ O Santuário Menino Jesus de Praga é o segundo maior templo católico da América do Sul, atrás apenas do de Aparecida, São Paulo. Abriga 4.500 pessoas sentadas. Suas torres laterais possuem 36 metros cada; e a frontal, 50. Foi concluído em 2005 com apoio do padre João Périus, após cerca de 14 anos de construção, no mesmo espaço que antes abrigava a maior igreja da cidade. O nome do santuário é uma homenagem à obra que recebe devoção dos fiéis, o Menino Jesus de Praga.

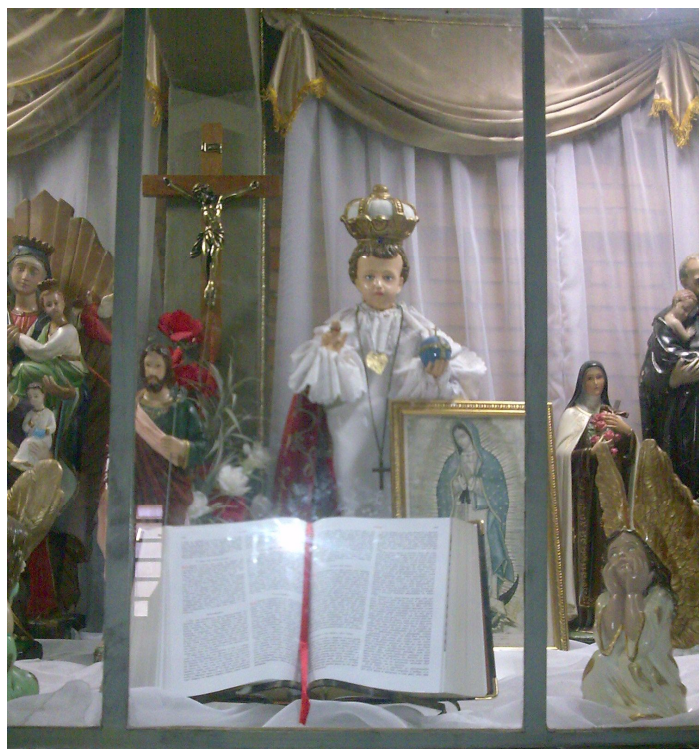


Figura 5.10 - Imagem do Menino Jesus de Praga³⁵
 Fonte: Foto de Weber J. N. Chaves (2010)

No intuito de conhecer mais um pouco sobre a população de Brazlândia foi aplicado um questionário semi-estruturado em parcela de sua população, escolhida de forma aleatória. Foram entrevistados 240 moradores da RA. Do universo da população entrevistada, 60% reconhecem Brazlândia como responsável pelo abastecimento de água e hortifrutos para o Distrito Federal; isto se vê claramente na fala dos entrevistados: *“oferece água e alimentos, a ceasa é abastecida por aqui”*. Ao questionar quem é o morador de Brazlândia, 80% responderam sem mencionar as atividades agrícolas desenvolvidas na RA: *“trabalhador sem lazer, sem cultura, sem transporte digno, decente”*; *“os moradores são umas pessoas batalhadoras que levantam de madrugada para pegar o ônibus”*. Ao perguntar sobre a Festa do Morango, 100% já ouviram falar da festa. Sobre o que representa a festa para a RA, 29% responderam algo semelhante a *“representa todo o povo de Brazlândia, mostrando o forte potencial que a cidade tem sobre a agricultura”*, 44% se referiram a *“os comes e bebes”* e 27% dizem que não representa *“nada”*, *“nada, porque se voces fizer um pesquisa juntos aos agricultores próximo a festa, eles vão dizer, que a festa acontece, mas... eles não sabe de nada. Eles não participão”*. Do universo entrevistado, 10% são estudantes, 18% trabalham no

³⁵ O Menino Jesus de Praga, uma escultura romana com cerca de 200 anos, que foi trazida para a cidade em novembro de 1972. Todos os anos, desde 1994, é realizada a Festa do Menino Jesus de Praga, também conhecida popularmente como "o encontro da mãe com o filho".

campo, 8% são funcionários públicos e 55 % em prestação de serviços: comércio, segurança, pedreiro, empregadas domésticas, etc, e 9% desempregados. Quanto ao sexo, 55% são homens e 45% mulheres. Quanto ao grau de escolaridade, 0% pós-graduação; 6% superior completo, 42% médio completo, 28% médio incompleto, 15% fundamental completo e 9% fundamental incompleto. Quanto à idade, 62% têm menos de 35 anos, 29% entre 36 e 50 anos e 9% acima de 51 anos.

5.3 A PRODUÇÃO DE MORANGO EM BRAZLÂNDIA

A Região Administrativa de Brazlândia se fez conhecer pela sua capacidade de produção agrícola. Com uma área de cultivo que representa apenas 3,68% de toda a área cultivada do território do DF, responde por 13% da produção total; 38,73% da produção de hortaliças e no plantio de frutas por aproximadamente 30% da produção. Brazlândia tem se destacado na produção do morango, em 2004³⁶ produziu³⁷ 2.427 toneladas; o que representou mais de 99% da produção do DF (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BRAZLÂNDIA, 2009).



Figura 5.11 - Produção de morango – Brazlândia-DF

Fonte: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA, 2011a)

³⁶ Os dados de produção de 2004 são os que a Administração Regional de Brazlândia e a EMATER/DF tem divulgado oficialmente até a presente data.

³⁷ A produção da RA, dividida principalmente nos Núcleos Rurais de Brazlândia e Alexandre Gusmão, foi responsável em 2004 por 99% dos morangos, 71,7% das beterrabas do DF, 78,3% das cenouras, 87,3% das goiabas 29,5 dos limões, 26,8% do milho verde, 22,9% dos tomates e 17,6% dos pimentões.

Brazlândia vem incorporando à sua identidade agrícola o fato de ser grande produtora de morango, o que tem proporcionado mudanças culturais na cidade com a edição de uma festa anual da hortaliça. Em agosto de 2011 foi realizada a XVI Festa do Morango. Segundo, o Entrevistado 2, da Associação Rural e Cultural Alexandre Gusmão – ARCAG -, a festa se iniciou em 1996, quando a ARCAG resolveu festejar a colheita daquele ano que havia sido bem melhor que nos anos anteriores. Fez-se assim a Primeira Festa do Morango de Brasília, ainda muito tímida e nos moldes da Festa do Pêssego de quando o Entrevistado 2 era criança na região de Atibaia, no Estado de São Paulo. O objetivo da festa foi principalmente o de aproximar o consumidor do produtor, numa indução ao consumo do morango devido à maior colheita. O Entrevistado 3, produtor de morango em Brazlândia, relatou que a entidade foi fundada em 1974, como associação rural do INCRA e, em 1978, passou a se chamar Associação Rural e Cultural Alexandre Gusmão. Foi no início da década de 70 que teve início a produção de morango na região, que hoje envolve 120 produtores, em aproximadamente 100 hectares de área³⁸. A divulgação da produção da hortaliça, a quantidade de produtores e da área plantada, varia bastante de acordo com o veículo de informação. O fato é que os últimos números divulgados pela EMATER/DF são de 2004. Em 2011, estima-se uma área plantada de 120 ha, uma produção de 5.000 toneladas, uma produtividade de 30 tonelada/hectare e 111 agricultores (SEAPA, 2011).

Uma pesquisa realizada junto à população de Brazlândia, em 2009, através de observações assistemáticas e entrevistas exploratórias demonstraram que a RA possui um estilo de vida urbano e que é bastante carente de recursos sociais: transporte, educação, lazer e saúde. A economia da cidade-satélite e sua existência foram e são pautadas na agricultura, na pecuária e no comércio.

Na zona rural, o modelo de produção agrícola a partir de pequenos loteamentos de terras produziu na cidade-satélite um vínculo de comunidade, onde o sentimento de pertencimento ao DF permanece forte nos moradores mais velhos. Contudo, a população urbana é tipicamente cidadina. Apesar de ser a RA de maior distância do Plano Piloto, a proximidade com a capital federal é percebida pela população mais jovem que vê a necessidade de retirar-se da cidade para complementar seus estudos ou, até mesmo para diversão e lazer, como é o caso dos cinemas e shopping centers que faltam na localidade. Em

³⁸ Os dados referentes a produção e área plantada de morango em Brazlândia, ainda são os disponibilizados pela EMATER/DF em 2004. Sabe-se que de lá para cá, a produção, a área e o número de trabalhadores no plantio aumentou. Contudo, esses números atualmente são estimativos. Não sendo do conhecimento nem mesmo da Administração Regional local.

entrevista ao Observatório da Juventude da Universidade de Brasília, um jovem de Brazlândia assim descreve a cidade:

A cidade não oferece nenhum tipo de cultura, se você quer ir ao teatro, mesmo que seja ao Teatro Nacional, que é de graça, você tem que pagar a passagem do ônibus que sempre é demorado ou ir de carro. Muitos jovens, por situações adversas, não sabem nem o que é uma orquestra ou um teatro. Nos falta não só um teatro, mas um cinema, um espaço cultural, um espaço voltado para o esporte e ensinamentos de cultura, ética e responsabilidade. Brazlândia é conhecida pelo seu verde, sua cultura caseira e tradicional, mas será que os jovens daqui se vêem assim? Não, o jovem vê a cidade como uma cidade que não tem nada, que não tem entretenimento, não tem diversão e que é muito pacata (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. OBSERVATÓRIO DA JUVENTUDE, 2010, p. 37-38).

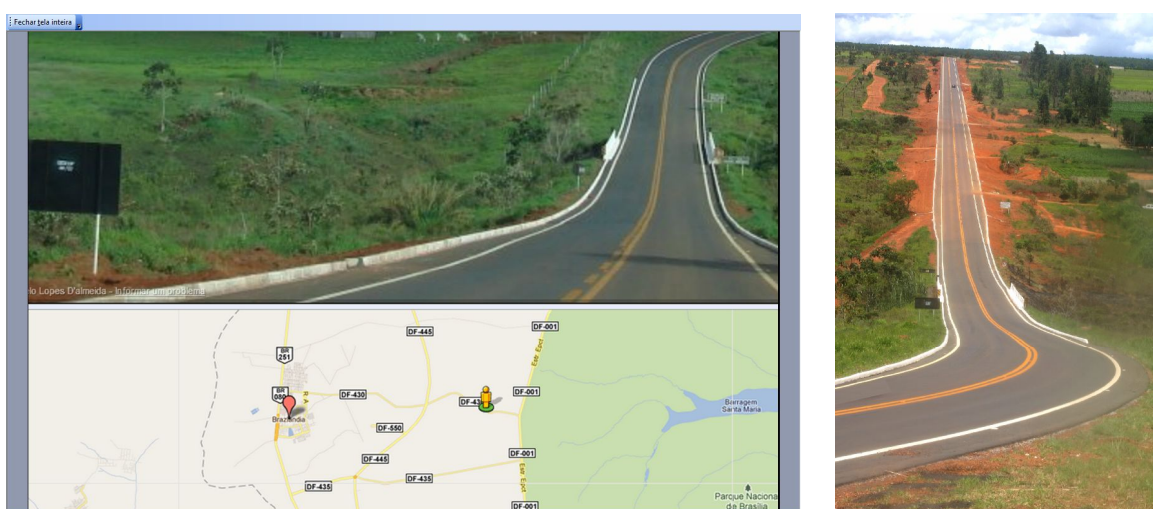
A imagem que se construiu da RA é de “cidade do interior”, “cidade-dormitório”, pois na percepção dos seus próprios moradores, Brazlândia é uma “cidade do interior”. Isto é facilmente verificável pelas festas religiosas, e pelo turismo rural que os administradores da RA procuram desenvolver na RA. Toda esta estrutura tem na Administração Regional de Brazlândia um incentivo administrativo-econômico-político envolvido que lhe dá suporte e tem procurado solidificar uma identidade diferenciada frente às demais RA do Distrito Federal, a saber: a própria Associação Cultural Alexandre Gusmão - ARCAAG -, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER-DF -, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA -, a Administração Regional de Brazlândia, e o Governo do Distrito Federal - GDF. Contudo, dada a proximidade com Taguatinga e Brasília, a população urbana mais jovem de Brazlândia não se vê na identidade interiorana, agricultor, que cultua suas tradições, até mesmo porque, conforme o Censo de 2010, 73,6% são moradores urbanos e destes 23.941, ou seja, 56,5% são jovens com idade inferior a 29 anos (IBGE, 2011b).

No campo, não tem sido diferente. O Entrevistado 2 chegou com seus pais para Brazlândia na década de 1970. Ele faz parte da segunda geração de japoneses assentados em Brazlândia. Segundo o Entrevistado 2, *“a terceira geração não tem a preocupação em se manter como agricultor local. Estão estudando, cursando faculdades e ingressando na força de trabalho administrativa do GDF e do Poder Público Federal, nas suas várias estâncias”*. Outro fator que, para o Entrevistado 2, tem proporcionado um desincentivo para dar continuidade no cultivo da terra, de fixar o homem no campo e disseminar a cultura rural é a especulação imobiliária. Com a especulação imobiliária se torna muitas vezes mais viável vender o terreno do que manter uma área agrícola: *“o que se ganha na venda da terra, o agricultor nunca irá ganhar na agricultura, a vida no campo é difícil, sol a sol, e os mais jovens não estão querendo isso não”* garante. O entrevistado 2 chega, ainda a afirmar que

daqui uns tempos quem quiser continuar com atividades agrícolas terá que comprar terras próximas no Estado de Goiás, devido à forte pressão especulativa da terra no DF. Outro fator também que tem retirado do campo grande contingente populacional, segundo o Entrevistado 2, tem sido o Programa de Transferência de Rendas do Governo Federal.

Sendo assim, se somarmos a população rural com idade inferior a 29 anos, que correspondem em números a 8.630 habitantes da zona rural ou 56,81 % da população dessa mesma área, teremos 32.571 habitantes na RA com idade inferior a 29 anos, que correspondem um total de 56,6 % de jovens em toda a cidade-satélite. Brazlândia é uma cidade de população eminentemente jovem, e como bem relatou seu atual administrador, formando ainda a sua identidade.

Contudo, a RA tem tido grande produção no campo. Com o intuito de apoiar o agricultor rural, há em Brazlândia duas unidades da EMATER/DF, uma localizada no Núcleo Rural Alexandre Gusmão e outra localizada na área urbana da RA. A EMATER/DF promove anualmente a Exposição Agrícola de Brazlândia, ocasião em que acontece a ‘Festa do Morango de Brasília’. O evento serve para mostrar a cultura, o trabalho e a experiência agrícola dos produtores rurais da RA; dentre eles os 120 produtores de morangos e também auxilia a movimentar a economia local. Na mesma data, a EMATER/DF igualmente tem promovido o “Encontro Técnico do Morango no DF”. Para melhorar o escoamento da produção do morango e das demais produções agrícolas, o GDF realizou a pavimentação da DF-430, chamada de “Rodovia do Morango”. Foram investidos R\$ 6 milhões na obra. Está previsto ainda o asfaltamento de mais 12 km de estradas nas áreas rurais (MORANGO GERA R\$ 12 MILHÕES PARA BRAZLÂNDIA, 2009)



a **b**
Figura 5.12 - (a, b): DF-430, Rodovia do Morango
 Fonte: Departamento de Estradas de Rodagem (DER/DF, 2011)

A presença da colônia japonesa, a maior do DF, que veio para Brazlândia depois da inauguração de Brasília, foi fundamental para o desenvolvimento da região como uma das maiores produtoras agrícolas do DF. Foram os japoneses que, no início da década de 1970, trouxeram as primeiras mudas de morango para o Distrito Federal, vindos da região de Atibaia-SP, até hoje o principal pólo de produção de morango naquele estado. Muitos foram assentados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a partir de 1970, no “Projeto Integrado de Colonização Alexandre Gusmão (PICAG)”, na Região Administrativa de Brazlândia, atualmente o principal pólo produtor de morango do Distrito Federal, além de outras hortaliças e frutas (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BRAZLANDIA – IV, 2011). De acordo com o Entrevistado 4, da gerência do escritório local da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER/DF em Alexandre Gusmão, o cultivo naquela época era tímido e rudimentar. Anos mais tarde, em meados de 1990, a EMATER/DF divulgou tecnologias de produção no cerrado a todos os produtores da região e, com os avanços, a cultura do morango tornou-se viável para o agricultor mesmo durante o período das secas. Concentra-se na região a maior produção de morangos do Distrito Federal e Centro-Oeste. O Governo Federal se faz presente também com o Programa Nacional de Agricultura Familiar – PRONAF – disponibilizando linhas de créditos mais acessíveis aos agricultores de Brazlândia. Sendo que na realidade somente aqueles que têm definitivamente a posse da terra podem se utilizar desse benefício.

Atualmente encontra-se em estudos, através da EMBRAPA, uma proposta de criação da Cooperativa de Produtores de Morango do Distrito Federal. Essa proposta tem o intuito de otimizar as práticas relativas ao plantio, pós-colheita e comercialização do morango produzido no Distrito Federal, e espelha-se na experiência bem sucedida do trabalho desenvolvido pela Embrapa Hortaliças com a Cooperativa de Produtores de Pimentão, em Taquara. A cooperativa deverá possibilitar maior organização do Arranjo Produtivo Local (APL) do morango e deverá ser constituída de agricultores e instituições envolvidas no plantio, comercialização e industrialização do produto, tendo como objetivo uma maior indução na economia da região, por meio de sua contribuição para a geração de emprego e renda (PROPOSTA PREVÊ INSTALAÇÃO DE COOPERATIVA DE PRODUTORES DE MORANGO DO DF, 2009).

Em 2008, foram cultivados 115 hectares de morango em Brazlândia, com uma produção de 3500 toneladas, que representaram um ganho de R\$ 12 milhões, e a criação e manutenção de mil empregos diretos. Em 2009, uma área de 110 hectares foi plantada, foram colhidos, aproximadamente, 4000 toneladas nos 4,5 mil pés de morango cultivados; o que

demonstra o aumento de produção e de produtividade. Os 110 hectares voltados para o cultivo de morango correspondem a 4,4% de área plantada dos 2,5 mil hectares de hortifrutos de Brazlândia (MORANGO GERA R\$ 12 MILHÕES PARA BRAZLÂNDIA, 2009). Os 120 produtores de morango somados aos 1000 empregos diretos que o cultivo da hortaliça faz gerar dão 1120 agricultores envolvidos com o plantio e embalagem da hortaliça, que por sua vez, correspondem ao envolvimento de 7,37% da população rural, 11,07% da PEA rural³⁹ da RA ou 1,94% da população absoluta de Brazlândia (MORANGO GERA R\$ 12 MILHÕES PARA BRAZLÂNDIA, 2009).

A área plantada de morangos em 2009 correspondeu a 4,2 % da área agrícola total plantada que foi de 2610 hectares.

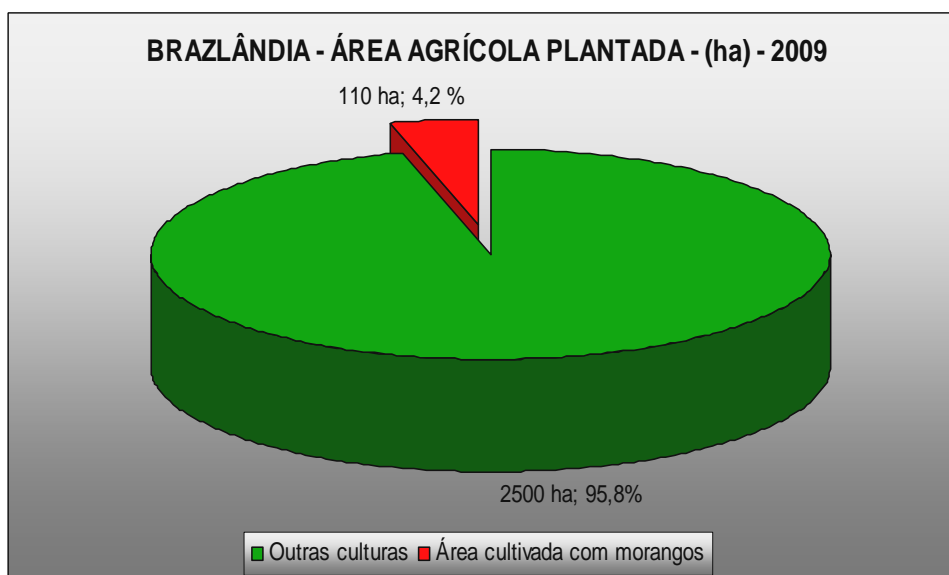


Gráfico 5.7 - Brazlândia: área agrícola cultivada

Fonte: Tribuna Rural (MORANGO GERA R\$ 12 MILHÕES PARA BRAZLÂNDIA, 2009)

De acordo com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/DF, 2010), o custo de produção de morango em um hectare, para uma produtividade de 24 ton/ha, era R\$ 53.975,18, estimado com preços de abril de 2010. Esta produtividade equivalia a 20.000 caixas de 1,2 kg, com os custos de produção correspondendo a: R\$ 29.625,18 de insumos e R\$ 24.350,00 de serviços. A distribuição percentual aproximada destes custos, agrupada por

³⁹ Atribuiu-se a PEA rural de Brazlândia, a população rural entre 15 e 65 anos de idade, que no Censo de 2010 contabilizou 10116 habitantes nesta faixa etária.

itens de dispêndio, é a seguinte: serviços/mão-de-obra (40%), mudas (20%), embalagens (18%), adubos/corretivos (14%), plásticos para “mulching⁴⁰” (5%), agrotóxicos (3%).

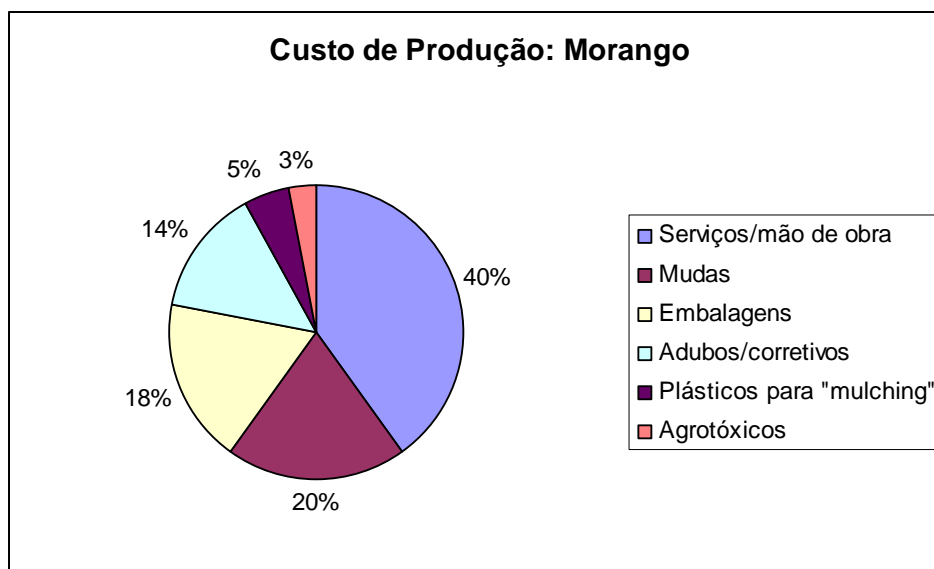


Gráfico 5.8 - Custo de Produção: Morango

Fonte: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/DF, 2011a)

As variedades Dover, Sweet Charlie e Oso Grande são as mudas mais cultivadas, principalmente a Dover, de um vistoso morango vermelho. Os que mais agradam, por serem doces e saborosos, são o Sweet Charlie (apelidados de Princesa) e o Oso Grande. O cultivo do morango no DF é feito entre maio e outubro, cujo período de seca aumenta sua produtividade, além de propiciar, também, melhor receita para o produtor, pois outros produtos da época estão com o preço em baixa. O PIB do morango na RA está na ordem de 12 milhões de reais e a Festa do Morango gira em termos de negócios em 1.500.000 reais (EMATER/DF, 2010).

Brazlândia, numa observação mais detalhada, constata-se que o jogo urbano/rural pretende-se a uma identidade rural, mas a maioria da população é urbana e desempenha atividades profissionais urbanas. O comércio responde por 60% do PIB da RA, os demais 40% vem do agropastoril, sendo a produção de morango, atualmente, se constituído na de maior expressão popular (MORANGO GERA R\$ 12 MILHÕES PARA BRAZLÂNDIA, 2990).

⁴⁰ Denomina-se mulching a aplicação de qualquer cobertura na superfície do solo e que constitui uma barreira física à transferência de energia e vapor de água entre o solo e atmosfera. Na cultura do morangueiro é muito comum a utilização do mulching de plástico de polietileno na cor preta. De maneira geral a técnica do mulching é utilizada para: reduzir a infestação de plantas invasoras; diminuir as perdas de água do solo e modificar o microclima do solo; aumentar a precocidade e rendimentos em diferentes culturas; e na cultura do morangueiro a cobertura também evita o contato do fruto com o solo.

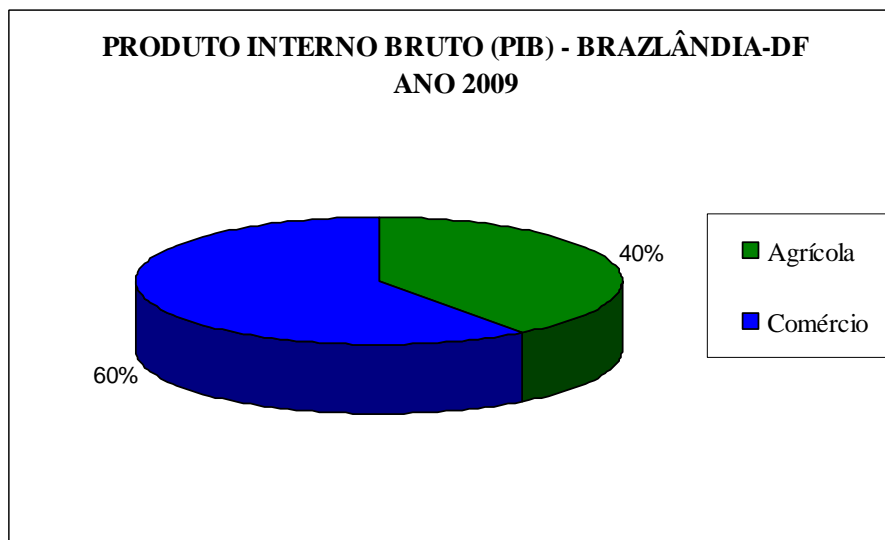


Gráfico 5.9 - Produto Interno Bruto – Brazlândia – Ano 2010

Fonte: Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central (CODEPLAN, 2011).

Da população urbana economicamente ativa (PEA-Urbano), que correspondem a 28.492⁴¹ pessoas, segundo o setor de atividade remunerada, somente 529 estão lotadas na agropecuária, correspondendo a 1,85% do total da PEA urbana. Os maiores índices se encontram no comércio, 5.132 pessoas, 18,01%; administração pública do GDF, 2.647 pessoas, 9,29%; construção civil, 1.358 pessoas, 4,76% e serviços domésticos 1.243 pessoas, 4,36% (CODEPLAN, 2011).

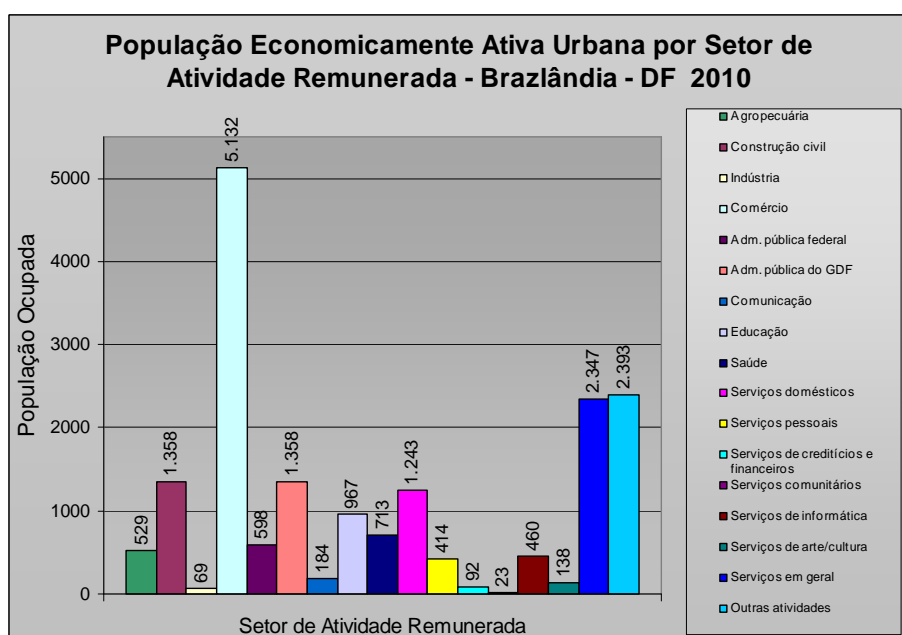


Gráfico 5.10 - PEA Urbana por Setor de Atividade Remunerada - Brazlândia – DF 2010

Fonte: Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central (CODEPLAN, 2011)

⁴¹ Atribuiu-se a PEA urbana de Brazlândia, a população urbana entre 15 e 65 anos de idade, que no Censo de 2010 contabilizou 28.492 habitantes nesta faixa etária.

Embora Brazlândia tenha uma produção agrícola significativa na área rural, a atividade remunerada da população urbana é mais voltada para o comércio, com empregados com carteira de trabalho assinada. Brazlândia é uma região administrativa onde cerca de 54,4% de postos de trabalho se encontram fora de sua área político-administrativa, destes 28,1% desempenham suas atividades na RA I – Brasília, 6,3% na RA III – Taguatinga, 2,1% fora do DF e os restantes 17,9% se distribuem pelas demais regiões administrativas do Distrito Federal (CODEPLAN, 2011).

5.4 A CADEIA DE DISTRIBUIÇÃO DO MORANGO

Segundo o Entrevistado 4, agrônomo na gerência da EMATER/DF, os agricultores do DF vendem a produção na CEASA/DF, em frutarias, feiras e supermercados: *"Não temos como quantificar com precisão o que é vendido para ser consumido in natura e o que é processado. Mas calculamos que somente 10% vai para algum tipo de beneficiamento. Neste caso, as frutas são usadas para fazer polpa, geléia, iogurte e outros produtos"*, diz.

Na CEASA/DF há duas formas de venda de mercadorias: das segundas-feiras aos sábados os produtores vendem seus produtos aos atacadistas e somente aos sábados há a venda no varejo em um galpão aberto, coberto e cimentado denominado “na pedra”.



Figura 5.13 - (a, b): Galpão de comercialização de produtos à varejo no CEASA/DF, denominado “na pedra”

Fonte: Foto de Weber J. N. Chaves (2011)

Porém os produtores não se fazem presentes na venda ao varejo. São os distribuidores que dispendo dos estoques comprados nos dias da semana e mesmo no sábado é quem detêm o controle das vendas no varejo. Com o morango não acontece de forma diferente e segue a mesma realidade dos demais produtos hortifrutigranjeiros. Os vendedores que expõem seus morangos “na pedra” são os atacadistas que mantiveram seus estoques abastecidos comprados diretamente dos produtores. Dessa forma, 100% da venda dos morangos “na pedra” passam pelas mãos dos atacadistas. Nos demais dias da semana, os morangos comprados pelos atacadistas da CEASA/DF são revendidos diretamente aos mercados e confeitarias de Brasília. Na CEASA/DF há uma média de 7 a 10 atacadistas que no período de maior produção do fruto comercializam os morangos. No período de menor safra, o número baixa aproximadamente para apenas dois atacadistas que também importam os morangos dos estados de Minas Gerais e São Paulo para manterem seus estoques comerciais para venda. Foi, verificado, ainda, a existência de ambulantes que compram seus estoques de morangos diretamente na CEASA/DF. Compram “na pedra”, num preço a varejo com desconto e revendem por encomenda, chegando a aferir um lucro entre 30% a 45% sobre o valor praticado. Assim como o ambulante Carlos, outros revendedores de encomenda refazem rotas semelhantes de distribuição do morango no Distrito Federal. Outros ambulantes compram “na pedra” e revendem ao longo das rodovias do Distrito Federal e semáforos do Plano Piloto – é o caso de Dominginho, morador de Ceilândia. Alguns ambulantes, a fim de aferirem melhor lucro, buscam diretamente dos chacareiros, em Brazlândia, que têm menor produção e utilizam desses ambulantes como rota para a distribuição da sua produção. Dos 24 ambulantes entrevistados durante a pesquisa, 5 se encontravam na BR-040, 6 na DF-003 (Estrada Parque Indústria e Abastecimento – EPIA), 8 nos cruzamentos da avenida W 3 Norte e W 3 Sul, 2 na BR-020 e 3 na DF-001. Sendo 3 de Sobradinho, 8 da Estrutural, 6 de Taguatinga, 3 de Candangolândia e 4 de Ceilândia. Nenhum deles já esteve na Festa do Morango de Brasília. Em Brazlândia não foi encontrado nenhum ambulante comercializando morangos.

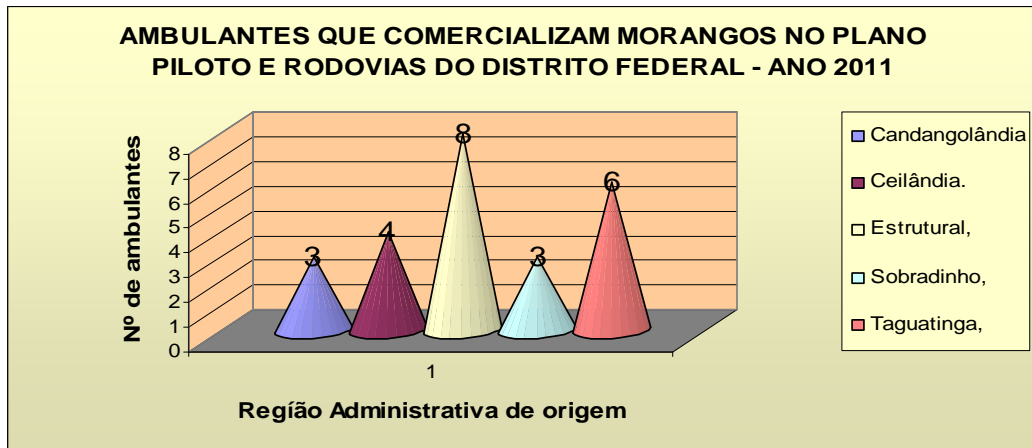


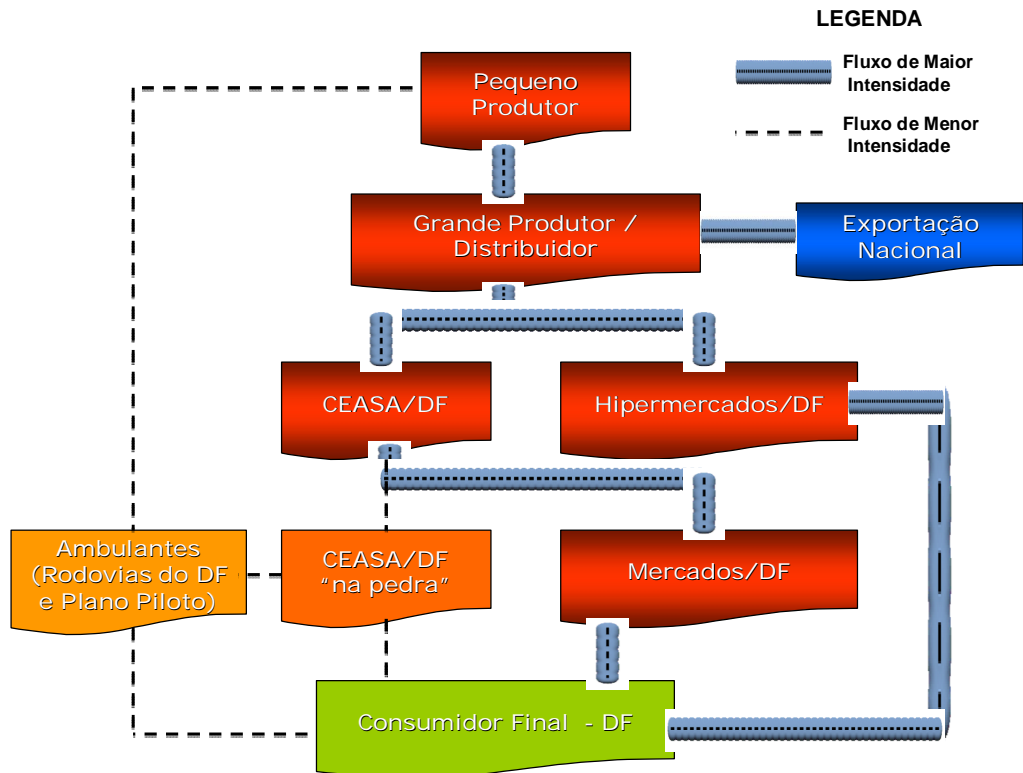
Gráfico 5.11 - Ambulantes que comercializam morangos no plano piloto e rodovias do DF – Ano 2011
 Fonte: Pesquisa em campo – Weber J. N. Chaves -, em 2011



Figura 5.14 - Ambulantes comercializando morango na EPIA
 Fonte: Foto de Weber J. N. Chaves (2011)



Figura 5.15 - Ambulantes comercializando morango na BR-040
 Fonte: Foto de Weber J. N. Chaves (2011)



Fluxograma 5.1 - Cadeia de distribuição do morango produzido em Brazlândia -DF

Fonte: Pesquisa em campo – Weber J. N. Chaves -, em 2011

No único supermercado da IV RA (Hipermercados PraVocê) os morangos comercializados eram menores e de aparência inferior aos comercializados pelos ambulantes e hipermercados do Plano Piloto. De um modo geral, os morangos comercializados pelos ambulantes são de melhor qualidade do que os comercializados nos hipermercados do DF.



Figura 5.16 - Supermercados PraVocê – Brazlândia

Fonte: Foto de Weber J. N. Chaves (2010)

Segundo Dona Maria, moradora de Brazlândia: “*aqui não se vê morango; somente na Festa do Morango que se encontra. Eu vou lá no último dia, porque o morango fica bem barato e dá prá gente comprã*”. Não existe na cidade-satélite nada que lembre que a RA é a maior produtora do Centro Oeste e responsável por 99% da produção no DF.



(a)



(b)



(c)



(d)



(e)



(f)

FIGURA 5.17 (a,b,c,d,e,f) - Nada lembra morango em Brazlândia –DF
 Fonte: Foto de Weber J. N. Chaves (2010)

Na CEASA/DF, a entrega dos morangos, aos atacadistas, a serem comercializados é de responsabilidade dos produtores rurais. Segundo o Entrevistado 7 e Entrevistado 8, atacadistas na CEASA/DF, no período da safra no DF, junho a novembro, o número de produtores, na Região Administrativa de Brazlândia, chega a triplicar. Mas estas informações não são verídicas, pois em 2011, a EMATER/DF concedeu apoio a apenas 111 agricultores, o que denota que na realidade o que tem aumentado é a produção e a produtividade de morango (EMATER/DF, 2011b), o que por sua vez reforça a imagem de que vem ocorrendo aumento no número de produtores dessa hortaliça. Os dados relativos ao plantio e comercialização do morango no DF ainda são poucos difundidos. Contudo, alguns pequenos agricultores se lançam ao plantio do morango na época da seca no DF. Porém, somente nesse período, pois, como a maioria é de agricultores familiares, eles não possuem recursos suficientes para cultivar nos demais meses do ano, quando a hortaliça, necessariamente, necessita ser protegida da chuva com mulching e túneis baixos⁴². O entrevistado 10, gerente de uma rede atacadista na Ceasa/DF, afirmou não compreender “*como Brazlândia consegue produzir tanto morango, pois a maioria dos produtores vive numa grande dificuldade*”. O Entrevistado 4 confirmou a carência de recursos financeiros em que vivem esses agricultores familiares. O túnel baixo, por ser uma tecnologia cara, R\$30.000,00 por hectare, apenas 30 agricultores no DF utilizam o sistema de cultivo protegido (MORANGO GERA R\$ 12 MILHÕES PARA BRAZLÂNDIA, 2009).

⁴² O material mais utilizado na cobertura do solo é o plástico preto com espessura de 30 micras, denominado “Mulching”.

Cobertura do solo: É executada visando, principalmente, evitar o contato do fruto com o solo, de modo a colher um fruto livre de impurezas, que depreciam a qualidade e podem reduzir o período de conservação pós-colheita. Essa prática também influencia na manutenção da temperatura do solo, atuando como termorregulador. A cobertura evita a compactação do solo que ocorre pela ação das gotas d'água de irrigação (quando é usado um sistema por aspersão) ou da chuva. A cobertura do solo tem ainda ação sobre as plantas invasoras, dispensando as capinas manuais que causam danos às raízes superficiais do morangueiro, as quais são responsáveis pela absorção de água e nutrientes.

Colocação do túnel de plástico: estando o solo coberto com plástico preto, é colocado o túnel baixo com plástico transparente aditivado, para a proteção do morangal. A estrutura usada para proteção do túnel, é feita com arcos de arame galvanizado nº 6. A altura mínima do túnel, na parte central, é de 60 cm, e o espaçamento entre os arcos é de 1,20 a 1,50 m. A parte superior dos arcos deve estar amparada por uma estaca, para suportar a tensão dos ventos. Sobre esta estrutura, é estendido um filme plástico aditivado, com 2,20 m de largura e espessura de 100 ou 150 m. Para evitar o movimento drástico do plástico pelo vento, nas extremidades são colocadas estacas, com inclinação de aproximadamente 45°, sendo enterrados 50 a 60 cm, mantendo-se apenas 20 cm acima do nível do solo, onde as pontas do filme plástico são atadas com uma corda bem esticada.

Pela manhã, logo após a evaporação do orvalho, o túnel deve ser aberto (levantamento da saia) até a altura de 40 a 50 cm, de forma que todo o excesso de umidade seja eliminado. A abertura do túnel sempre se dá do lado oposto ao vento predominante, evitando que o plástico seja danificado pela ação do mesmo (Fig.). No final da tarde, o túnel deve ser fechado para que o sereno não molhe as folhas.

Em dias de chuva ou neblina, o túnel deve permanecer fechado, sendo aberto apenas com a presença do sol (EMBRAPA, 2011c).



Figura 5.18 - Sistema de produção de morangos com mulching e túnel baixo.
Fonte: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA, 2011b)

A ARCAG – Associação Rural e Cultural Alexandre Gusmão – tem registrado aproximadamente 120 produtores em Brazlândia, dessa forma, conclui-se que o número de produtores de morangos, incluindo os produtores sazonais proprietários de pequenas chácaras, nesse período, chegue a aproximadamente 150 produtores rurais.

Em Brazlândia, a produção dos pequenos produtores, na sua grande maioria, é adquirida pelos grandes produtores que passam a ter o controle da venda e do preço do produto. A distribuidora “Dois Amigos”, segundo o Entrevistado 9, funcionário da distribuidora, com apenas 37 funcionários, detém 50% da produção do morango no DF. Ainda, segundo o Entrevistado 9, a empresa além de possuir três grandes chácaras para o cultivo do morango, possui ainda a parceria com 30 pequenos agricultores. A “Dois Amigos” oferece a tecnologia, os insumos e distribuição, ficando com 70% da lucratividade da produção; o agricultor recebe 30% do lucro e fica responsável pelo plantio, cuidado e embalagem. O Entrevistado 5, do Hipermercado Carrefour, informou que os grandes hipermercados compram diretamente dos grandes produtores, como Primavera e Dois Amigos, que chegam a comercializar 80% da sua produção para estas grandes redes de hipermercados de Brasília e entorno. Outra parte da produção é exportada para outros centros comerciais, como Salvador, Goiânia, Manaus e Belém. A “Dois Amigos” é a responsável pelo abastecimento do Supermercado Carrefour, entregando em cada loja as necessidades solicitadas pelos gerentes locais. Nesse período de safra, o Carrefour chega a comercializar,

mensalmente, 72.000 caixas de 1,2 kg, ou seja, 288.000 mini-bandejas de 300 gramas, garante o Entrevistado 6, do Hipermercados Carrefour.



Figura 5.19 - Competição do melhor morango de Brazlândia na ARCAG, caixa com 4 mini-bandejas de 300g – Ano 2010

Fonte: Foto de Weber J. N. Chaves (2010)

A produção total anual do morango em Brazlândia é aproximadamente de 4.500 toneladas. Na CEASA/DF, segundo o Entrevistado 7, a média de venda por atacadista é de 5.000 caixas/mês, o que dá um total de 6.000 kg/mês por atacadista ou 72.000 Kg/ano. Na média de 10 atacadistas, tem-se para o CEASA/DF uma média de venda anual de 720.000 Kg/ano, ou seja, 720 toneladas de morangos/ano. Em virtude da maior venda ser para as grandes redes de hipermercados de Brasília e para fora da capital brasileira, constata-se, portanto que os morangos encontram-se nas mãos dos grandes produtores e distribuidores que compram e revendem.

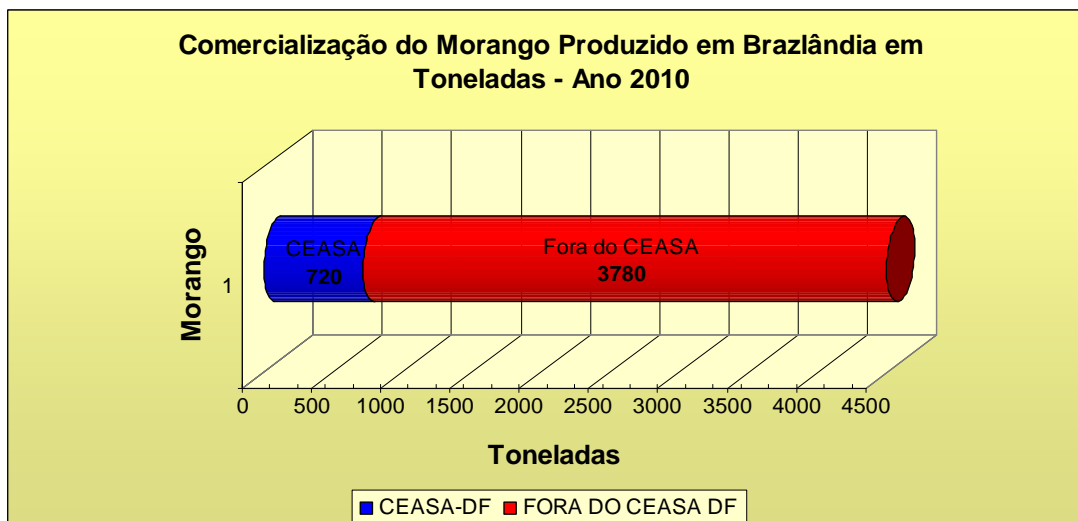


Gráfico 5.12 - Comercialização do morango produzido em Brazlândia em toneladas – 2010
 Fonte: Pesquisa em campo – Weber J. N. Chaves -, em 2011

Apesar de segundo os números do próprio Governo do Distrito Federal – GDF – de haver no período da maior safra um aumento significativo de indivíduos com empregos diretos e indiretos em torno de 1000 trabalhadores, porém a produção e comercialização dos morangos se encontram nas mãos de poucos produtores e distribuidores e das grandes redes de hipermercados. À população de Brazlândia cabe, portanto, apenas se ‘divertir com o fetiche’ da Festa do Morango que foi justamente criada em 1996, há 16 anos atrás, época em que ocorrera grande produção do fruto e verificou-se a necessidade de estimular o consumo, devido o grande estoque excedente. A comercialização do morango pelos ambulantes no Distrito Federal é apenas mais uma atividade de subsistência e de duração no período da safra. No fim desse período os ambulantes trabalham com outro tipo de hortifrutos. A comercialização é pequena, uma vez que o morango deteriora muito rápido e eles trabalham debaixo do sol, sem refrigeração. Esses ambulantes são trabalhadores informais sem carteira profissional assinada e que não contribuem com a previdência social. Na verdade se encontram à margem do mercado de trabalho formal.

5.5 A FESTA DO MORANGO

A Festa do Morango é realizada na sede da Associação Rural Cultural Alexandre Gusmão - ARCAG -, no INCRA 06, Km 28 da DF-180, que liga Taguatinga a Brazlândia. A primeira Festa do Morango de Brasília foi realizada, em 1996, na Granja do Torto e depois

passou a ser realizada na sede da ARCAG. A partir daí, a Festa do Morango tomou outros ares. Estimulada pela ARCAG, GDF, EMATER-DF, tomou conta da Região Administrativa de Brazlândia adotando também ares de “Festa Cultural Popular”, tendo em vista a economia de Brazlândia estar baseada 40% na agricultura, pecuária e turismo rural.



Figura 5.20 - Mapa pictórico da Sede da ARCAG em Brazlândia
 Fonte: Associação Rural e Cultural Alexandre Gusmão (ARCAG, 2011)



Figura 5.21 - Sede da ARCAG em Brazlândia
 Fonte: Foto de Weber J. N. Chaves (2010)

O Entrevistado 4, da gerência da EMATER/DF, tem dito que a festa, além de ser o reflexo do trabalho do produtor rural, é motivo de orgulho por todo o desempenho no campo. Durante os seis dias de festa, divididos em dois finais de semanas, além da grande área onde acontece a festa, um espaço de 800 metros quadrados permanece reservado para comercialização de morangos da RA. A área, chamada Morangolândia, conta com um grande toldo onde os agricultores expõem seus produtos em estandes. Nas bancas destinadas à venda

de morangos in natura, também são vendidos derivados da fruta, como picolés, tortas, geléias e chocolates. O Entrevistado 4, afirma que o coração da festa é a Morangolândia, um espaço reservado para os produtores.



Figura 5.22 - Morangolândia – Festa do Morango de Brasília - ARCAG - 2011
 Fonte: Foto de Weber J. N. Chaves (2011)

Uma praça de alimentação com comida japonesa e brasileira também permanece aberta ao público. No local, além do grande toldo denominado “Morangolândia”, há também o tradicional parque de diversões que acompanham esses tipos de festas populares, como também a instalação de pequenas barracas por parte de alguns ambulantes que vendem outros produtos, tais como, milho verde, balões, algodão-doce, cocadas e outras guloseimas. Há ainda, a exposição de alguns tratores e utensílios agrícolas para venda e propaganda e a apresentação shows, em um grande palco com artistas regionais e nacionais e apresentações culturais. Este ano de 2011, a maior atração foi a dupla sertaneja Chitãozinho e Xororó, que se apresentaram na sexta-feira da segunda semana da festa.

“É a festa mais esperada da cidade, porque mostra o potencial de Brazlândia”, avalia o gerente de cultura da administração regional. Para o Ex-Administrador Regional de Brazlândia, a festa do morango não é apenas sinônimo de diversão. “É uma forma de divulgar o que a cidade tem de melhor, de incentivar o produtor rural e de atrair turistas para a cidade”. O Entrevistado 3, da ARCAG, avalia que o último fim de semana costuma ser mais animado, “o público deixa para participar mais das atividades deste fim de semana e muita gente que não mora em Brazlândia vem para participar da Exposição Agrícola, o resultado desta festa é esforço de todos os produtores da região em parceria com os órgãos envolvidos”.

Os comerciantes da festa são os maiores produtores de morangos da RA, estando os pequenos produtores praticamente ausentes desse negócio, pois os comerciantes têm por responsabilidade, junto à comissão organizadora da festa, de poder suprir a demanda de morangos durante o evento. Os pequenos agricultores não possuem esta capacidade. Desde a sua criação, em 1996, estimulada pela ARCAG e pela Secretaria de Cultura do GDG, a Festa do Morango de Brasília tem procurado divulgar a economia agro-rural turística de Brazlândia. Contudo, nas palavras do Entrevistado 1, efetivamente *“Brazlândia tem ganho muito pouco com a festa; a presença do público se faz principalmente devido a apresentação das duplas sertanejas nacionais”*. Já se pensou inclusive em mudar a festa de local. A expressividade da presença de pessoas é mais fruto dessas apresentações.

Um dos momentos mais esperados da festa é a escolha da Rainha do Morango. Os pré-requisitos para inscrição no concurso a Rainha do Morango são: ter entre 14 e 24 anos de idade, ser solteira, residir na cidade-satélite de Brazlândia e não estar inscrita em qualquer outro concurso de beleza. As concorrentes são moças que seguem o padrão de beleza citadino, ou seja, possuem hábitos urbanos. Para o concurso à Rainha do Morango de Brasília, ocorre anteriormente uma pré-seleção entre as candidatas - 40 em 2010 -, para que no dia da escolha da rainha, o número de concorrentes seja de 12 candidatas a serem analisadas pelo júri. Desfilando em trajes de banho e de gala, elas passam no palco, por um tapete vermelho, onde beleza, postura e simpatia são determinantes no resultado final.



Figura 5.23 - 16ª Festa do Morango na ARCAG, ano 2011
 Fonte: 16ª Festa do Morango (COMUNIDADE DF RURAL, 2011)



Figura 5.24 - Desfile das candidatas à Rainha, na 14ª Festa do Morango na ARCAAG
 Fonte: DISTRITO FEDERAL (DISTRITO FEDERAL, 2011d)

Na 15ª Festa do Morango, ocorrida em 2010, a estudante Camila Galdino de Sales, 16 anos, foi a grande vencedora tornando-se a Rainha do Morango 2010.



Figura 5.25 - Rainha da 15ª Festa do Morango, em 2010, recebe cheque do Administrador Regional de Brazlândia
 Fonte: Brazlândia (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BRAZLÂNDIA – IV, 2010)

Em 2011, a vencedora foi Bárbara Camargo, estudante e moradora na área urbana da RA.



Figura 5.26 - Rainha da 16ª Festa do Morango, em 2011
Fonte: Foto de Weber J. N. Chaves (2011)

Nos seis dias de festa é esperada a presença em Brazlândia de mais de 200 mil turistas⁴³ (CORREIO BRAZILIENSE, 2011). A ARCAG, com o apoio do GDF e EMATER/DF, tem procurado divulgar as potencialidades agro-rurais e turísticas de Brazlândia, mas o pequeno agricultor, juntamente com os ambulantes que comercializam o morango nas rodovias de DF, se encontra fora da festividade. A população participa apenas passivamente do espetáculo. O pequeno produtor não tem espaço nessa arena popular de exposição da hortaliça que festeja a produção do morango no Distrito Federal brasileiro. Também, muitos outros ambulantes permanecem no lado de fora do local de exposição da

⁴³ Existe uma divergência quanto esses números. Os jornais e emissoras de televisão noticiam 120 mil, 200 mil e 300 mil turistas na festa.

Festa do Morango. Para eles, o preço cobrado – em torno de R\$4.500,00 - para se colocar uma barraca no interior da área de exposição torna-se impraticável para se aferir algum tipo de lucro. Vê-se, portanto, do lado de fora da exposição muitos ambulantes não credenciados à procura de venda de seus produtos.

A Festa é o momento em que a agricultura de Brazlândia é simbolizada no morango e reificada socialmente na personalidade da Rainha do Morango. A festa é uma criação mercadológica, contudo encontra raízes na cultura histórica agrícola da RA e na vontade de diversão de sua população. Claval (1999a) afirma que a cultura é constituída de realidades e signos que foram inventados para descrevê-la, dominá-la e verbalizá-la. A Festa do Morango não é uma realidade da vida urbana de Brazlândia. É uma imagem real somente para os poucos produtores e trabalhadores rurais que vivem da mercadoria “morango”. Como afirma Jameson (*apud* SILVA, 2010), trata-se de uma amarração da cultura aos aspectos mercadológicos. A Festa do Morango de Brasília, não representa a comunidade urbana de Brazlândia. Implica em, como afirma Debord (*apud* Jappe, 2010) num espetáculo em que a população em geral está obrigada a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real. Brazlândia produz morangos, mas não há morangos na vida social da RA. Na área urbana de Brazlândia não há imagens referentes à produção de morangos. Trata de uma reificação, pois o morango em Brazlândia se faz presente somente nos seis dias da festa. A cultura morango como representação social de Brazlândia faz parte da criação funcional⁴⁴ e capitalista da RA. É uma construção, uma criação que rompe com o modelo-referência, com a realidade compreendida em essência e aparência da RA. Brazlândia não “respira” morango. Portanto, a Festa do Morango é um simulacro: simular é fingir ter o que não se tem, produção do real e do referencial (BAUDRILLARD, 1991).

Brazlândia, além da colônia japonesa é uma miscigenação de pessoas com identidades culturais urbanas e rurais de várias partes do Brasil. A Festa do Morango se aventura a congregar essas diversas culturas sob um único signo: a Rainha do Morango. A Rainha do Morango é Brazlândia estetizada no corpo da jovem mais linda da cidade-satélite e ao alcance da visão de todos. A Festa do Morango não é de Brazlândia é ‘Festa do Morango de Brasília’ (observar figura 5.27), é a simulação de uma inclusão social e de um sentimento de pertencer ao Distrito Federal, à Brasília.

⁴⁴ Brazlândia fora anexada e planejada com a finalidade de compor o Cinturão Verde do Distrito Federal.



Figura 5.27 - 16ª Festa do Morango de Brasília

Fonte: Associação Rural e Cultural Alexandre Gusmão(ARCAG, 2011)

Como afirma Debord (1997), o real é produzido de forma que a realidade vivida acaba materialmente invadida pela contemplação do espetáculo, fazendo com que a realidade surja no/do espetáculo, com a alienação transformada na essência e no sustento dessa sociedade. A população urbana de Brazlândia entre 0 a 29 anos e que representa 56,8 % desconhecem o trabalho agrícola-rural. Nesse sentido, constata-se no empírico o pensamento de Milton Santos “quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é sede de uma vigorosa alienação” (SANTOS, 1987, p. 61). O fato da maior parcela da população ser eminentemente urbana, numa região que fora planejada para ser um cinturão verde, já demonstra que a RA se encontra na segunda fase das quatro fases sucessivas baudrillardianas, qual seja, mascara e deforma uma realidade profunda. Apesar da RA ter sido criada da década de 30, baseada na vida agrícola de seus fundadores, os assentamentos urbanos do Governo Federal descaracterizaram Brazlândia, romperam com sua história promoveram um ambiente de luta identitária. A imagem rural de Brazlândia está arranhada por uma população urbana carente de recursos sociais. Brazlândia ainda sofre com outros problemas socioeconômicos: aumento de criminalidade e falta de moradia. A população mais jovem continua a buscar na relativa proximidade ao Plano Piloto e principalmente à RA de Taguatinga a solução dos problemas de desemprego e lazer.

Dizer que Brazlândia se encontra num simulacro puro é uma irreabilidade, pois a RA tem uma relação com a realidade agrícola. Atribuir-lhe à 3ª fase do simulacro baudrillardiano seria uma inverdade, pois a RA não marcara a ausência de uma realidade profunda, os morangos tem existência na sua área geográfica e tem existência real numa pequena parcela da população. Portanto, o que se tem é uma deformação de uma realidade profunda. O que se vê na realidade é que o morango como hortaliça realmente está muito pouco, ou nada,

presente na vida cotidiana da maioria da população de Brazlândia. O Morango se encontra nas mãos de poucos privilegiados.

A Festa do Morango de Brasília é uma imagem produzida e transformada em realidade cultural. É uma imagem materialmente invadida pela contemplação do espetáculo, com a alienação transformada na essência e no sustento dessa sociedade. A imagem do morango está reificada na forma de mercadoria criando o fetiche que serve para ocultar ou escapar do vazio criado pela perda das referências de um real histórico (BAUDRILLARD, 1991) e naturalizar o ambiente social numa alienação que procura esconder as desigualdades sociais. A identidade rural e urbana de Brazlândia ainda não se efetivou. Com a Festa do Morango de Brasília, o espetáculo está criado. A realidade torna-se uma imagem. Como afirma Baudrillard (1991, p. 13), “a simulação envolve todo o edifício da representação como simulacro”. A beleza da cor, do vermelho do morango e as imagens tornam-se realidade; a Festa do Morango dá existência ao lugar Brazlândia: a unidade que falta à vida, expressa no jogo urbano/rural na RA, recupera-se no plano da imagem, do morango reificado na personalidade de uma jovem urbana. A festa tem sido conduzida como um agregador identitário. Um símbolo reificante da identidade agrícola rural da comunidade; de uma época em que a população da pequena Brazlândia era realmente eminentemente rural e agrícola. O morango é fetichizado. Ele toma vida na imagem da Rainha e propicia um maior consumo da mercadoria “morango”: se levarmos em conta que o PIB anual do morango em Brazlândia é de 12 milhões de reais, o que equivale a um PIB mensal de 1 milhão de reais RA. A Festa do Morango, em apenas seis dias, proporciona um ganho real que corresponde a 150% do PIB mensal de morangos da RA, ou seja, 1.500.000 reais. Isto equivale a dizer que a festa cria relações sociais mercadológicas. Ou seja, a inspiração de Brazlândia como terra do morango é nada mais que a criação de uma “identidade-para-o-mercado”, conforme já descrevera Jameson, como a lógica dominante do capitalismo tardio. Ao pensar enquanto mercadoria (JAMESON, 1996), Brazlândia procura impor as transformações sócio-espaciais, na sua área e exportá-la para todo o Distrito Federal.

Portanto, cabe à população de Brazlândia, apenas se ‘divertir com o fetiche’ da Festa do Morango, que foi criada em 1996, há 16 anos atrás, época em que ocorrera grande produção do fruto e verificou-se a necessidade de estimular o consumo, devido o grande estoque excedente.

No geral, para a população de Brazlândia a Festa do Morango de Brasília tem se tornado apenas uma atração turística da cidade-satélite, como é, por exemplo, a Festa do Divino; e do Encontro da Mãe com o Filho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Região Administrativa de Brazlândia é uma designação administrativa já da criação do Distrito Federal no Planalto Central Brasileiro. As atividades agropastoris já se encontravam presentes ainda quando a cidade-satélite pertencia ao Estado do Goiás. A plantação de morangos é uma atividade que se iniciou com a chegada dos agricultores japoneses na década de 70 do século passado e teve sua primeira festividade no ano de 1996, quando houve uma superprodução e a festa se deu como forma de incentivar o consumo. A festa tornou-se popular, mas o envolvimento da população com a produção e distribuição do morango é bastante insignificante. O número de ambulantes que sobrevivem dessa atividade é ínfimo. São na sua maioria moradores da Estrutural, Taguatinga e Ceilândia, RA's que nada têm haver com a produção do morango. Os ambulantes estão lotados fora da cidade-satélite de Brazlândia. Eles se encontram nas diversas rodovias do Distrito Federal e nos semáforos do Plano Piloto. Brazlândia no que se refere ao plantio e distribuição dos morangos se encontra na 2ª fase das imagens baudrillardianas, referente à simulação envolver o edifício das representações sociais como simulacro de uma imagem criada e que difere da realidade vivida.

Como bem descreveu Jean Baudrillard, “o simulacro nunca é o que oculta a verdade – é a verdade que oculta o que não existe. O simulacro é verdadeiro” (BAUDRILLARD, 1991, p. 7). Dessa forma, Brazlândia tem imposto à sua identidade ser produtora e exportadora de morangos. A cidade-satélite vive num simulacro, e solidifica a realidade fictícia de ‘Capital do Morango’ na contemplação da imagem produzida na Festa do Morango, sobretudo na da Rainha do Morango, símbolo criado que incorpora a hortaliça dando-a personalidade e identidade. Existe uma percepção na população de Brazlândia quanto ao fato da Região Administrativa IV ser reconhecida no Distrito Federal pela produção e comercialização do morango, mesmo quando os benefícios diretos serem pouco visualizados no seio da população em geral. Seria, portanto, a forma de se pertencer ao Distrito Federal. Os morangos existem, mas beneficiam ínfima parcela da população. Haja vista que numa população de quase 60.000 habitantes gera apenas aproximadamente 1000 empregos sazonais – maio a outubro – diretos e indiretos conforme dados da Administração Regional de Brazlândia. Os poucos produtores são os que direcionam a festividade que causam impacto na região com a Festa do Morango e criam a relação identitária com a cidade-satélite a fim de melhorar a

comercialização dos hortifrutos. Consta-se que no mundo contemporâneo globalizado nem mesmo os pequenos espaços estão livres da volúpia do capital que procura padronizar relações sócio-espaciais sob um mesmo patamar de consumo.

O simulacro existe em Brazlândia criando uma representação social que é fictícia na grande massa populacional da cidade-satélite, pois o simulacro como afirmou Baudrillard é verdadeiro, e na sua 2ª fase mascara uma realidade, sendo este o momento contextualizado na cidade-satélite de Brazlândia. A produção e comercialização de morangos não abarcam a maior parcela da população, mas a imagem que toda população se encontra envolvida é repassada e “vendida” para todo o Distrito Federal. Paira, na RA, uma alienação por parte da população em geral. A festa, ou seja, o espetáculo é criado segue-se a alienação e ocorre a perpetuação do simulacro. Como bem descreveu Baudrillard (1991) a simulação parte da utopia da equivalência, o signo torna-se reversão e aniquilamento da referência com a representação tentando absorver a simulação. Este processo ocorre em Brazlândia, pois os fatos perderam a trajetória própria. A referência do morango em Brazlândia deixa de estar na hortaliça e na forma econômico-social que é produzido e distribuído e reveste-se no signo que se tornou seu equivalente geral, qual seja, a sua reificação na Festa do Morango e no símbolo maior que é a Rainha do Morango. A Festa e a Rainha agora como referentes gerais fazem diluir a linha que demarcava real/irreal, autêntico/falso, original/cópia, em suma: verdade/mentira.

Em Brazlândia, segundo o exemplo de Lukacs (2003) de como ocorre o fenômeno da reificação em suas três dimensões, a reificação se procede da seguinte forma: quanto à mercadoria, o morango deixa de ser alimento para se tornar uma imagem, um negócio lucrativo; quanto à interação social, a Festa do Morango e a população de Brazlândia são apenas “parceiras” necessárias de um negócio econômico e; quanto ao nível individual, as Princesas e Rainha do Morango são apenas recursos objetivos, chamativos, para obter a alienação em todos, para que a partir daí ocorra a obtenção do lucro. A alienação se encontra postada no processo onde a IV RA vive a segunda fase do simulacro baudrillardiano. Acontece em Brazlândia o que Rossato (2010) descreve de um comportamento atrofiado, distorcido e distante da práxis original. Ou seja, na verdade Brazlândia desconhece o morango enquanto hortaliça de uma realidade existente na sua região. Tal fato se deu obedecendo aos processos de ancoragem e objetivação que compõem a criação da representação social. Até 1960, as representações sociais da RA eram a de uma região eminentemente agrícola. Com a chegada dos novos imigrantes, no processo de se constituir uma nova representação social da RA, a ancoragem levou à produção de transformações nas representações já então constituídas

(VALA, 1993, p. 363). O novo teria que se igualar ao velho, os novos habitantes teriam que ser homens do campo, mas na prática não foi assim que se deu em sua maioria. Buscou-se reelaborar o processo de transformação com a instalação da colônia japonesa em Brazlândia, procurou-se fazer do velho o novo, ou seja, a pacata agricultura da RA seria o cinturão verde que iria abastecer o Plano Piloto. A concretude da objetivação se deu pela produção agrícola que Brazlândia atualmente detêm. A imagem criada do cinturão verde objetivou-se nos hortifrutos produzidos. No entanto, a simulação tomou toda esta estrutura da representação e a converteu num simulacro. Pois, a maioria da população assentada na RA é urbana e nem sequer desenvolve trabalhos relativos à área agrícola. Mas a idealização de “cidade vocacionada” para a agricultura deveria permanecer obedecendo ao projeto original de Lúcio Costa. Agora, escancarada a simulação identitária agrícola de Brazlândia, reifica-se a agricultura no produto objeto morango fetichizado na imagem da Festa do Morango de Brasília e na imagem da Rainha que leva seu nome.

O melhoramento genético quanto ao tempo de produção e resistência das mudas, e a coloração e sabor do morango, antes de atender o gosto do consumidor, é primeiramente realizado para atender o lucro e reprodução do capital. O morango é visto e observado enquanto momento de espetáculo de uma festa popular. Com a Festa do Morango, ocorre também em Brazlândia o que Rossato (2010) chama de descentramento e descolamento da realidade que corrobora efetivamente por manter a cidade-satélite na 2º fase do simulacro conforme descreveu Jean Baudrillard, qual seja, ela mascara e deforma uma realidade profunda, fazendo da população urbana, dos pequenos produtores e ambulantes a mais perfeita prova dessa realidade simulada. Simular para Baudrillard é fingir uma presença ausente. A identidade imposta à Brazlândia como ‘Reinado do Morango’ trata-se de uma construção mascarada e deformada da realidade. Ou seja, uma má aparência, pois para Baudrillard (1991) a 2º fase do simulacro pertence ao domínio do malefício. Nesta segunda fase, na qual a simulação tomou para si toda a estrutura da representação com a realidade pervertida e mascarada, o consumo está garantido; a consciência direcionada paga pela falsificação, mas tem a certeza de uma aquisição autêntica (SOARES, 2010). Portanto, quanto a Festa do Morango, as representações sociais de Brazlândia têm suas origens em um simulacro. A identidade rural da IV RA é uma simulação. A Festa ainda simula uma não exclusão social da cidade-satélite, promovendo uma imagem de pertencimento e de inclusão social da população de Brazlândia ao Plano Piloto, projeto original de criação do Distrito Federal.

REFERÊNCIAS

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BRAZLÂNDIA – IV. Disponível em: <<http://www.brazlandia.df.gov.br/>>. Acesso em: 15 Maio 2009.

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BRAZLÂNDIA – IV. Disponível em: <http://www.brazlandia.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=6795>. Acesso em 15 Jun 2011.

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BRAZLÂNDIA - IV. **Brazlândia já tem Rainha do Morango 2010.** Disponível em: <http://www.brazlandia.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=103801>. Acesso em: 26 Out 2010

ALLEN, John; MASSEY, Doreen; COCHRANE, Allan. **Rethinking the region.** London/New York: Routledge, 1998.

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência:** introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

ARCAG - ASSOCIAÇÃO RURAL E CULTURAL ALEXANDRE GUSMÃO. **16ª Festa do Morango de Brasília.** Disponível em: <<http://www.nippobrasilia.com.br/entidades/arcag/arcageventos/16a-festa-do-morango-de-brasilia-2011>>. Acesso em: 15 Jan 2011

ARRUDA, Ângela. Subjetividade, mudança e representações sociais. In: GONZALEZ REY, Fernando L. (ORG). **Por uma epistemologia da subjetividade:** um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 65-76.

BAHIA, José Aloise. **Jean Baudrillard, a simulação desencantada** - Parte II. Disponível em: <http://www.verbo21.com.br/2007/052007/ensaio052007_01.html>. Acesso em: 01 Mai 2010.

BARBOSA, Cláudio Luís de Alvarenga. **Educação Física Escolar:** as representações sociais. Rio de Janeiro: Shape, 1997.

BARBOSA, Jane R. Alves e NESPOLI, Ziléia Baptista. **A Prática Pedagógica no Ensino Superior**. Rio de Janeiro: UCB/CEP, 2006. 160p.

BARBOSA, Lívia. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Tradução Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 1991.

BENTO GONÇALVES. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=483994>>. Acesso em: 11 Jul 2011a.

BENTO GONÇALVES. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Bento_Gon%C3%A7alves_\(Rio_Grande_do_Sul\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bento_Gon%C3%A7alves_(Rio_Grande_do_Sul))>. Acesso em 15 Maio 2011b.

BENTO GONÇALVES CAPITAL BRASILEIRA DA UVA E DO VINHO. Disponível em: <<http://www.serrars.hpg.ig.com.br/bento.htm>>. Acesso em 13 Jul 2009.

BERGER, P. L.; LUCKMAN, T. **A Construção Social da Realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BONI, Valdete e QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BORGES, M. S. L. **Terra ponto de partida, ponto de chegada**: identidade e luta pela terra. São Paulo: Anita, 1997.

BRAZLÂNDIA. Disponível em: <http://it.wikipedia.org/wiki/File:Distrito_Federal_RA_Brazlandia.svg>. Acesso em: 11 Jul 2011a.

BRAZLÂNDIA. Disponível em: <<http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=wl>>. Acesso em: 11 Jul 2011b.

BRAZLÂNDIA SUSTENTÁVEL. Disponível em: <http://brzsustentavel.blogspot.com/2011_06_01_archive.html>. Acesso em 03 Mar 2011.

BRUNER, Jerome S. **Uma nova teoria de aprendizagem**. Tradução de Norah Levy Ribeiro. 4.ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1976.

BUY, Anna. Técnicas de pesquisa. Disponível em: <<http://wwwusers.rdc.puc-rio.br/imago/site/metodologia/textos/anabuy.htm>>. Acesso em 15 Ago 2010.

CABECINHAS, Rosa. Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. **Paidéia** (Ribeirão Preto) [online]. 2004, vol.14, n.28, pp. 125-137.

CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2005.

CARNEIRO, Neri P. **Sociedade e cultura**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/5513/1/Sociedade-E-Cultura/pagina1.html>>. Acesso em: 06 Mar 2010.

CARVALHO, Fábio Alves de e LACERDA, Marilusa Pinto Coelho. Caracterização da adequação do uso agrícola das terras no Distrito Federal. **Anais XIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto**, Florianópolis, Brasil, 21-26 abril 2007, INPE, p. 111-117.

CASTRO, Rogério. **Lukács e ‘o fenômeno da reificação’**. Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/rogerio_castro_lukacs_e_o_fenomeno_da_reificacao.pdf>. Acesso em: 24 Mai 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. **CAD Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

CEASA/DF - CENTRAIS DE ABASTECIMENTO DO DISTRITO FEDERAL S.A. **Boletim Mensal**. Acesso em: <<http://www.ceasa-df.org.br/mercado.htm>>. Disponível em: 05 Ago 2011.

CHAVES, Weber J. N. **Pós-modernidade, multiculturalismo e educação: a diversidade cultural e a construção subjetiva nos ambientes educativos**. Rio de Janeiro: UCB, 2007. (Monografia apresentada para obtenção do título de especialista em docência do ensino superior).

CIAMPA, A.C. **A estória do Severino e a história da Severina**. Um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

CIDADE, Lúcia Cony Faria. Ideologia, imagem ambiental e organização do espaço urbano. In: **Encontro Nacional da Anpege**, 6, 2005, Fortaleza. Anais ... Fortaleza: Anpege; Universidade Federal do Ceará – UFC; Universidade Estadual do Ceará – UECE, 2005. CD-ROM. 16 p.

_____. Qualidade ambiental, imagem de cidade e práticas socioespaciais. In: **Brasília: controvérsias ambientais**. PAVIANI, Aldo e GOUVEIA, Luiz Aberto de Campos (Org.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003. p. 159-180.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999a.

_____. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In: MENDONÇA, Francisco; KOSEL, Salete (Orgs). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Editora UFPR, 2004. p. 11- 43.

_____. El enfoque cultural y las concepciones geográficas del espacio. **Boletín de la A.G.E.** N.º 34, 2002a. p. 21-39

_____. O território na transição da pós-modernidade. **GEOgraphia** – Ano 1 – No2 – 1999b. p.7-26.

CODEPLAN - COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL. **Coletânea de Informações socioeconômicas: Região Administrativa RA IV - Brazlândia**. 2007.

_____. **Pesquisa de Emprego e Desemprego no Distrito Federal (PED-DF)**. Disponível em: <<http://www.codeplan.df.gov.br/sites/200/216/00000590.pdf>>. Acesso em: 10 Ago 2011.

_____. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - Brazlândia – PDAD**. 2010. Disponível em: <<http://www.codeplan.df.gov.br/sites/200/216/00000557.pdf>>. Acesso em: 10 Ago 2011.

COMUNIDADE DF RURAL. **16ª Festa do Morango começa sexta-feira em Brazlândia**. Disponível em: <<http://dfrural.wordpress.com/2011/08/24/16%C2%AA-festa-do-morango-comeca-sexta-feira-em-brazlandia/>>. Acesso em: 24 Ago 2011

CORREIO BRAZILIENSE. **A 16ª Festa do Morango de Brazlândia reforça a tradição da cidade.** Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/08/27/interna_cidadesdf,267290/a-16-festa-do-morango-de-brazlandia-reforca-a-tradicao-da-cidade.shtml>. Acesso em: 28 Ago 2011.

COSTA, Fernando Braga da. **O que é reificação.** Disponível em: <<http://amantesdasabedoria.blogspot.com/2006/03/o-que-reificao.html>>. Acesso em: 17 Mai 2010.

CROCCO, Fábio Luiz Tezini. Georg Lukács e a reificação: teoria da constituição da realidade social. **Kínesis**, Vol. I, nº 02, Outubro-2009. p. 49-63.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DER/DF – DEPARTAMENTO DE ESTRADAS E RODAGEM DO DISTRITO FEDERAL. **DF-430 (Brazlândia).** Disponível em:

<http://www.der.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=12488>. Acesso em 10 Ago 2011.

DISTRITO FEDERAL. **Anuário Estatístico do Distrito Federal.** 2010.

DISTRITO FEDERAL (BRASIL). Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Distrito_Federal_\(Brasil\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Distrito_Federal_(Brasil))>. Acesso em: 11 Jul 2011a.

DISTRITO FEDERAL. PORTAL DO CIDADÃO. Disponível em: <http://www.sia.df.gov.br/045/04503017.asp?slCD_ORIGEM=26670&ttCD_CHAVE=109708>. Acesso em: 24 Ago 2011d

DISTRITO FEDERAL - SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO E HABITAÇÃO. **Atividades Econômicas.** Disponível em:

<<http://www.districtofederal.df.gov.br/sites/100/155/PDOT/doct07.htm#tab06graf02>>. Acesso em: 20 de Jan 2011b.

DISTRITO FEDERAL. SECRETARIA DE ESTADO DE OBRAS. Disponível em: <<http://psnsoft.com.br/so/index.html>>. Acesso em: 30 ago 2011c

DISTRITO FEDERAL - **Síntese de Informações Socioeconômicas, 2008** / Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan). Brasília: Codeplan, 2008.

DOTTA, Leanete T. **Representações sociais do ser professor**. Campinas: Alínea, 2006.

DUPRET, Leila et al. **Fundamentos Psicossocioculturais da Educação**. Rio de Janeiro: UCB/CEP, 2006. 160p.

EMATER/DF - EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL. **Agronegócio**. Disponível em: <<http://www.emater.df.gov.br/agronegócio>>. Acesso em: 18 Jan 2011a.

_____. Disponível em: <<http://www.emater.df.gov.br/>>. Acesso em: 15 Ago 2011b.

_____. **Custo de Produção: Morango**. Disponível em: <<http://www.emater.df.gov.br/>>. Acesso em: 12 Jun 2008.

_____. **Custo de Produção: Morango**. Disponível em: <<http://www.emater.df.gov.br/>>. Acesso em: 18 Dez 2010.

EMBRAPA – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Embrapa contribui com recordes de produção de hortaliças no DF**. Disponível em: <http://www.cnph.embrapa.br/paginas/imprensa/releases/recordes_producao_hortalica_df.html>. Acesso em: 20 Fev 2011a

_____. **Sistema de Produção do Morango**. Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Morango/SistemaProducaoMorango/cap04.htm>>. Acesso em: 20 Fev 2011b

_____. **Sistema de produção do morango**. Disponível em: <<http://www.cpact.embrapa.br/publicacoes/catalogo/tipo/sistemas/morango/cap04.htm>>. Acesso em 25 Ago 2011c.

ESTRADA COLONIAL NO PLANALTO CENTRAL. Disponível em: <<http://www.estradacolonial.com.br/index.php>>. Acesso em: 15 Maio 2009

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FAO – FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. Disponível em: <<http://www.fao.org/countryprofiles/resources.asp?lang=en>>. Acesso em: 19 Out 2009.

FERREIRA, José Heleno. **A educação frente à sociedade do simulacro**. Disponível em: <<http://www2.funedi.edu.br/revista/revista-eletronica3/artigo7-3.htm> >. Acesso em 15 Jun 2009.

FLORIDO, Janice. **Adorno**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).
FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, jan./abr. 2004. p. 169-186.

GALLICCHIO, Gisele. **Simulacro e inclusão social**. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&catid=6%3Aeducacao-inclusiva&id=78%3Asimulacro-e-inclusao-social&Itemid=17>. Acesso em: 01 Maio 2009.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Fetichismo e reificação na Escola de Frankfurt**. Disponível em: <<http://professorvirtual.blogspot.com/2004/09/fetichismo-e-reificao-na-escola-de.html>>. Acesso em: 17 Mai 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 11.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992b.

FURTADO, Odair. As dimensões subjetivas da realidade: uma discussão sobre a dicotomia entre a subjetividade e a objetividade no campo social. In: GONZALEZ REY, Fernando L. (ORG). **Por uma epistemologia da subjetividade**: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 91-105.

GOMES, Nilma L. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Maza, 1995.

GOMES, Paulo C. da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996.

GONZALEZ REY, Fernando L. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. **Psicol. educ** (13):9-15, 2001.

_____. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

HAESBAERT, Rogério. Da Desterritorialização a Mutiterritorialidade. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina** – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.

_____. “Território, cultura e des-territorialização”. In: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato (Org.) **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

HAESBAERT, Rogério, et al. **Identidades e territórios**: questões e olhares contemporâneos. Frederico Guilherme Bandeira de Araújo; Rogério Haesbaert (Org.). Rio de Janeiro: Access, 2007.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade. In: SILVA, T. (org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estados Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HINO DE JUIZ DE FORA. Disponível em: <WWW.pjf.mg.gov.br/cidade/hinos/hjf.php>. Acesso em: 15 Jan 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=3&i=P&c=608>>. Acesso em: 05 Set 2011a.

_____. **Produção Agrícola Municipal**: Cereais, Leguminosas e Oleaginosas 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=df&tema=pamclo2007>>. Acesso em: 15 Abr 2011b.

JAMESON, Fredric. **As marcas do visível**. São Paulo: Graal, 1995.

_____. Globalização e estratégia política. In: **Contracorrente**: o melhor da New Left Review em 2000, Emir Sader (org). Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Pós-modernidade**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

JAPPE, Anselm. **A sociedade do espetáculo**. Disponível em: <<http://netart.incubadora.fapesp.br/portal/midias/debord>>. Acesso em 19 Maio 2010.

JODELET, Denise. Représentation sociale: phénomène, concept et théorie. In: S. MOSCOVICI (dir.). **Psychologie sociale**. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

JUCÁ, Sandro César S.; CARVALHO, Paulo Cesar M. de; AGUIAR JÚNIOR, José Sérgio de. De sujeito a sistema de informação: como as novas concepções de mente afetam a subjetividade. **Ciências & Cognição**; Ano 03, Vol 09, 2006.

JUIZ DE FORA. Disponível em: <http://saber.sapo.mz/wiki/Juiz_de_Fora>. Acesso em: 11 Jul 2011.

KELLER, Evelyn Fox. O Paradoxo da subjetividade científica. In: SCHNITMAN, D. F.. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 93-111.
KOSEL, Salette. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, Francisco; KOSEL, Salette (Orgs). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Editora UFPR, 2004. p. 215-232.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LANE, Silvia T. M. A Dialética da subjetividade versus objetividade. In: FURTADO, Odair e GONZALEZ REY, Fernando L. (Orgs.) **Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 11-18.

LAPLAMCHE, J. E PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1992.

LEONTIEV, A. N. **Atividade e Consciência**. Lisboa: Livros Horizontes, 1980.

LUCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe**. Ensaios sobre dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MACHADO, Igor José de Reno. Estado-nação, identidade-para-o-mercado e representações de nação. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2004, v. 47 n° 1.

MELO, Hygina Bruzzi de. **A cultura do simulacro: filosofia e modernidade em J. Baudrillard**. São Paulo: Loyola, 1988.

MERRELL, Floyd. **Iúri Lótman, C. S. Peirce e semiose cultural**. Disponível em: <http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:Gct0TuagqDMJ:revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/1309/805+I%C3%BAri+L%C3%B3tman,+C.+S.+Peirce&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESjZmuBSGD5E2mqB9U8PnY3OewzTKayF2HFtIa3QY_rWQ3V9ioxjxsibbegkVZ9KGyCA1qC6VomWoQCpfr8F-xt29XTToAq-yLJCwYP6hyxbEXMCJ5KYHf4Y9bc5TBzh9QxwcrJR&sig=AHIEtbSWqtFKvai3bKp8-60yO5IKMqb4AA>. Acesso em 25 Mar 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MOLON, Susana I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Disponível em: <<http://72.14.209.104/search?q=cache:Q9ZkeyFnGhYJ:www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/2330.doc+Subjetividade+e+constitui%C3%A7%C3%A3o+do+sujeito+em+Vygotsky&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=1>>. Acesso em: 23 Jun 2006.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MORANGO GERA R\$ 12 MILHÕES PARA BRAZLÂNDIA. **Tribuna Rural**, Caderno Economia, Ano 1, nº 05, Setembro, 2009.

MOREIRA, Ruy. Velhos temas, novas formas. In: MENDONÇA, Francisco; KOSEL, Salete (Orgs). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Editora UFPR, 2004. p. 47-62.

MOREIRA, I & OSORIO, C. Desigualdades regionais e migrações. In: **Desigualdades regionais no desenvolvimento brasileiro**. (org) PIMES, Recife, 4v. 1984.

MOSCOVICI, Sérgio. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSQUERA, Juan J. M. **Psicodinâmica do aprender**. 2.ed. Porto alegre: Sulina, 1977. 231p

OLIVEIRA, Livia de. Ainda sobre percepção, cognição e representação em geografia. In: MENDONÇA, Francisco; KOSEL, Salete (Orgs). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Editora UFPR, 2004. p. 189-196.

OLIVEIRA, R. P.; NINO, A. F. P.; SCIVITTARO, W. B. Mudanças Certificadas de Morangueiro: maior produção e melhor qualidade de fruta. **A Lavoura**. Rio de Janeiro, v. 108, n. 655, p. 35-38, 2005.

PATOS DE MINAS. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Patos_de_Minas>. Acesso em: 11 Jul 2011.

PAVIANI, Aldo e GOUVÊA, Luiz Alberto de Campos. Apresentação. In: **Brasília: controvérsias ambientais**. PAVIANI, Aldo e GOUVEIA, Luiz Aberto de Campos (Org.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003. p. 17-25.

PELUSO, Marília L. **Escalas e linguagens na prática geográfica**. Texto apresentado no evento de pós-graduação “Teorias e Práticas de Pesquisa em Geografia”, mesa” Práticas e a Linguagem geográfica, ocorrido em Goiânia entre 31/03 a 02/04 de 2008.

_____. O indivíduo como sujeito de conflitos sociais. **Espaço e Geografia**, Vol. 8, nº 1. 2005. p. 23-50

_____. **O morar na constituição subjetiva do espaço urbano**. As representações sociais da moradia na cidade-satélite de Samambaia/DF. Tese de Doutorado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil, 1998.

_____. O potencial das representações sociais para a compreensão interdisciplinar da realidade: Geografia e Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia** 2003, 8(2), 321-327

PELUSO, Marília L; ELALI, Gleice A. **Interdisciplinaridade**. 2008. Texto apresentado na disciplina Teoria da Geografia na Universidade de Brasília em 2008.

PORTAL DO AGRONEGÓCIO. **Cultivo de morango em Minas Gerais será destaque em congresso de olericultura**. Disponível em: <<http://www.portaldoagronegocio.com.br/conteudo.php?id=59255>>. Acesso em: 17 Mai 2011.

PROPOSTA PREVÊ INSTALAÇÃO DE COOPERATIVA DE PRODUTORES DE MORANGO DO DF. Disponível em: <<http://www.embrapa.br/imprensa/noticias/2009/janeiro/2a-semana/proposta-preve-instalacao-de-cooperativa-de-produtores-de-morango-do-df/>>. Acesso em 19 Jun 2009.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT Luc Van. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 5ªed. Lisboa: Gradativa, 2008.

ROSSATTO, Noeli Dutra. **Reificação e reconhecimento**. Disponível em: <http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:utwk_DlJq8wJ:coralx.ufsm.br/filosofia/resenh as/e3928546120bd6d43131cc988978ef2f.pdf+ROSSATTO,+Noeli+Dutra.+Reifica%C3%A7%C3%A3o+e+reconhecimento&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESiC59QkiRQqHLgH9D6payfI1EfJy82Z7khTeZphL8_p8Xtb4pQBtrhJvgykTjKRMbo6uHh4eUPDSPPvUbWmvm6xyMaiP3DeFYRrWuXsTojcDZeC>

VEN6XBriswjnTxSoAZiVo79M&sig=AHIEtbRKlOgxAe-m7FESQ51pskwLAogA4g>.
Acesso em 10 Mai 2010.

SALES, Vilmara Fernandes et al. **Psicologia da Educação**: um referencial para professores. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2003. 128 p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. Brasília, a nova capital brasileira. **Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**. Programa de Pós-graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo - EESC-USP (Texto publicado na Revista Caravelle, CNRS, Toulouse, nº 3, 1964, p. 369-85). Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/risco/n11/08.pdf>>. Acesso em 23 Ago 2011.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. O dinheiro e o território. Revista **GEOgraphia** – Ano. 1 – No 1 – 1999. p. 7-13.

_____. **O espaço do cidadão**. São Paulo, Nobel, 1987.

_____. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo, Hucitec, 1982.

_____. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. In: SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**: ensaios. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 7-23.

_____. Uma palavrinha a mais sobre a natureza e o conceito de espaço. In: SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo, Nobel, 1985. p. 1-20.

SCHNITMAN, Dora Fried. Introdução: ciência, cultura e subjetividade. In: _____. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 9-24.

SCOFANO, Reuber G. **Matrizes Filosóficas do Pensamento Educacional**. Rio de Janeiro: UCB/CEP, 2006.

SEAPA - SECRETARIA DE ESTADO DE AGRICULTURA DO DISTRITO FEDERAL. **16ª Festa do Morango começa hoje em Brazlândia**. Disponível em: <http://www.sa.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=156627>. Acesso em: 05 Set 2011.

_____. **Agroinforme:** Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano V nº 028 - 02/08/2010.

SILVA, Gilberto da. **O espelho do espelho:** o poder das imagens e a degradação das identidades na sociedade pós-moderna (ou contemporaneidade). Disponível em: <<http://www.partes.com.br/ed52/reflexao.asp>>. Acesso em: 17 Abr 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SILVA, Vera Lúcia Neri da. **As interações sociais e a formação da identidade da criança negra.** Disponível em: <<http://www.anped.org.br/27/gt07/t079.pdf>>. Acesso em: 09 Mar 2009.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da; PIENIZ, Mônica e FRAGA Pauline Neutzlig. Reificação e consumo na indústria cultural: crítica às políticas públicas. **XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0859-1.pdf>>. Acesso em: 22 Mai 2010.

SINOP. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sinop>>. Acesso em: 11 Jul 2011a.

SINOP. Disponível em: <<http://www.sinop.mt.gov.br/?open=eJwzsjA30zG0sDDTMbcwti9It83MKy7JLCINzszPS8xRK8ksyLc1UjOyMDLXMbS0NNaxNDEFAIGfDpw%3D2032,1628,542.html>>. Acesso em: 16 Mai 2011b.

SLATER, Don. **Cultura do consumo & modernidade.** São Paulo: Nobel, 2002.

SOARES, Holgonsi. **Simulacro:** verdade ou mentira pós-moderna? Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/index.simulacro.html>>. Acesso em 20 Mai 2010.

SOUZA, Irene Sales de. Identidade e construção da pessoa do educando. In: FONSECA, Dagoberto José (Org.). **Pedagogia cidadã:** cadernos de formação: fundamentos sociológicos e antropológicos da educação. São Paulo: UNESP, 2003. p. 29-37.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. As armadilhas da paisagem: para uma epistemologia do espaço-tempo. In: _____. **A crítica da razão indolente.** Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2001. p. 189-253.

SPECHT, Suzimary e BLUME Roni. **Competitividade e Segmento de Mercado à Cadeia do Morango:** algumas evidências sobre o panorama mundial e brasileiro. Disponível em: <http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:TOqfNQtvOloJ:www.sober.org.br/palestra/13/1245.pdf+produ%C3%A7%C3%A3o+mundial+de+morangos+vem+crescendo+em+n%C3%BAmeros+absolutos+nos+%C3%BAltimos+anos.+No+per%C3%ADodo+de+1997+a+2006,+a+produ%C3%A7%C3%A3o+cresceu+29%25,+enquanto+a+%C3%A1rea+plantada+apresentou+um+crescimento+de+18%25.+SPECHT+e+BLUME&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEEShrRw8RYHBmKLXYJnbzRksjVwk2WsEz_7CWTE4EuSPilludZ8ynLpB90ULX2OWOaY1jmpz5G_8M_GBF8tCZXvvi7reHfx2a-XaD5f0zBchVXhNz-1628v395CsWh5DkLPYh8Aj4&sig=AHIEtbTkWy09yR-gd9ChKOrlfBWN7DKHWA>. Acesso em 10 Out 09.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia da análise das representações sociais. In: JOVCHELOVITCH, Sandra; GUARESCHI, Pedrinho A.. **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 117-145.

TAVARES, Fred. O consumo na pós-modernidade: Uma perspectiva psicossociológica. **Comum**, Rio de Janeiro, v.9, n.22, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum22/Artigo5.pdf>>. Acesso em 20 Mai 2010.

TOURAINÉ Alain. **Um novo paradigma:** para compreender o mundo de hoje. 3ª ed. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2007.

TREVISAN, Amarildo L. e ROSSATTO, Noeli Dutra. **Reificação e reconhecimento:** reflexões para pesquisa em educação. *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v. 16, n. 31, p. 275-286, jul./dez. 2010. (ISSN 1516-4896)

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. OBSERVATÓRIO DA JUVENTUDE. **Novos Olhares:** Mapa da Juventude de Brazlândia. Disponível em: <<http://www.ceam.unb.br/oj/producoes/46>>. Acesso em: 12 Mar 2010.

VALA, J. Representações Sociais: para uma psicologia social do pensamento social. In: VALA, J. & MONTEIRO, M. B. (Orgs.). **Psicologia Social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. **Construção da subjetividade:** processo de inserção de crianças pequenas e suas famílias à creche. Tese apresentada no concurso para professora titular em Educação Infantil. UERJ. Rio de Janeiro: 2002.

VIGOTSKI, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WAGNER, Philip L., MIKESELL, Marvin W.. Os temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto L., ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 27-62.

WALLON, Henri. **Origens do Pensamento na Criança**. São Paulo: Manole, 1989.

WERNECK, Vera Rudge. **A ideologia na educação**: um estudo sobre a interferência da ideologia no processo educativo. Petrópolis: Vozes, 1984.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

ZANELLA, Andréa Vieira. Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da psicologia histórico-cultural. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 1, 2004. p. 127-135.

ZENTGRAF, Maria Christina. **Técnicas de estudo e pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: CEP/UFRJ, 1997.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Relação de entrevistados.

1. **Entrevistado 1:** Administrador Regional de Brazlândia, Sr. José Luiz Ramos; em 17 de agosto de 2011.
2. **Entrevistado 2:** Presidente da Associação Rural e Cultural Alexandre Gusmão, Sr. Yukio Yamagata; em 13 de agosto de 2011.
3. **Entrevistado 3:** Produtor de morango e vice-presidente da Associação Rural e Cultural Alexandre Gusmão, Sr. Shoji Saiki; em 13 de agosto de 2011.
4. **Entrevistado 4:** Gerente da EMATER/DF em Brazlândia, Sr. Blaiton Carvalho; em 09 de setembro de 2011.
5. **Entrevistado 5:** Gerente da rede de hipermercados Carrefour, na SCLN 312/313, Sr. Antônio; em 11 de agosto de 2010.
6. **Entrevistado 6:** Gerente da rede de hipermercados Carrefour, na SCLN 105/106, Sr. Osmar; em 24 de agosto de 2011.
7. **Entrevistado 7:** Atacadista na CEASA/DF - JR Comercial de Frutas -, Sr. Cláudio; em 07 de agosto de 2010.
8. **Entrevistado 8:** Atacadista na CEASA/DF - Brasília Frutas Especiais -, Sr. Cleber Medeiros; em 07 de agosto de 2010 e 10 de setembro de 2011.
9. **Entrevistado 9:** Funcionário da Produtora e Distribuidora Dois Amigos, Sr Davi; em 03 de setembro de 2011.
10. **Entrevistado 10:** Gerente na CEASA/DF – Comercial Estrela do Sul, Sra. Fátima Chaves, em 10 de setembro de 2011.
11. **Ambulantes:** nas rodovias do DF e Plano Piloto; meses de junho, julho e agosto de 2011.

APÊNDICE B - Pesquisa Qualitativa - Questionário Semi-Estruturado de Administração Direta.

Universidade de Brasília
 Instituto de Ciências Humanas
 Departamento de Geografia
 Pós-graduação em Geografia – Mestrado
 Área de concentração: Gestão Ambiental e Território
 Linha de pesquisa: Urbanização, Ambiente e Território

Data_____/_____/_____

PESQUISA

1 – Como o Distrito Federal reconhece (vê) Brazlândia?

2 – O que Brazlândia oferece ao Distrito Federal?

3 – Quem é o morador de Brazlândia?

4 – O que você sabe sobre a Festa do Morango?

5 – O que a Festa do Morango representa para você?

6 – Você trabalha na Plantação/colheita de morangos ou outra atividade que envolva o morango?

() Sim () Não

7 – Qual a tua atividade?

8 – Qual a tua idade?


() 1 – 15 anos () 16 – 25 anos () 26 – 35 anos () 36 – 45 anos ()
 48 – 55 anos () Mais de 56 anos

9 – Qual a tua escolaridade?

() Não estudei
 () Fundamental incompleto () Fundamental completo
 () Médio incompleto () Médio completo
 () Superior incompleto () Superior completo () Pós-graduado

ANEXOS

ANEXO A - Custo de Produção: morango.

|  Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal Vinculada a Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Distrito Federal Data de emissão: 23/4/2010 Pg. 1 | | | | |
|--|------------|---|----------------|-----------------|
| CUSTO DE PRODUÇÃO | | | | |
| CULTURA ...: Morango | | PRDUTIVIDADE: 24000 kg/ha (20000 cx 1.2 kg) | | |
| PRODUTOR: | | PRCPRIIDADE ...: | | ÁREA (ha): 1,00 |
| INSUMOS | | | | |
| DESCRIÇÃO | QUANTIDADE | UNIDADE | VALOR UNITÁRIO | VALOR TOTAL |
| Adubo mineral (04-14-08) | 3,50 | t | 890,00 | 3.115,00 |
| Adubo mineral (Bórax) | 10,00 | kg | 3,69 | 36,90 |
| Adubo mineral (Sulfato de amônio) | 0,50 | t | 1.050,00 | 525,00 |
| Adubo mineral (Sulfato de potássio) | 0,25 | t | 3.780,00 | 945,00 |
| Adubo orgânico (Esterco de galinha) | 10,00 | t | 120,00 | 1.200,00 |
| Agricida (Abamectina 18 G/L) | 6,00 | l | 64,50 | 387,00 |
| Agricida (Difenoconazol 250) | 0,25 | l | 240,00 | 60,00 |
| Agricida (Espalhante adesivo) | 5,00 | l | 11,00 | 55,00 |
| Agricida (Oxicloreto de cobre 840 G/KG) | 18,00 | kg | 22,00 | 396,00 |
| Agricida (Tiofanato met.+Clorot. 200+500 G/KG) | 6,00 | kg | 29,74 | 178,42 |
| Corretivo (Calcário dolomítico) | 4,00 | t | 60,00 | 240,00 |
| Curubucas (300 a 400 g) | 600,00 | cento | 16,00 | 9.600,00 |
| Energia elétrica p/ irrigação | 927,00 | kwh | 0,18 | 166,86 |
| Mudas de Morango | 600,00 | cento | 17,00 | 10.200,00 |
| Mulching (Bobina de 1,6 x 500 m) | 14,00 | rolo | 180,00 | 2.520,00 |
| SERVIÇOS | | | | |
| DESCRIÇÃO | QUANTIDADE | UNIDADE | VALOR UNITÁRIO | VALOR TOTAL |
| Adubação (Manual de cobertura) | 12,00 | d/h | 25,00 | 300,00 |
| Adubos (Distribuição manual) | 4,00 | d/h | 30,00 | 120,00 |
| Adubos (Incorporação mecânica) | 8,00 | h/m | 30,00 | 240,00 |
| Agricida (Aplicação) | 30,00 | d/h | 30,00 | 900,00 |
| Colheita/Classificação/Acondicionamento | 480,00 | d/h | 30,00 | 14.400,00 |
| Corretivo (Incorporação) | 2,00 | h/m | 70,00 | 140,00 |
| Destrota e Limpeza | 100,00 | d/h | 30,00 | 3.000,00 |
| Distribuição (Calcário) | 2,00 | h/m | 70,00 | 140,00 |
| Irrigação (Gotejo) | 4,00 | d/h | 30,00 | 120,00 |
| Mudas (Preparo e seleção) | 80,00 | d/h | 30,00 | 2.400,00 |
| Plantio e replantio | 50,00 | d/h | 30,00 | 1.500,00 |
| Plástico (Cobertura) | 20,00 | d/h | 30,00 | 600,00 |
| Preparo de solo (Lev. cant./ rotoconstrador) | 2,00 | h/m | 70,00 | 140,00 |
| Preparo do solo (Aração) | 3,00 | h/m | 70,00 | 210,00 |
| Preparo do solo (Gradagem) | 2,00 | h/m | 70,00 | 140,00 |
| Preparo do solo (Levant. canteiro c/microtrator) | 0,00 | h/m | 30,00 | 0,00 |
| SUB-TOTAL (INSUMOS): R\$ | | | | 29.625,18 |
| SERVIÇOS: R\$ | | | | 24.350,00 |
| TOTAL: R\$ | | | | 53.975,18 |
| DATA DA COLETA DE PREÇOS (ANO/MÊS): 2009/05 | | CUSTO (UND. COMERCIALIZAÇÃO): R\$ 2,70 | | |
| OBSERVAÇÕES: | | | | |

ANEXO B - Brazlândia espera 200 mil pessoas para a Festa do Morango.

CORREIO BRAZILIENSE | CIDADES DF

Brasília, sábado, 17 de Setembro de 2011

ASSINE ASSINANTE CADASTRE-SE CONTATO EXPEDIENTE

busca

CAPA BRASIL / ECONOMIA / POLÍTICA CIDADES-DF MUNDO DIVERSÃO E ARTE DIVIRTA-SE CIÊNCIA E SAÚDE TECNOLOGIA TURISMO REVISTA

CORREIO DIGITAL SUPER ESPORTES EU, ESTUDANTE VÍDEOS ÁUDIOS FOTOS BLOGS INFOGRÁFICO LEITOR.DF CLASSIFICADOS TWITTERRSS

TAMANHO DA LETRA ENVIAR IMPRIMIR CORRIGIR

(2) Comentários Votação: ☆ ☆ ☆ ☆ ☆

A 16ª Festa do Morango de Brazlândia reforça a tradição da cidade

Ana Pompeu

Publicação: 27/08/2011 08:00 Atualização: 27/08/2011 10:37

Evento de sucesso no calendário do DF, a Festa do Morango de Brazlândia deste ano promete. "O mais importante é o morango, mas o evento também agrega diversão, complementa com comércio e até um pouco de artesanato. Tem morango in natura, sucos, licor, tortas...", resume o vice-presidente da Associação Rural e Cultural Alexandre Gusmão (Aocarg), Shoji Saiki. A 16ª edição do evento, que é uma celebração do período de colheita do fruto, entre agosto e setembro, já está em cartaz. E com entrada franqueada ao público.



Os brasilienses vão poder se fartar com as novidades neste fim de semana e no próximo. Já na abertura oficial, um bolo de 16 metros de comprimento esperava os presentes. A expectativa é de que mais de 200 mil pessoas passem pela festa. Há 16 anos, um grupo de produtores da Aocarg pensou na festa com o intuito de inoventar a produção de morangos, aproximar o produtor do consumidor e valorizar quem trabalha com o fruto na cidade. Paulo Norio Takaki, 55 anos, estava presente nesse momento.

Nascido em Atibaia (SP), cidade também famosa pela produção de morangos, ele aprendeu a cuidar desse tipo de lavoura com os pais. "Nós começamos a festa. Eu trouxe a ideia e vingou. Antes, era uma festinha. A gente esperava que fosse crescer, mas não nessas proporções", conta. Ele e sua mulher, Ceolília Temi Takaki, mantêm a família há 30 anos com o dinheiro tirado desse cultivo. "O clima aqui é bom. Graças ao nosso trabalho, nossos filhos estão todos formados. A chácara rende cerca de R\$ 20 mil por mês", conta. Paulo não hesita na hora de fazer o convite: "O mais importante é lembrar que Brazlândia produz o melhor morango do Brasil". A garantia vem de quem conhece o assunto. Durante a festa, ele espera vender cerca de 10 mil caixas com quatro bandejas cada.

A produtora Hatuyo Kanno Takagi veio para o DF com o marido em 1986 e ajudou a formar a cultura da produção do fruto

Saiba mais...

Preparação

CLIQUE AQUI E ACESSE O SITE DO PROJETO

Mais acessadas Últimas notícias

De até OK

00:02 - Seis mil pessoas assistem ao show de Daniela Mercury no Estádio Nacional

23:33 - Dupla faz arrastão em restaurante da quadra 309 da Asa Norte

22:45 - Público aumenta para 5 mil pessoas e festa continua no Estádio Nacional

21:16 - Público de 3 mil pessoas acompanha show do Restart no Estádio Nacional

20:17 - Duas pessoas morrem em batida com poste atrás do Autódromo

20:00 - Público começa a chegar para o show de Mil Dias para a Copa

19:50 - Detran faz mutirão para emitir documentos de 2011 neste sábado no SIA

19:27 - Voo é um bom motorista? Participe de nosso quizz e descubra seu nível

[Veja a lista completa >](#)

Blogs

Blog da Ana Maria Campos
As questões da cidade com foco nos bastidores da política local

Blog da Conceição - Crônicas da Cidade
Um blog para quem gosta de escrever Brasília

ANEXO C - Morango gera R\$ 12 milhões para Brazlândia.

Tribuna Rural Setembro de 2009 Página 3

ECONOMIA

Morango gera R\$ 12 milhões para Brazlândia

Maior polo produtor do Centro Oeste, a cidade produz 4 mil toneladas da fruta por ano. Calcula-se que 60% dos hortifrutigranjeiros do DF vêm da região

Dímaras Vaz

Cento e vinte agricultores transformam Brazlândia, no Distrito Federal, no maior polo produtor de morangos do Centro Oeste e no palco para um dos maiores eventos rurais da região, a Festa do Morango. São 90 hectares cultivados, divididos em propriedades de até 5 hectares, que produzem 4 mil toneladas da fruta por ano, rendem R\$ 12 milhões anuais e geram mais de mil empregos.

Cultura cara, totalmente irrigada por gotejamento, o morango no DF apresenta altos índices de produtividade e de tecnologia empregada. A maioria das mudas vem de São Paulo, o que evita o aparecimento de pragas e doenças, que podem ser

causadas pela proximidade da área de produção de mudas com a plantação.

Um dos problemas mais comuns da cultura é a proliferação de ácaros. O controle é feito por meio de defensivos e também com a associação da irrigação por aspersão para limpar as folhas do morangueiro.

Segundo o gerente da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do DF (Emater-DF), Marcelo Pereira, o cultivo predominante é o convencional. Apenas cerca de 30 produtores utiliza o sistema de cultivo protegido, o túnel baixo. A técnica garante produção o ano inteiro, mas a instalação é cara.

“Para introduzir a tecnologia, o custo é de até R\$ 30 mil por hectare. A cultura do morango já é cara. No cultivo convencional, por exemplo, o agricultor gasta R\$ 40 mil por hectare. Como a maioria é de agricultores familiares, eles não possuem recursos para a instalação do túnel baixo”, explica Marcelo.

Além de plantar e colher, os produtores selecionam, embalam e comercializam a fruta. A venda é feita principalmente em feiras de atacado para restau-



A Morangolândia foi o cenário de uma das festas mais tradicionais do DF

» **Vocação agrícola**

Inserida na Área de Proteção Ambiental da Bacia do Descoberto, Brazlândia responde hoje por 60% dos hortifrutigranjeiros produzidos no DF. O Produto Interno Bruto (PIB) agrícola corresponde a 40% do PIB total da cidade. Os 60% restantes são gerados pelo comércio. Dos 70 mil habitantes, 18 mil moram na área rural. A atividade agrícola gera até 5 mil empregos.

Os destaques são o cultivo

da goiaba, a produção de leite, na região de Curralinho, e a criação de frangos, com mais de 200 aviários concentrados na região. O administrador da cidade, Edis Oliveira, mais conhecido como Nego Pirenópolis, sustenta que a atividade agrícola é fundamental para a qualidade ambiental da região e do DF. Brazlândia parece ter se mantido à margem da explosão demográfica ocorrida nas duas últimas décadas.

“Temos trabalhado para que o produtor rural permaneça na propriedade e continue a produzir, evitando assim o parcelamento e a urbanização das chácaras”, explica o administrador. Nego Pirenópolis também ressalta a importância do trabalho dos japoneses, instalados na região desde a década de 60. “Muitos filhos dos japoneses vão estudar fora e depois voltam para Brazlândia para tocar as propriedades. A vocação desse povo também é fundamental para o controle do crescimento da cidade”, completa Pirenópolis.

E a XIV Festa do Morango se pres-



ta exatamente ao propósito de manutenção da vocação agrícola da cidade. Além dos shows e atividades de lazer, o evento marca o encontro dos produtores de morango de Brazlândia e se configura como um espaço para a difusão do que há de mais moderno no sistema de cultivo da fruta.

Além da Festa do Morango, ocorrem na cidade outros eventos de resgate e fomento da tradição agrícola, como a Festa do Leite e a Festa do Divino. Os festejos têm impacto direto sobre o turismo rural, já que o público que vem às celebrações acaba se hospedando em pousadas e hotéis rurais da região. O administrador destaca que a geração de emprego e renda por meio desses eventos é grande.


O morango em números

- 90 hectares cultivados
- 120 produtores
- 4 mil toneladas produzidas por ano
- R\$ 12 milhões de faturamento bruto
- 1100 empregos diretos
- Custo de R\$ 40 mil reais por hectare no sistema convencional de cultivo



A moradora da cidade Eleuza Maria da Silva corta o bolo de 14 metros

ANEXO D - 16ª Festa do Morango.



GDF

**EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E
EXTENSÃO RURAL - EMATER**

Busca:

Pesquisar

Governo Eletrônico

Portal do Cidadão
Tudo sobre o Governo
Tudo sobre o DF

A EMATER-DF

Dirigentes
Estatuto Social
Missão
O que Fazemos
Onde Atuamos
Quem Somos
Regimento Interno
Relatórios Anuais de Atividades
Ouvidoria
Links

Agricultura Familiar

Programa de Aquisição de Alimentos - PAA
Programa de Aquisição de Alimentos - PAANet
Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE
Agroindústria Artesanal
Vaqueiro Competente
Suínos Nacionais
Crédito Rural
Animais Exóticos >novo<

Programas Prioritários


Programa de Agroecologia
Programa de Floricultura
Programa de Olericultura
Programa de Organização e Gestão Social
Programa do Leite
Agricultura Urbana
Conselho de Desenvolvimento Rural Sustentável do Distrito Federal

Administração Rural

Agronegócio
Custos de Produção
Guia do Produtor Rural
Informações Agropecuárias
Software RuralPro 2010
>NOVO<
SISLOG
Preços da CEASA

Meio Ambiente

Gestão Ambiental
Ações de Educação Ambiental



EMATER-DF

16ª Festa do Morango

16ª Festa do Morango

Brazlândia sedia, até o dia 4 de setembro, a 16ª edição da sua tradicional Festa do Morango. Realizado na sede da Associação Rural e Cultural de Alexandre de Gusmão (Arcag), no Incra 06, o evento é conhecido pela comercialização de pratos feitos a partir do morango produzido no Distrito Federal. Além de um concurso de receitas com essa hortaliça e da exposição agrícola, a Festa do Morango deste ano contará ainda com a apresentação de diversos shows musicais.

Paralelo ao evento acontece o VII Encontro Técnico do Morango, voltado aos produtores rurais da região.

Produção de morango – Até o momento, foram plantados mais de 100 hectares de morango em todo o Distrito Federal. A estimativa é que ultrapasse a área de 120 hectares ainda em 2011. No total, a Emater registra atendimento a 111 produtores rurais que estão plantando morango no DF, com uma produtividade média de 30 toneladas por hectare.

A produção de morango gera renda e emprego principalmente entre os meses de maio a outubro. O pico da produção acontece entre agosto e setembro, quando é realizada a Festa do Morango para comemorar o sucesso do plantio e comercializar o produto. A festa é uma realização da Secretaria de Agricultura, Emater-DF, Administração Regional de Brazlândia e Associação Rural e Cultural de Alexandre de Gusmão (Arcag).

Veja abaixo a programação:

- 26/08 (Sexta-feira) - 20h - Abertura oficial
- 27/08 (Sábado) - 19h - Escolha da Rainha do Morango
- 28/08 (Domingo) - 13h - 7º Concurso de Receitas com Morango
- 29 a 31/08/2011 – 7º Encontro Técnico do Morango
 - Segunda-feira, 18h30 - Palestras: Consórcio com fruteiras/ Morango hidropônico
 - Terça-feira, 8h30 - Dia de Campo sobre inovações tecnológicas
 - Quarta-feira 10h30 - Encontro de negócios do setor rural de Brazlândia
- 02/09 (Sexta-feira) 20h - Abertura da 22ª Exposição Agrícola de Brazlândia
- 03 a 04/09/2011 – Exposição Agrícola